

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Ana Rita da Costa Oliveira

**Eu (também) sou o Bairro: o design e a participação
em processos de mudança num contexto de
vulnerabilidade social**

Dissertação de Mestrado em
Design de Produto e Serviços

Trabalho realizado perante a orientação de:
Professor Doutor Bernardo Providência
Professora Doutora Cecília Peixoto Carvalho

Janeiro de 2020

Declaração

Nome: Ana Rita da Costa Oliveira

Endereço eletrónico: arcorita@hotmail.com

Número de telemóvel: 912088559

Número do Cartão de Cidadão: 14752116 5 ZY6

Título do relatório: Eu (também) sou o Bairro: o design e a participação em processos de mudança num contexto de vulnerabilidade social

Orientadores: Professor Doutor Bernardo Providência
Professora Doutora Cecília Carvalho

Ano de conclusão: 2020

Declaro, por minha honra, que o trabalho que apresento é original e que todas as citações estão corretamente identificadas. Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética e disciplinar;

Autorizo a reprodução deste trabalho apenas para efeitos de ensino ou investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, 10 de Janeiro de 2020

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade do Minho que disponibilizou todas as condições necessárias para o sucesso desta dissertação.

Ao meu orientador – o professor Bernardo Providência – pelo apoio e pelo compromisso.

Um especial obrigado à professora Cecília Carvalho pelas conversas, pelo interesse, pelo apoio e por não desistir de mim em todo este atribulado percurso.

Aos meus colegas de trabalho, Luís, Anita, Rita, Paulo, Virgínia, Ana, Emanuel e André pela paciência, compreensão e momentos de descontração. Ao Presidente do Conselho de Administração da Fábrica das Casas pela possibilidade de conciliar o trabalho com a formação profissional: sem esta flexibilidade este projeto não seria possível.

À minha informante privilegiada pelas conversas, pelos almoços, pela companhia, pela atenção, pelo carinho e pelo interesse.

A todos os moradores das Lameiras que contribuíram para esta investigação, um obrigado não será suficiente por terem partilhado a vossa vida comigo de uma forma tão sincera e por me abrirem a porta de vossa casa.

À Vânia pela companhia, pelos conselhos e pela confiança.

Por último, e deixando para o fim os mais importantes - à minha família.

Aos meus pais por me proporcionarem tudo o que foi necessário para conseguir chegar até aqui.

Ao meu irmão por ser o meu companheiro nos piores momentos, divertindo-me, quando a situação não era a espectral.

Aos meus avós pelas perguntas (ainda que não percebessem) e pelos valores que, desde pequena me transmitiram e permitissem que eu seja a pessoa que sou agora.

Aos meus tios pelo interesse, pelo incentivo, pelos conselhos, pela motivação, por não me deixarem desistir e por manterem o meu equilíbrio emocional.

Ao meu companheiro por percorrer este caminho comigo.

Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 4

Declaração a incluir na Tese de Doutoramento (ou equivalente) ou no trabalho de Mestrado

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

Os problemas, muitas vezes presumidos, que dão origem a intervenções em contextos de exclusão social, devem ser identificados e discutidos junto de quem é afetado por eles, oferecendo-lhes a oportunidade de se expressarem, contarem a sua história e refletirem sobre a sua realidade.

Tratando-se de um contexto marcado pela exclusão, o bairro social das Lameiras (Vila Nova de Famalicão), é o foco desta investigação centrada nas estratégias de design para elaborar um diagnóstico de mudança. O envolvimento da população do bairro começa numa fase preliminar, com a recolha de perspetivas pessoais de alguns moradores sobre a vida no bairro. Não se procuram visões iguais, nem um resultado ideal, mas sim um retrato real e a defesa do sentido de comunidade e de identidade, fortemente associada à satisfação pessoal e à qualidade de vida. Deste modo, prevê-se que o co-design possa ser utilizado como auxílio no diagnóstico com a perspetiva de mudança.

A aproximação à comunidade, fez-se através de entrevistas informais onde os patamares do bairro das Lameiras foram percorridos numa pequena exploração etnográfica. Este método permitiu estabelecer desde cedo uma relação entre os habitantes e a investigadora, visto que esta se fez sempre acompanhar de uma pessoa da confiança do entrevistado, reduzindo a rejeição à abordagem inicial e que desencadeou uma amostra da população em bola de neve.

A segunda fase deu continuidade às entrevistas informais, que se conjugaram com uma recolha de dados quantitativos. Esta recolha foi realizada através de uma ferramenta de comunicação desenvolvida para esta segunda fase do trabalho de campo: os **Imanes da Quali-felici-dade**. Esta ferramenta propunha um exercício de hierarquização de quinze palavras associadas à felicidade e à qualidade de vida que, posteriormente, eram classificadas numa escala de três níveis: bom, mais ou menos, ou mau. Esta abordagem permitiu não só compreender o que cada morador valoriza na sua vida para ser feliz, mas também perceber como este via a sua situação em cada uma dessas categorias.

Com base no diagnóstico elaborado, foram identificadas áreas de intervenção em função das dimensões da vida mais valorizadas pela população, as quais foram classificadas de forma negativa ou pouco favorável. Foram ainda identificados projetos já realizados noutros contextos, que poderão ser pontos de partida para intervenções neste bairro.

Palavras-chave: Bairros Sociais | Co-design | Exploração etnografia | Qualidade de Vida

Abstract

The often assumed problems that origin interventions in contexts of social exclusion should be identified and discussed with those affected by them, offering them the opportunity to express themselves, to tell their story and to reflect on their reality. Being a context marked by exclusion, the social neighbourhood of Lameiras (Vila Nova de Famalicão), is the focus of this research based on design strategies to make out a diagnosis of change.

The involvement of the neighbourhood population starts, at a preliminary stage, with the gathering of personal insights, of some residents, about life in the neighbourhood. Equal perspectives are not sought, nor an ideal result, but a real portrait and the defense of the sense of community and identity, strongly associated with personal satisfaction and quality of life. This way we predict that co-design can be used as a diagnostic aid with a view or perspective of change.

The approach to the community was made through informal interviews where the levels of the Lameiras neighbourhood were covered in a small ethnographic exploration. This method allowed an early establishment of a relationship between the inhabitants and the researcher, since she was always accompanied by a person trusted by the interviewee, reducing the rejection of the initial approach and which triggered a sample of the population in a snowball effect.

The second phase continued with the informal interviews, which were combined with a quantitative data collection. This collection was done through a communication tool developed for this second phase of the fieldwork: the **Imanes da Quali-felici-dade** (it means Magnets of Quality-Happiness). This tool proposed a fifteen word hierarchy exercise associated with happiness and quality of life that were later classified on a three-level scale: good, satisfactory, or bad. This approach has allowed us not only to understand what each resident values in their lives, to be happy, but also to understand how they saw their situation in each of these categories. Based on the diagnosis made, areas of intervention were identified according to the dimensions of life most valued by the population, which were classified negatively or unfavourably. Projects already carried out in other contexts, that could be starting points for interventions in this neighbourhood, were also identified.

Key words: Social Neighbourhoods | Co-design | Ethnographic Exploration | Life Quality

NOTA PRÉVIA

A presente dissertação rege-se pelas normas do estilo bibliográfico APA 6th. As citações de textos em língua estrangeira foram submetidas a tradução livre por parte da autora e adicionadas na sua língua original ao rodapé, como referência. Todas as figuras/tabelas das quais não conste a respetiva fonte na legenda, são da autoria da autora.

Índice

Declaração	ii
Agradecimentos.....	iii
Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 4	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	viii
Índice de figuras	ix
Índice de tabelas	x
Abreviaturas	x
Capítulo 1 - Introdução	1
1.1. Contextualização	1
1.2. Objetivos	3
1.3. Motivações e expectativas.....	4
1.4. Considerações metodológicas	5
1.5. Estrutura	7
Capítulo 2 – Revisão bibliográfica	8
2.1. A Participação e design.....	8
2.2. Qualidade de Vida	9
2.3. Participação, Qualidade de Vida e Comunidade.....	10
2.4. Casos de estudo.....	11
Capítulo 3 – Contexto de estudo: Bairro Social das Lameiras	13
3.1. Associação de Moradores das Lameiras.....	14
Capítulo 4 – Fase exploratória com a Comunidade.....	19
4.1. Recolha de dados primários – Exploração etnográfica	19
4.2. Conclusões da primeira fase de entrevistas.....	28
Capítulo 5 – Fase Principal com a Comunidade	29
5.1. Imanes da Quali-felici-dade	29
5.2. Tratamento de dados.....	36
5.3. Análise e interpretação de dados	37
Capítulo 6 – Conclusões	72
6.1. Apresentação de resultados.....	74
6.2. Áreas de intervenção	77
6.3. Sugestões de intervenções.....	79
Referências Bibliográficas	83
Apêndice 1 – Casos de estudo.....	87
Apêndice 2 – Cronologia das Lameiras	96
Apêndice 3 – Resultados dos Imanes da Quali-felici-dade	101

Índice de figuras

Figura 1 - Complexo habitacional das Lameiras, em 1987.....	13
Figura 2 – Planificação do bairro, com numeração das casas e a sua tipologia.....	15
Figura 3 – Imagens de pormenores do recinto interior do bairro social das Lameiras.....	17
Figura 4 - Organização das fases da investigação, baseado no fluxo metodológico da fase exploratória de Cecília Carvalho (2018).	18
Figura 5 – Esquema do percurso etnográfico desde os informantes privilegiados.....	20
Figura 6 – Diário de campo.	23
Figura 7 – Pirâmide das necessidades de Maslow (1943).	30
Figura 8 – Esquema baseado nos conceitos que, segundo Allardt (1995), vão ao encontro do que se entende por qualidade de vida, adaptado do artigo de Selene Herculano (2000).....	31
Figura 9 – Materiais utilizados na conceção dos Imanes da Quali-felici-dade	32
Figura 10 e 11 – Peças brancas com os conceitos e peças coloridas com a classificação dos conceitos, imagem da esquerda e da direita, respetivamente.....	33
Figura 12 – Conjunto das peças que constituem os Imanes da Quali-felici-dade	34
Figura 13 – Mapa circular com o conteúdo dos resultados obtidos nos Imanes da Quali-felici-dade , baseado no modelo de visualização de dados de Cecília P. Carvalho (2018), na sua tese de doutoramento.....	75
Figura 14 – Imanes para oferecer aos moradores que participaram nesta investigação, utilizando a mesma técnica para a execução dos Imanes da Quali-felici-dade	76

Índice de tabelas

Tabela 1 – Caraterização de cada caso de estudo.....	12
Tabela 2 – Organização dos dados recolhidos nas entrevistas informais à questão: Gosta de viver no bairro?.....	38
Tabela 3 – Relação entre a hierarquia das escolhas dos participantes e a sua respetiva classificação. 70	

Abreviaturas

AML – Associação de Moradores das Lameiras

CHL – Complexo Habitacional das Lameiras

DIWO – *Do It With Others*

DIY – *Do It Yourself*

DP – Design Participativo

IGAPHE – Instituto para a Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

OMS – Organização Mundial de Saúde

QdV – Qualidade de Vida

RO – Rita Oliveira

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local

Capítulo 1 - Introdução

1.1. Contextualização

Fantasia-se um mundo livre da pobreza. Procuram-se iniciativas para reverter esta situação com aquilo que, quem “vê de fora”, considera que é humanamente imprescindível para viver. Todavia, são poucos os estudos que se focam em realmente perceber o que na verdade é valorizado por quem vive num contexto de exclusão social.

Um dos problemas das populações excluídas poderá não ser só a exclusão dos próprios, mas também a sua indiferença pela vida comunitária. Poderá o motivo recair na desmotivação para a mudança? Será que os agentes externos dão reais oportunidades para as pessoas intervirem nas decisões? Este fator funciona como causa-efeito na resolução tantos dos próprios problemas como nos da comunidade, ou seja, não se exprimem porque se sentem excluídos e, consequentemente, são excluídos por não transmitirem a sua visão.

“Li na edição de 14 de novembro de 2003, na página dois do jornal Notícias de Famalicão, a propósito das comemorações do «dia do urbanismo», onde se perguntava a algumas pessoas qual o Edifício mais bonito da cidade e o mais feio. Não me recordo se a pergunta estava formulada desta maneira, até porque neste momento, já não tenho o jornal, uma vez que o emprestei a uma pessoa amiga e na altura que escrevo não tenho bem presente a forma como a questão foi colocada. No entanto, retive duas respostas, de duas jovens, que consideravam o Edifício das Lameiras, o mais feio. Até aqui, nada a opor, é uma opinião pessoal e uma questão de gosto, que cada um entenda manifestar. O que não possa concordar é com o adjetivo então colocado, que referia ser «devido ao mau ambiente».”

Ao ler o excerto, subentende-se que este preconceito é uma realidade com que os moradores do CHL - Complexo Habitacional das Lameiras têm de lidar diariamente, devido à sua morada. Ainda assim, são muitas vezes excluídos e marginalizados “pelos de fora do bairro”.

Nos bairros sociais, frequentemente associados a problemas de exclusão social, encontram-se vidas que refletem esta realidade, histórias e problemas que revelam, efetivamente, necessidades de mudança. Mas que mudanças? Muitas questões se apoderam do pensamento: o que é que é prioritário mudar, afinal? Como perceber o que as pessoas realmente necessitam? As pessoas são felizes? Quais são as suas ambições?

No entanto, com frequência, estas questões são respondidas pelos que nada conhecem do que é viver num bairro, consoante as suas perspetivas de vida e o que se definiu como “uma vida boa”. Mas o que se entende por “vida boa”? Isso não é algo pessoal? Ou todas as pessoas têm os mesmos objetivos e aspirações para o futuro?

¹ Episódio narrado por José Maria Carneiro Costa, no livro “Lameiras – Linhas do Tempo”, p.75.

“Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos públicos do país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos.”

Artigo 48º da Constituição da República Portuguesa – Participação na vida pública

“A partir daqui coloca-se uma outra questão: como tornar a pessoa participativa na resolução do problema que apresentou?” (COSTA e LOBO, 2011, p. 176). Segundo José Maria Carneiro Costa, “todos têm o direito de criticar, de propor alternativas, de apresentar novas propostas de ação de participar ativamente na vida da comunidade (...) No entanto, poderia melhorar muito mais a sua forma de atuar, se todos se empenhassem naquilo que é de todos” (COSTA, 2011, p.113). Deste modo, outro objetivo seria dar continuidade, em jeito de parceria, ao trabalho realizado pela AML – Associação de Moradores das Lameiras, impulsionando a participação comunitária.

Todavia, “existem locais onde os moradores podem de viva voz expor os seus problemas. Esses locais são as Assembleias gerais. Não participar nelas por motivos não justificados, é a mesma coisa que permanecer desinteressado dos problemas da comunidade” (COSTA e LOBO, 2011, p.134). Se estes locais existem e se é dada esta oportunidade de expressão, porque é que as pessoas não o fazem? Por vezes, experiências passadas dos moradores, que resultaram em fracassos, deixam-nos reticentes em abordagens futuras. Contudo, isto não quer dizer que, se um determinado meio de expressão existiu e não funcionou, não quer dizer que nenhum outro irá funcionar.

Possibilitar esta exposição de opiniões e vivências do bairro poderá não ter só um caráter depreciativo, no sentido em que esta investigação seja encarada como um meio para apenas “debitar os problemas existentes”, mas de se reverem nos problemas e assim poderem contribuir para a sua resolução. Nesta investigação, os problemas serão definidos a partir da “identificação dos pontos de vista de todos os participantes, as suas preocupações (...) que contribuirão para a proposta de trabalho tanto na exploração como no desenvolvimento [da solução] (...) a partir da qual o designer formula um modelo de trabalho adequado”² (BUCHANAN, 1992, p.17).

A identificação do problema constitui o início fundamental de qualquer processo de design. Um problema mal definido originará intervenções falhadas. “Neste sentido, o designer mantém uma visão ampla da natureza do design e da abordagem adequada à sua aplicação”³ (BUCHANAN, 1992, p.17).

² “(...) identifying the views of all participants, the issues which concern them, and the invention that will serve as a working hypothesis for exploration and development (...) from which the designer fashions a working hypothesis suited to special circumstances.”

³ “In this sense, the designer holds a broad view of the nature of design and the proper scope of its application.”

1.2. Objetivos

Como pode o design contribuir para a compreensão e exposição dos problemas reais, com vista a futura(s) intervenção(ões) na melhoria da qualidade de vida no bairro social das Lameiras?

O objetivo desta investigação centra-se na definição do problema, focando-se na primeira etapa de um processo de design e nos princípios do design participativo onde o designer se converte no mediador da exploração. A identificação do problema será realizada visando um futuro desenvolvimento deste projeto junto da população, para, “em seguida, calcular uma solução”⁴ (BUCHANAN, 1992, p.15).

Promover a voz dos moradores de um bairro, valorizando a sua opinião, colocando-os como peças centrais no processo de decisões com influência na sua vida e envolvendo-os no processo será parte integrante deste percurso, procurando através das perspetivas pessoais e individuais, perceber em que condições vivem e qual a sua posição relativamente a elas, sem presumir o que cada um pensa ou necessita.

Perceber o que realmente cada um pensa sobre a sua qualidade de vida, do que precisa para atingir “uma vida boa” e de que forma isso se reflete na sua condição atual. Perante o que cada um pensa sobre a sua qualidade de vida, do que precisa para atingir “uma vida boa” e de que forma isso se reflete na sua condição atual, serão identificados desafios reais, tanto na vida pessoal como comunitária. Esta investigação pretende ainda ir ao encontro dos valores de inclusão e participação, aliadas às dinâmicas participativas que a AML já implementa no bairro social das Lameiras.

⁴ “The designer’s task is to identify those conditions precisely and then calculate a solution.”

1.3. Motivações e expectativas

Um trabalho realizado *com* pessoas, torna-o imprevisível, resultando por vezes em entraves, que podem residir na relutância em partilhar episódios da sua vida privada ou que os envolvidos encarem o investigador como alguém que vai resolver os seus problemas no imediato.

A integração na comunidade e o acesso à informação também são fatores decisivos para o sucesso, uma vez que a investigadora irá assumir um papel de ouvinte e facilitadora das experiências de vida dos moradores.

A expectativa é de contribuir para uma sociedade mais justa e compreensiva de uma realidade por vezes desvalorizada, passando uma visão mais clara do que é a vida neste bairro social e cooperar na reversão das situações de exclusão social, ao mesmo tempo que se promovem as relações interpessoais e o que cada um considera como qualidade de vida. Esperam-se ainda reflexões sobre a vida pessoal, a valorização do que se tem e do que se ambiciona ter.

Este projeto de mestrado em design é movido por uma vontade de ir “(...) aproximando o estudante de design dos problemas da sociedade” (MELLO *et al*, 2012, p.109) e de exaltar as palavras de José Maria Costa (2011, p.123): “nunca seremos tão pobres, que não tenhamos nada para dar e tão remediados que não tenhamos nada para receber.”

1.4. Considerações metodológicas

Em cada uma das fases desta investigação, será apresentada uma explicação mais pormenorizada da metodologia utilizada.

Numa primeira fase, foram reunidos e analisados artigos, trabalhos académicos, documentos literários e outros projetos que se enquadravam na temática definida. Esta bibliográfica focou-se não só em projetos participativos e/ou de investigação com comunidades desfavorecidas, mas também nas respetivas metodologias adotadas. Contudo, Kaufman (2013) refere que “a metodologia só pode ser transmitida como um saber explícito em pequenas doses: o melhor tratado sempre fornecerá apenas alguns instrumentos. Nada substitui a experiência” (citado por OLIVEIRA, 2015, p.994).

A investigação-ação é a estratégia que melhor se adequa aos objetivos apresentados nesta dissertação. Para isso, foi necessário implementar uma metodologia que fosse ao encontro do objetivo: a definição de um problema. “A investigação-ação envolve a abordagem e, em alguns casos, a solução desses problemas. O foco principal não é a investigação com o objetivo de expandir o conhecimento, mas de alcançar a mudança”⁵ (GRAY, 2013, p.10).

Equiparando a metodologia à construção de uma casa, onde “não há dois lugares iguais, não há dois arquitetos que trabalhem da mesma maneira e não há dois proprietários com as mesmas necessidades” (BECKER, 1999, p.12), sendo, por isso fundamental que se adeque o resultado às pretensões de cada um. Ao defender que não há dois problemas iguais, a metodologia deveria ser personalizada consoante o meio e o público sujeito à pesquisa, “adaptando os princípios gerais à situação específica” (BECKER, 1999, p.12), esperando que, cada investigador, direcione os seus métodos a um determinado problema e/ou ambiente.

Desde a primeira etapa de recolha de dados, utilizaram-se princípios da etnografia enquanto “método de pesquisa que procura compreender fenómenos culturais que refletem o conhecimento e os significados que norteiam a vida dos grupos culturais no seu próprio ambiente”⁶ (GRAY, 2017, p.14).

Para esta decisão contribuiu o desafio de acesso a uma população vulnerável e externa à investigadora (*Hard-to-find* ou *Hard-to-study populations* (BERNARD, 2006, p.192)) e, por isso, numa fase posterior de recolha de dados usou-se uma amostragem em bola de neve. Na perspetiva partilhada por Biernarcki e Waldorf (citados por VINUTO, 2014, p.204), “o método [bola de neve] é adequado para vários propósitos de pesquisas e (é) particularmente aplicável quando o foco de estudo é sobre uma questão delicada, possivelmente relacionada com um assunto pessoal, e, por isso, requer o

⁵ “Action research is about addressing and, in some cases, solving these problems. The key focus is not research for the sake of expanding knowledge but on achieving change (often in a company, school, college or community setting).”

⁶ “... ethnography is a research method that seeks to understand cultural phenomena that reflect the knowledge and meanings that guide the life of cultural groups within their own environment...”

conhecimento de pessoas que já estão integradas na comunidade para fazer esse estudo⁷.” Dessa forma, a grande vantagem dessa forma de amostragem é o facto dos entrevistados serem recrutados a partir da relação pessoal das pessoas dispostas a indicar contatos, o que pode emprestar confiabilidade ao entrevistador, como alega Becker (citado por VINUTO, 2014, p.208) “esta estratégia resolve o problema de acesso de forma conveniente: pelo menos se conhece alguém que pode ser observado ou entrevistado, e tentando fazer com que este indivíduo o apresente a outros e seja seu fiador.”

Este método é mais eficaz quando aplicado numa população mais pequena, visto que, num universo de maior dimensão, as pessoas “mais populares” tendem a ser escolhidas mais vezes. Ao não controlar a escolha das pessoas, existe a probabilidade de elas indicarem sucessivamente pessoas do seu círculo pessoal, com os mesmos ideais, histórias e opiniões. Para contornar esta questão, foi eleito mais do que um informante privilegiado. Estes informantes foram fundamentais, tanto na contextualização do espaço como na integração da investigadora no mesmo.

Para além disso, segundo Johnson e Onwuegbuzie (2004), citados por Almendra (2014, p.191), ainda é possível combinar métodos, resultando em duas categorias: modelo-misto ou método-misto⁸. O modelo misto desta investigação teve início com uma recolha de dados qualitativa (através de entrevistas informais) e, após essa exploração ao contexto e foco de estudo, a abordagem qualitativa foi combinada com uma abordagem quantitativa.

A fase exploratória teve a duração de uma semana (de 13/07/2019 a 20/07/2019) e, após os dados recolhidos, houve um período de pausa no trabalho de campo de cerca de um mês para o planeamento da fase principal que consistiu nas entrevistas informais e nos **Imanes da Quali-felici-dade** e que durou cerca de um mês (de 21/08/2019 a 22/09/2019).

Durante o contacto com a população é de realçar que, no que respeita às considerações éticas adotadas nesta investigação, foi obtido verbalmente o consentimento para a publicação das informações partilhadas no âmbito deste projeto de mestrado com o compromisso de manter o anonimato de todos os participantes.

⁷ “The method is well suited for a number of research purposes and is particularly applicable when the focus of study is on a sensitive issue, possibly concern- ing a relatively private matter, and thus requires the knowledge of insiders to locate people for study.”

⁸ ALMENDRA, R. (2014) Metodologia e métodos aplicados ao estudo dos processos de design *in* RAMOS, T. B. *Arquitetura – Urbanismo - Design: Metodologias e métodos de investigação*. Casal de Cambra: Calendoscópio.

1.5. Estrutura

Esta dissertação está organizada em sete capítulos: introdução, estado da arte, estudo de caso, fases de investigação, estratégias de intervenção e conclusões.

No **Capítulo 1 – Introdução**, é identificado o problema que motivou a escolha deste tema, bem como os objetivos, motivações e expectativas a alcançar nesta investigação. Para além disso, faz-se referência às considerações metodológicas utilizadas na realização desta dissertação, através de um suporte teórico.

No **Capítulo 2 – Revisão bibliográfica**, são apresentados casos de estudo e projetos de intervenção social participativa, bem como referências bibliográficas relativas ao contexto de bairros sociais, de participação e do que se entende por qualidade de vida.

O **Capítulo 3 – Estudo de Caso**, encontra-se dividido em duas grandes partes: uma apresentação do Complexo Habitacional das Lameiras, contando a sua história, os seus costumes e os seus valores. Esta contextualização é fortemente apoiada no livro “*Lameiras – Linhas do Tempo*” escrito por um dos maiores impulsionadores da AML, José Maria Carneiro Costa, com a colaboração da Doutora Fátima Lobo, investigadora da Universidade Católica Portuguesa.

O **Capítulo 4 – Fase Exploratória com a Comunidade**, inicia-se com a recolha de dados qualitativa através da metodologia eleita: a etnografia, suportada na amostragem em bola de neve. Esta etapa permitiu definir uma abordagem quantitativa.

O **Capítulo 5 – Fase Principal com a Comunidade**, é aliada às entrevistas informais a recolha de dados quantitativa através dos **Imanes da Quali-felici-dade**. Depois disso, procedeu-se ao tratamento e consequente análise dos resultados obtidos em ambas as intervenções, estes foram tratados analisados, interpretados para que culminassem na validação dos mesmos.

O **Capítulo 6 – Conclusões**, reflete sobre o percurso da investigação e do enquadramento do design nesse processo. Para além disso, são avaliados os resultados obtidos e o cumprimento dos objetivos estipulados no início deste projeto. Este Capítulo contém ainda uma secção destinada à divulgação dos resultados obtidos e também um conjunto de sugestões de intervenções tendo em consideração os dados recolhidos no percurso etnográfico. Estas melhorias focam-se na participação dos moradores e na criação de mecanismos independentes, procurando que este efetivamente funcione, mesmo com o término desta investigação.

No fim, encontram-se os **Apêndices** como complemento à informação dos capítulos anteriores.

Capítulo 2 – Revisão bibliográfica

2.1. A Participação e design

De acordo com Nigel, o design participativo foi criado perante a incapacidade dos designers conceberem os produtos destinados aos utilizadores eficazmente, dando origem à “participação do utilizador no design”⁹ Cross (1972) citado por Sanders e Stappers (2008, p.7), Ainda que essenciais, a participação destas pessoas não as transforme em designers, mas os processos de design deverão contar com os conhecimentos de outras pessoas e de outras áreas (BUXTON, 2005, p.53). E porque se tem vindo a perceber que, mais do que projetar *para*, é importante projetar *com* os potenciais utilizadores, são cada vez mais frequentes estas práticas de design.

O envolvimento dos utilizadores nos processos de design, ainda ocorre com frequência na fase final ou avançada de desenvolvimento de projeto. Contudo, pretende-se que esta participação seja interativa, através de métodos e técnicas dinâmicas que permitem “... ir mais além alargando o âmbito da participação para incluir os vários interessados nas atividades de desenvolvimento de conceito e na melhoria das suas habilidades de expressão e discussão das ideias de design (...)”¹⁰ (BRANDT e MESSETER, 2004, p.121).

“(...) a prática da criatividade coletiva no design existe há quase 40 anos, sob o nome design participativo”¹¹ (SANDERS e STAPPERS, 2008, p.7). Porém, o conceito de co-design vem complementar esta prática. Enquanto o design participativo, pressupõe o envolvimento de “não designers” no desenvolvimento do projeto, o co-design procura incluir estes elementos não só “[n]a participação no momento da tomada de decisão, mas (...) [n]a participação no momento da geração da ideia”¹² (SANDERS e STAPPERS, 2008, p.8). Em qualquer dos casos, o designer desempenha um papel impulsionador e mediador, “liderando, guiando e suportando”¹³ (SANDERS e STAPPERS, 2008, p.14) a criatividade de todos os envolvidos.

“A essência do co-design no espaço público assenta, então, na construção da ligação entre os diversos intervenientes no processo, profissionais e leigos, de modo a permitir uma participação e empenho ativos, independentemente do meio social, cultural ou profissional dos participantes” (ÁGUAS, 2012, p. 63).

⁹ “...user participation in design.”

¹⁰ “... to go further by expanding the scope of participation to include multiple stakeholders in concept design activities, and enhance their abilities of expressing and negotiating design ideas.”

¹¹ “Actually, the practise of collectivity in design has been around for nearly 40 years, going under the name *participatory design*.”

¹² “We could talk not (only) about participation at the moment of decision but about participation at the moment of idea generation...”

¹³ “... leading, guiding and providing scaffolds...”

Segundo Sanders e Stappers (2007, p.15), o co-design não permite apenas que as pessoas possam escolher as experiências criativas em que vão participar, mas também que se tornem especialistas nessas mesmas experiências. Para isso acontecer, é necessário dar-lhes voz e ter confiança nas suas capacidades criativas. O sucesso dos processos de co-criação permitirá que, estes 'não-designers' disponham de competências e ferramentas de expressão para uso futuro (SANDERS e STAPPERS, 2007, p.15).

2.2. Qualidade de Vida

“(...) já que, muitas vezes, na busca de acrescentar «anos à vida», era deixada de lado a necessidade de acrescentar «vida aos anos»” (FLECK, M. et al, 1999, p.20).

Por definição, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) entende-se por Qualidade de Vida (QdV), “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.”¹⁴

Ao nível da investigação, a QdV está fortemente associada à saúde, como refletem os estudos encontrados. Nesses o objetivo era medir a QdV em pessoas com diversas patologias, através de inquéritos, feitos preferencialmente, aos próprios pacientes, uma vez que, “as respostas dadas por outros respondentes (familiares ou pessoas próximas) mostraram diferenças relevantes se comparadas aos resultados dos próprios pacientes, sendo que os familiares e amigos tenderam a avaliar de modo menos favorável a Qualidade de Vida dos sujeitos” (SEIDL e ZANNON, 2004, p.585).

Contudo, a QdV não é um conceito exclusivo da saúde e, por isso, “... a contribuição de diferentes áreas do conhecimento pode ser valiosa e mesmo indispensável” (SEIDL e ZANNON, 2004, p.586).

“(...) a presença de condições consideradas necessárias para uma vida boa e a experiência de viver uma vida boa, designadas respetivamente, Qualidade de Vida presumida (presumed) e Qualidade de Vida manifesta (apparent). Quando queremos dizer que a Qualidade de Vida de um país é pobre, referimo-nos a condições de vida deficitárias, tais como a alimentação, a habitação e a saúde. Ao nível individual, o termo Qualidade de Vida pode ter ambos os significados. Quando dizemos que uma pessoa não tem uma vida boa, podemos dizer que ela não tem as condições consideradas indispensáveis ou que essa pessoa não está satisfeita. Estas condições podem coexistir, mas não é obrigatório que coexistam. Ou seja, uma pessoa pode ser rica, poderosa e popular e, ainda assim, estar insatisfeita. Por outro lado, uma pessoa pobre, sem poder e isolada pode, apesar disso, sentir-se bem, tanto física como mentalmente” (Veenhoven, 1996, citado por Galinha, 2008, p.35-36).

¹⁴ Recuperado de: <https://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/>

2.3. Participação, Qualidade de Vida e Comunidade

Vários estudos e projetos têm vindo a fomentar as relações de comunidade pela relevância desta componente no conceito de QdV.

Dalton, Elias e Wandersman (2001, citados por Elvas e Moniz, 2010, p.452) referem que a “participação comunitária não se resume apenas a um suporte ou ajuda entre membros de um determinado grupo, envolve também o seu contributo efetivo nas decisões com impacto na mudança social”, reforçando a ideia de que a envolvimento das pessoas nos problemas da comunidade aproxima-as, contribuindo para o sentimento de comunidade e identidade local (Ornelas, 1998, p.5, citado por Elvas e Moniz, 2010, p.451).

De acordo com Piaget (em Santos, 2009, p.182), o ser humano tende a valorizar mais as coisas quando se identifica com elas. Ou seja, se o subconsciente considerar que esse objeto reflete identidade ou o que faz parte dela. Foi Bowlby (em SANTOS, 2009, p.186) que iniciou a pesquisa desta teoria em adultos, com base nas ideologias de Piaget focadas nas crianças.

A título de exemplo, o estudo de Elvas e Moniz (2010, p.461), desenvolvido em dois bairros sociais, tinha como objetivo verificar de que forma o sentimento de comunidade e participação, qualidade de vida e a relação com os vizinhos se interligavam. Constatou-se que “onde estão presentes ligações mais fortes de vizinhança e ligações de identificação com a comunidade de residência, existe um maior grau de sentimento de pertença e de identidade com o bairro e, conseqüentemente, visto ser proporcional, um maior nível de satisfação e qualidade de vida.” Deste modo, conclui-se que existe “uma ligação forte e direcional entre o sentimento de comunidade e a satisfação e qualidade de vida.”

2.4. Casos de estudo

Os casos de estudo analisados, têm a participação como elemento comum, suportando-se no conceito DIWO (Do It With Others) – “Faz isso com outros”, onde o objetivo foi sempre melhorar a qualidade de vida das pessoas, motivando-as a fazer parte do projeto com as suas valências.

A participação dos utilizadores na execução do projeto é essencial visto que são eles que irão usufruir do que for feito. Apesar do projeto **SAAL (1976-78, Portugal)** não ter tido o desfecho esperado, teve um grande impacto positivo devido ao envolvimento expressivo da população em diversas zonas do país, além das habitações que foram projetadas *com* os moradores e não *para*, e efetivamente construídas. Em **DIY Home Modifications (2014, Austrália)**, verifica-se que o que é concebido não se enquadra com as necessidades. A **Landfill Harmonic (2009, Paraguai)** reutiliza lixo para fazer instrumentos de música que afastam as crianças de uma comunidade pobre do mundo das drogas, abrindo-lhes portas para um novo futuro educativo. À sua semelhança o projeto **Cucula (2013, Alemanha)** oferece aos refugiados uma oportunidade de emprego e de educação para que se integrem na sociedade. É através dos trabalhos manuais que mostram as suas valências e a venda do mobiliário reverte para o funcionamento desta instituição sem fins lucrativos. Com os mesmos princípios, o projeto universitário de Carolina Iuva e Mello (ano da tese ou relatório e país), encontra no **Artesanato (2010, Brasil)** um meio para a geração de renda e resgate cultural de uma comunidade onde as mulheres foram ensinadas pela sua equipa a costurar para fazerem diversos objetos para venda. No Algarve, também se promove a cultura e as técnicas ancestrais da região, aliadas a um design moderno, que se reflete no projeto **TASA – Técnicas Ancestrais Soluções Atuais (2010, Portugal)** – onde designers e artesãos trabalham em conjunto na inovação destas técnicas, mantendo viva a tradição e a cultura. São as tradições, os hábitos, as rotinas e as histórias de vida que os **Space Transcribers (2018, Portugal)** pretendem “dar a conhecer” o modo de vida dos moradores de bairros sociais, procurando reverter preconceitos e a exclusão, através da consciencialização do que é, efetivamente, a vida num bairro. Esta consciencialização é promovida pelo projeto **Urban Repair Squad (2005, Canadá)** que realiza reparações para a segurança dos ciclistas da cidade de Toronto, em parceria com todos que se quiserem juntar a esta iniciativa autónoma. Paralelamente, **A Cidade Precisa de Você (2013, Brasil)**, que ganhou vida no Brasil, e onde todos os cidadãos podem – e devem – dar o seu contributo à cidade, tanto em opiniões, como na sua edificação. Esta iniciativa visa a melhoria dos espaços públicos e de lazer, tendo como base de trabalho a reutilização de materiais e a sustentabilidade na construção das peças. Ainda num conceito de sustentabilidade, o movimento **Refood (2011, Portugal)** oferece a quem necessita, um “prato quente de comida” no final do dia, proveniente das grandes indústrias de restauração. Este projeto visa, não só alimentar várias famílias diariamente, de Norte a Sul de Portugal, como também reduzir o desperdício de alimentos em perfeitas condições de consumo. Por fim, rematando a área alimentar, o projeto de doutoramento desenvolvido por Cecília P. Carvalho (2015-18, Portugal), aborda o **papel do design na cocriação de alternativas contexto de exclusão social**, explorando o tema dos hábitos alimentares e da gestão de orçamento familiar entre os moradores de

um bairro social, através de recursos manuais, acessíveis e interativos e da investigação-ação participativa.

Na tabela 1 estão reunidos onze casos de estudo (cujos detalhes podem ser consultados em apêndice) em que o único elemento comum é a participação, complementando-se noutras vertentes. Num universo paralelo, o contexto vulnerável é frequentemente palco destas intervenções participativas, onde apenas quatro dos casos de estudo não se inserem nestas circunstâncias. O processo co-criativo detém também grande destaque e está presente em seis dos casos de estudo. As restantes categorias – habitação, alimentação, economia, educação e cultura – são mais específicas e, por isso, nem todos os projetos conseguem abranger mais do que duas delas simultaneamente.

<i>PROJETO</i>	<i>Participativo</i>	<i>Co-criativo</i>	<i>Contexto vulnerável</i>	<i>Habitacional</i>	<i>Alimentar</i>	<i>Económico</i>	<i>Educativo</i>	<i>Cultural</i>
<i>SAAL</i>	x	x	x	x				
<i>Urban Repair Squad</i>	x	x					x	x
<i>Landfill harmonic</i>	x		x				x	
<i>Resgate – Artesanato</i>	x		x			x		x
<i>TASA</i>	x	x				x		x
<i>Refood</i>	x		x		x			
<i>A Cidade Precisa de Você</i>	x	x						x
<i>Cucula</i>	x	x	x			x	x	
<i>DIY Home Modifications</i>	x			x				
<i>Design e exclusão social</i>	x	x	x		x		x	
<i>Space Transcribers</i>	x		x					x

Tabela 1 – Caraterização de cada caso de estudo.

Capítulo 3 – Contexto de estudo: Bairro Social das Lameiras



Figura 1 - Complexo habitacional das Lameiras, em 1987.¹⁵

O Bairro Social das Lameiras situa-se em Vila Nova de Famalicão (cronologia detalhada no Apêndice 2), “com pátios coletivos fechados”¹⁶ (GOMES, 1995, p.562), foi concebido pelo arquiteto local Noé Diniz. O facto de estar praticamente no centro da cidade, foi uma das questões que mais controvérsia trouxe à sua construção, sendo que, na mesma rua está a Central de Camionagem e o Pavilhão Municipal das Lameiras (construído posteriormente) e a cerca de 1,5km, está o Hospital e as Piscinas Municipais.

Todavia, não foi só o início que foi conturbado, uma vez que durante a construção do edifício, a empresa vencedora do concurso público faliu. Foi nas vésperas do Natal de 1982 que três famílias foram alojadas neste bairro que, mesmo sem água nem luz, eram uma melhor opção para passar o Natal, do que as casas onde habitavam. Foi em janeiro que começaram a distribuir as chaves das casas daquele bairro aos seus futuros moradores e, em apenas dois meses, já estavam praticamente todas ocupadas.

Contudo, este Edifício ainda não tinha sido inaugurado, talvez devido à consciência dos seus problemas estruturais e falta de condições, prevendo que uma inauguração só ia revoltar (ainda mais) os moradores. Como a união dos moradores já se fazia notar nesta altura, foi nesse ano, pela Páscoa, que solicitaram o contributo da Paróquia de S. Tiago de Antas, celebraram uma missa campal e assinalaram esse dia como o “Dia do Edifício” (COSTA e LOBO, 2011, p.12).

¹⁵ Imagem recuperada de: <https://amlameiras.pt/associacao>

¹⁶ GOMES, P. V. (1995) A Revolução com um Grão de SAAL (1974-1976/1979) in PEREIRA, P. *GRANDES TEMAS DA NOSSA HISTÓRIA: História da Arte Portuguesa*. Terceiro Volume: Do Barroco À Contemporaneidade (p.562). Círculo de Leitores.

A má reputação daquele complexo habitacional circulava pela cidade apelidando-o com nomes pejorativos. Para reverter esta situação, foi solicitado ao Sr. Presidente da Câmara que atribuisse um nome ao Edifício e que este fosse colocado nas duas torres frontais da Avenida Marechal Humberto Delgado. E assim foi. Com a ajuda dos Bombeiros Voluntários de Famalicão, foram colocadas nas torres as letras desenhadas para designar este bairro: “Edifício das Lameiras” (COSTA e LOBO, 2011, p.11).

Este edifício é constituído por 290 habitações (figura 2), distribuídas por 30 – T0; 80 – T2; 120 – T3 (duplex) e 60 – T4 (duplex). Atualmente, no próprio edifício ainda há minimercados, cabeleireiro, pastelaria, cafés, quiosque e outras lojas e, nas proximidades, bancos, correios, supermercados e farmácia. Segundo a AML, em 2015, estimava-se que residiam cerca de 1500 pessoas neste bairro, distribuídas por 320 famílias e que, segundo estes dados, podemos assim estimar que a média por habitação é de 5,2 pessoas.

Todavia, “viver nas Lameiras hoje, não é motivo de exclusão como aconteceu há 20 anos, mas motivo de orgulho e prazer de viver num espaço que possui infraestruturas sociais, como poucas freguesias do Concelho (...) apesar dos problemas que existem e continuarão a existir, é pertencer a uma comunidade que cresceu e que tornou mais adulta e responsável” (COSTA e LOBO, 2011, p.142).

3.1. Associação de Moradores das Lameiras

A Associação de Moradores das Lameiras foi oficialmente criada no dia 25 de maio de 1984, apesar de já estar em funcionamento. Foi na Festa da Páscoa desse ano, aquando a inauguração do Edifício, que esta semente associativista despertou num grupo de moradores, a necessidade de uma organização que defendesse os interesses do bairro e dos seus habitantes. Numa das primeiras assembleias ficou definido que as pessoas teriam de eleger um representante do seu patamar (entre oito ou quinze casas) para frequentar as reuniões, como meio de envolver democraticamente a comunidade.

Ano após ano, esta Associação faz questão de celebrar as datas mais importante, através de eventos que promovem o convívio entre moradores. Não é apenas o Natal, a Páscoa, o S. Martinho e o Carnaval que assinala, mas sim todas as datas relevantes para a comunidade. A festa de final de ano da escola é um dos momentos que reúne mais moradores, bem como a Comemoração do Aniversário da AML que tanto preza pelos interesses dos moradores do bairro. Para além disso, o Dia do Pai, Dia da Mãe, Dia dos Avós, Dia das Crianças não ficam esquecidos e contam anualmente com várias atividades que promovem a partilha intergeracional (COSTA e LOBO, 2011, 181). Estes eventos são divulgados no website da AML, nas suas redes sociais, no Boletim trimestral “Lameiras” (na sua versão física e digital) e pelo mais poderoso meio de transmissão de informação: o “passa-a-palavra”.

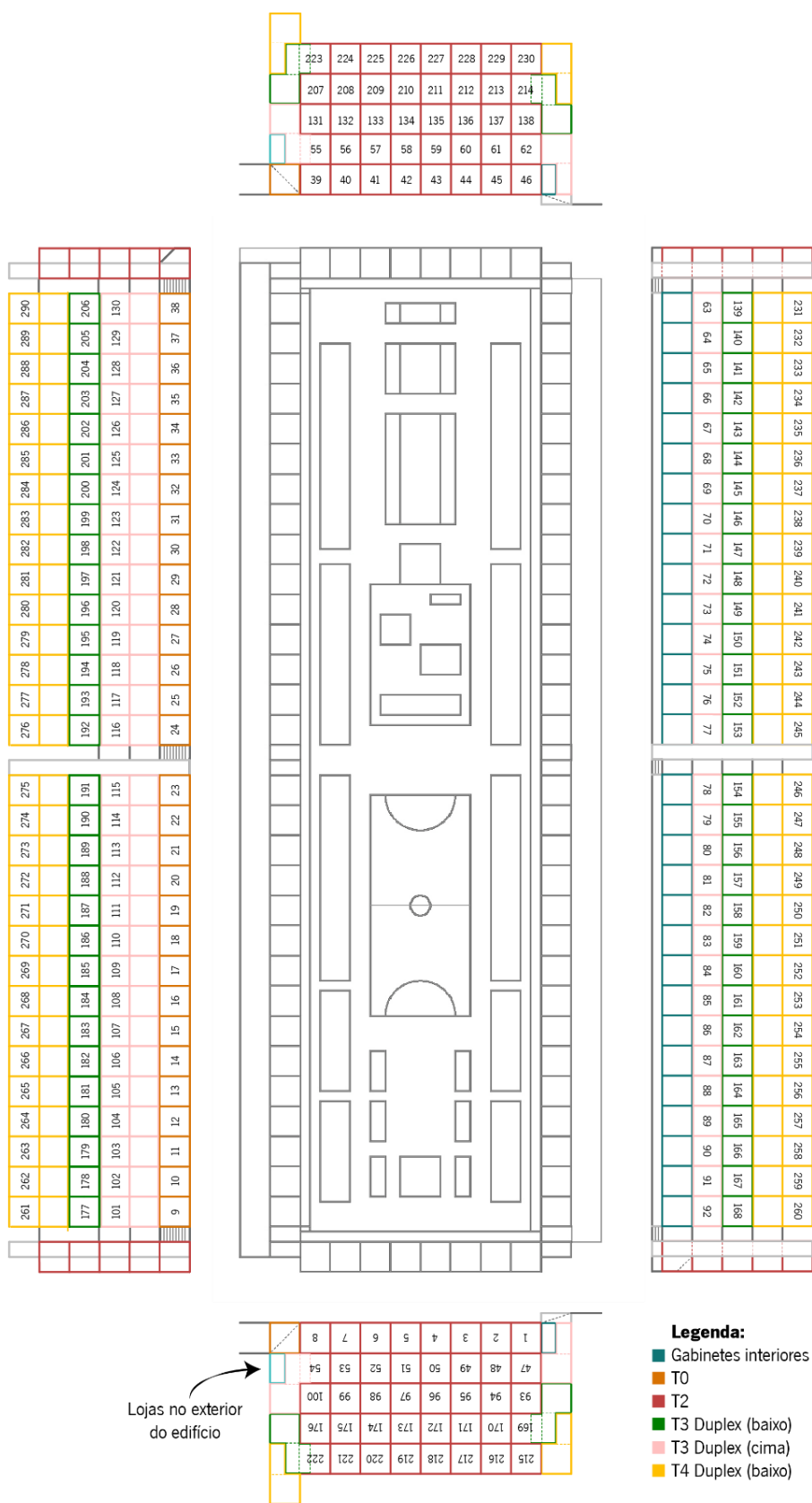


Figura 2 – Planificação do bairro, com numeração das casas e a sua tipologia.

Para divulgar estas e outras atividades da Associação de Moradores das Lameiras, foi criado, em fevereiro de 1987 o “Lameiras” – Boletim Cultural e Informativo. Atualmente, este pequeno jornal ainda contempla os moradores com edições trimestrais, movendo-se pelos voluntários que nele escrevem.

A participação é um dos valores ativos desta Associação, “combatendo uma sociedade de gente passiva (...) aliciando a população para uma participação mais ativa em tudo o que lhe diga respeito” (COSTA e LOBO, 2011, p.53). Na edição de dezembro de 1991 do “Lameiras”, José Maria Carneiro Costa relembra a falta de condições do Complexo e a necessidade de reparações. Por outro lado, revela também que “para minorara a situação, alguns moradores têm-se oferecido, dentro da sua especialização profissional, para fazer pequenas reparações” (COSTA e LOBO, 2011, p.97). É assim que se cumprem os objetivos definidos por esta organização, predominando a solidariedade que é maior quando se “participa ativamente nas tarefas da comunidade e na vida associativa” (COSTA e LOBO, 2011, p.131).

Projeto TRAÇO – Intervenção Urbana nas Torres do Edifício das Lameiras

Em agosto de 2018 o Complexo Habitacional das Lameiras ganhou vida numa parceria da AML e a Casa ao Lado¹⁷ que, juntamente com as crianças do bairro, pintaram as quatro torres do edifício com personagens históricas nacionais ligadas à cidade: Bernardino Machado, Camilo Castelo Branco, Júlio Brandão e Alberto Sampaio. Os próprios jovens moradores – sem experiência na área -pintaram as suas caras nos murais interiores (imagem do canto inferior direito da figura 3¹⁸), “permitindo-lhes usufruir de experiências artísticas, conhecer outras realidades e deixar a sua marca na zona onde residem.”¹⁹

¹⁷ A CASA AO LADO “cria uma atmosfera ímpar ao desenvolver as suas valências de ensino, experimentação e intervenção numa ação intergeracional promotora do conhecimento e sensibilização artística”, cumprindo “um papel ativo de dinamizador cultural através da promoção e divulgação de projetos e atividades artísticas de intervenção urbana.” Recuperado de: <https://www.acasaolado.com/cen>

¹⁸ Jornal de Notícias (2018, 18 agosto)
<https://www.jn.pt/local/videos/interior/jovens-pintam-personalidades-nas-torres-de-um-bairro-de-familicao-9733421.html>

¹⁹ Jornal de Notícias (2018, 15 agosto)
<https://www.dn.pt/lusa/interior/projeto-de-arte-urbana-transforma-edificio-das-lameiras-em-familicao-9721441.html>



Figura 3 – Imagens de pormenores do recinto interior do bairro social das Lameiras.

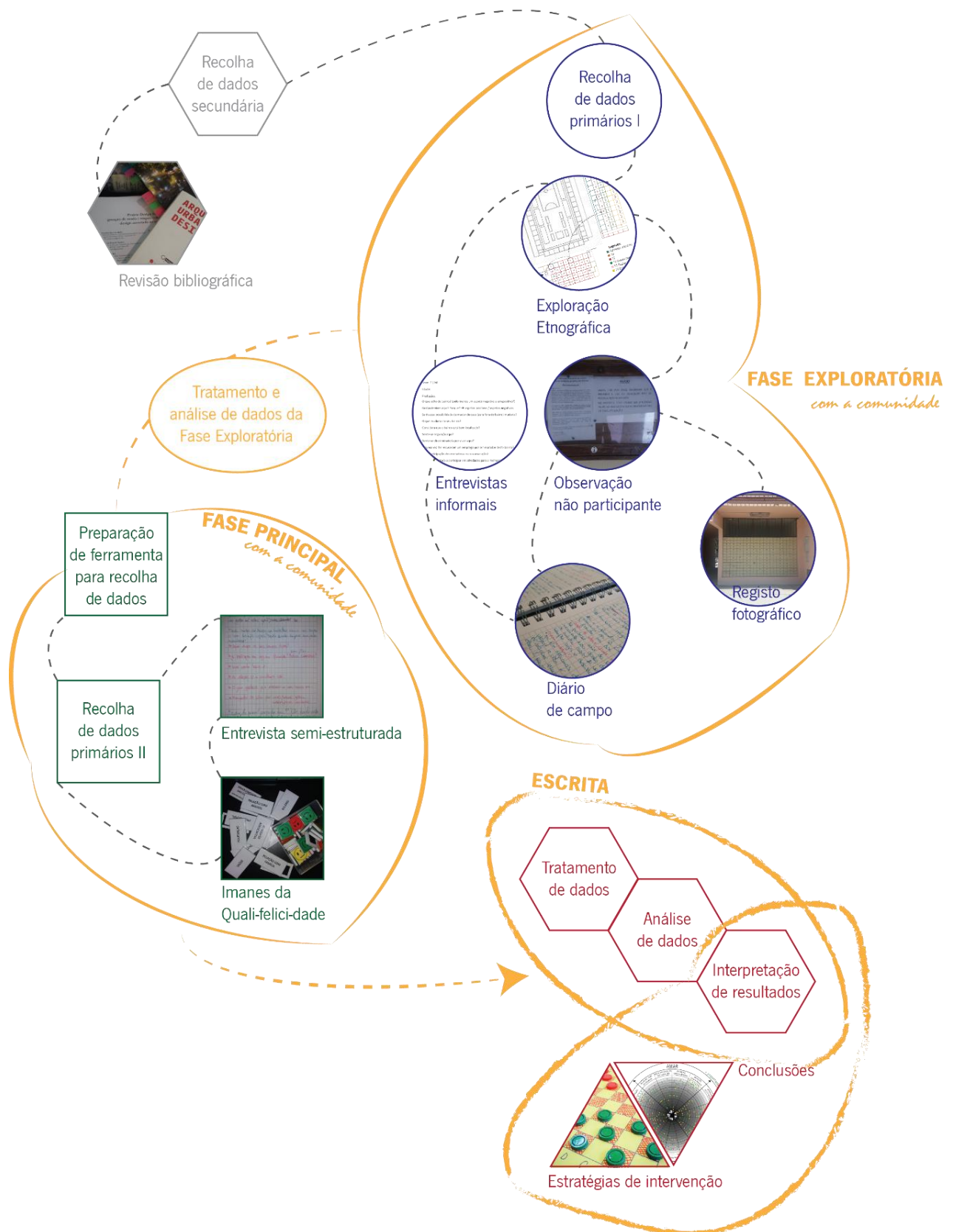


Figura 4 - Organização das fases da investigação, baseado no fluxo metodológico da fase exploratória de Cecília P. Carvalho (2018, p.43).

Capítulo 4 – Fase exploratória com a Comunidade

4.1. Recolha de dados primários – Exploração etnográfica

“A estratégia de Design pode ser de três tipos: guiada pelo problema; guiada pela solução; guiada pela integração”, por sua vez, estes dividem-se em dois processos: o exploratório e o generativo. O primeiro consiste na recolha de dados, de informações, em testes; enquanto o segundo remete-se para a recuperação de dados já obtidos²⁰ (ALMENDRA, 2014, p.197). Neste caso, foi utilizado o processo exploratório, direcionado para o trabalho de campo, numa estratégia guiada pelo problema.

O fluxo metodológico apresentado na figura 4 apresenta as fases de trabalho de campo com a comunidade, bem como os métodos e ferramentas utilizadas em cada uma delas. Na última etapa esses dados foram tratados, analisados e interpretados, resultando na definição do diagnóstico (objetivo da investigação).

Numa primeira fase, foi estudado o contexto social, nomeadamente as habitações e as relações interpessoais através de uma recolha de dados qualitativa com o objetivo de perceber o que é realmente importante para a população, pressupondo que os temas com mais valor serão referidos, e em maior número de vezes. Esta abordagem permitiu uma grande liberdade de resposta, atentando ao rumo pretendido na conversa para que a informação não se dispersasse demasiado.

Para iniciar o percurso etnográfico, foram selecionados dois informantes privilegiados: uma mulher com 56 anos (A1/B1) e um homem com 24 anos (C1/D1), com objetivo desta escolha seria alcançar diferentes faixas etárias e, consequentemente, diferentes visões e perspetivas do bairro. Cada informante privilegiado iniciou “duas linhas” de percurso e, por isso, existem duas cores diferentes associadas à mesma pessoa, transformando este percurso numa bola de neve. Para manter o anonimato tanto dos informantes como dos posteriores entrevistados, atribuiu-se uma letra a cada um dos informantes privilegiados e, aos entrevistados, será adicionado um número sequencial à letra do informante privilegiado, como podemos verificar na figura 5.

²⁰ ALMENDRA, R. (2014) Metodologia e métodos aplicados ao estudo dos processos de design *in* RAMOS, T. B. *Arquitetura – Urbanismo - Design: Metodologias e métodos de investigação*. Casal de Cambra: Calendoscópio.

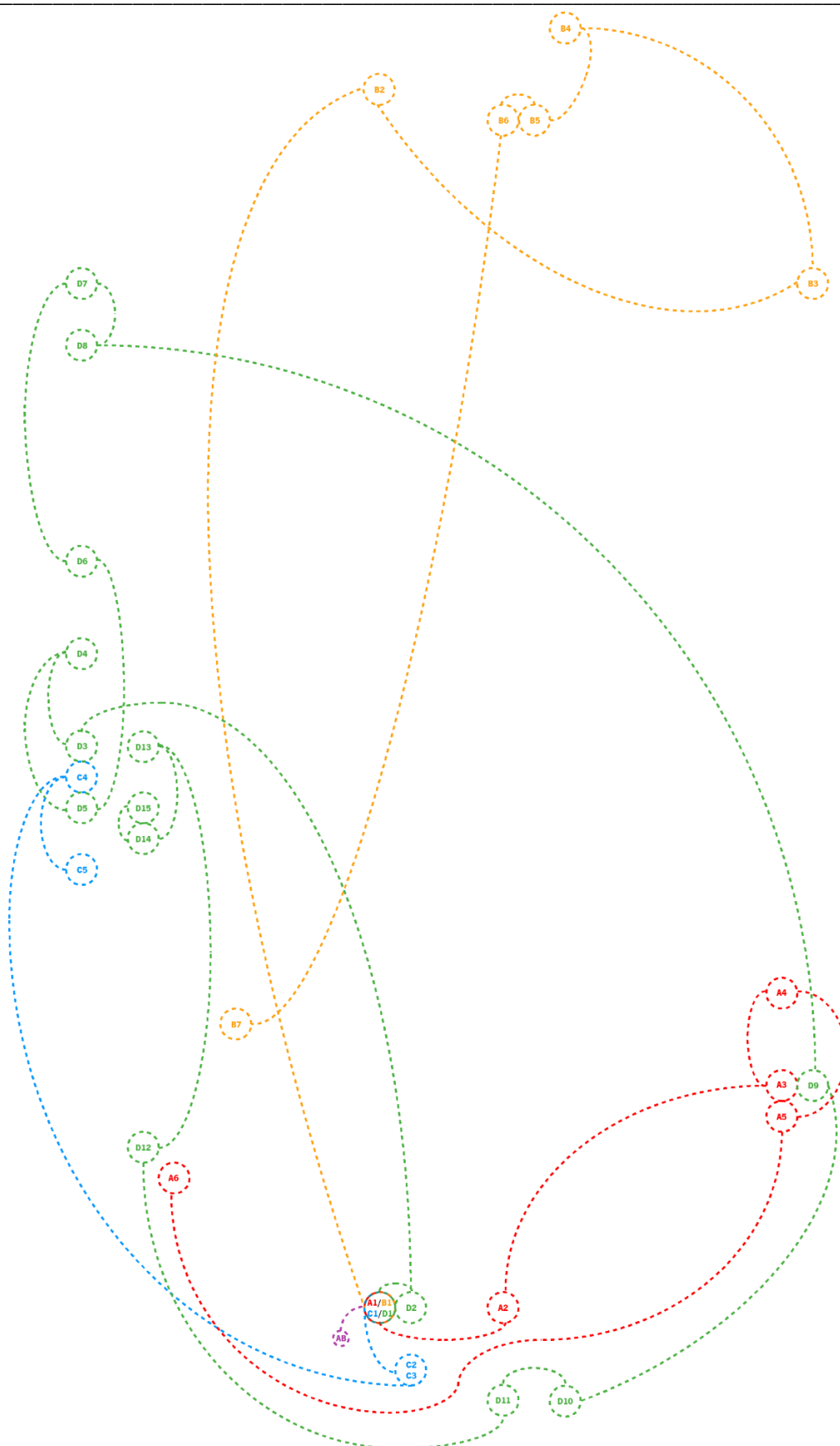


Figura 5 – Esquema do percurso etnográfico desde os informantes privilegiados.

4.1.1. Entrevistas informais

“Perguntar, portanto, não se trata de um mero ato de pedido de informações, mas o estabelecimento de uma ponte intersubjetiva através da qual seja possível a circulação de interesses e pontos de vista diferenciados” (FERREIRA, 2014, p.985).

Neste estudo, apostou-se que, uma “cara conhecida” podia facilitar a colaboração e partilha, pedindo à última pessoa entrevistada para indicar o entrevistado que se seguia, a partir da sua rede de contactos no bairro.

Para uma abordagem inicial, as questões que alavancaram as entrevistas foram: “O que pensa do seu bairro?” / “O que sente em relação ao bairro?” / “Como é a vida no bairro?” / “Gosta de viver no bairro?” Pretendia-se que a pergunta inicial não fosse tendenciosa, dando a possibilidade ao entrevistado de falar sobre o que realmente ele mais valorizava, tanto positiva como negativamente, seguindo os princípios da “*entrevista em profundidade ou compreensiva*” (LALANDA, 1998, p.875). Ou seja, os aspetos mais importantes da vida de cada pessoa seriam referidos em primeiro lugar e num maior número de vezes.

A “*entrevista em profundidade ou compreensiva*” (LALANDA, 1998, p.875) foca-se no “essencial” e no que realmente o entrevistado valoriza ou atribui maior importância. Aqui, procura-se uma narrativa de vida que nos permite perceber um determinado contexto (geralmente pouco acessível) ao “olhar a realidade social por dentro” (LALANDA, 1998, p. 882).

“O entrevistado deve sentir-se à vontade e ser levado a ocupar um lugar central durante a entrevista. Daí que seja ele a tomar em muitos momentos a iniciativa do discurso. O entrevistador deve evitar condicionar as respostas pelas próprias perguntas que faz. Este risco existe sobretudo quando se parte para o trabalho de campo com um esquema teórico explicativo predefinido e demasiado elaborado” (LALANDA, 1998, p.874). Neste caso, pode-se dizer que “a condução da entrevista é, em geral, orientada por um guião que se construiu, mas que se procurou interiorizar...” (LALANDA, 1998, p.880), evitando “uma réplica do seu próprio discurso” (RUBIO 2005/2006, p.10). Deste modo, o discurso do entrevistado, deve convergir com os interesses de estudo do investigador e, por isso, procura-se manter uma relação coerente entre os assuntos. Para Lalande (1998, p.876), a informação recolhida no decorrer da entrevista em profundidade, divide-se em três categorias: *história de vida, narrativa e testemunho*, relacionando-os com os conceitos de Duchet (1988, p.28-29) para estabelecer um “contrato” *narrativo, autobiográfico e interpessoal* entre o entrevistador e o entrevistado (citado em Lalande, 1998, p.879).

Numa fase preliminar, foi intencionalmente omitido o teor da investigação com o intuito de evitar respostas tendenciosas, isto é, que tentassem direcionar para o tema e também, evitando ser-se visto como um “depósito de problemas”.

A5: Mas isto é para quê, mesmo?

RO: É para a minha tese de mestrado em design.

A5: Design? Mas o que é que o design tem a ver connosco? O que é que o design tem a ver com o bairro?

RO: Às vezes pode ter mais do que o que pensamos. Neste caso é relativamente à qualidade de vida das pessoas do bairro, para perceber como é que vivem e, quem sabe, identificar um problema e propor uma solução.

A5: Ai sim? Mas olhe, nós temos muitos problemas. Isto está sempre sujo, principalmente no inverno, com a chuva.

(Ao pensar que estava ali “para resolver um problema” começou imediatamente a referir coisas que deveriam “ser resolvidas.”) [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

4.1.2. Diário de campo e observação

“A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registado” (POLLAK, 1992, p.203).

O diário de campo (figura 6) contempla o conteúdo nas entrevistas. Foi num caderno de argolas preto que todos os momentos - ou pelo menos o maior número possível – foram registados. Uma vez que os relatos de vida não eram escritos no momento da entrevista, é possível que alguns se tenham perdido na memória. Esta decisão sustenta-se, tal como as anteriores, em testemunhos de outros investigadores que retratam os acessórios de registo, sejam eles os diários de campo ou os gravadores, como objetos intimidatórios. A sua presença inibe os entrevistados e deixa-os poucos à vontade para falar abertamente de assuntos, principalmente os mais íntimos, como é o caso nesta investigação, que busca uma perspetiva muito pessoal relativamente a aspetos da sua vida.



Figura 6 – Diário de campo.

No entanto, os dados obtidos têm de ser registados e é no diário de campo que se reflete um dos aspetos centrais da etnografia (FERNANDES, 2002, p.24). Apesar de não se registarem anotações no decorrer da entrevista, o diário de campo foi fundamental, pois nele encontram-se todos ou muitos dos dados recolhidos na investigação. É neste diário que se escrevem os detalhes de que o investigador se recorda (esperando que sejam) de forma exaustiva e o mais descritiva possível, pois “não é possível ser-se etnógrafo sem uma relação intensa com a escrita” (FERNANDES, 2002, p.24).

Relativamente à utilização do gravador, quando se trata de uma entrevista que aborda temas privados, pode criar constrangimentos e levar a que a pessoa se sinta retraída ou simplesmente rejeite a conversa. Porém, Lalanda (1998, p.880-881) é da opinião que “passado pouco tempo, torna-se irrelevante a presença do gravador. (...) A entrevista não se resume a uma gravação. Aliás, ninguém se conta a um gravador, mas a *alguém*! O entrevistador é esse *alguém*...”

A observação não participante também foi um dos métodos utilizados – principalmente na primeira fase de recolha de dados - realizada através de uma exploração do bairro com um olhar pessoal para prosseguir com a investigação. Ao percorrer os patamares do bairro, atenção é atraída para a roupa a secar, para os espaços verdes e para o movimento constante de pessoas. Aqui foram registados espaços gerais e pormenores particulares do bairro através de fotografias (figura 3) que viriam a complementar o registo escrito do diário de campo.

Excertos:

RO: Fale-me um bocadinho sobre o bairro e de como veio para aqui.

A1/B1: Eu estou aqui há 36 anos, desde que nasceu o meu segundo filho. Olha, fui buscar as chaves no dia 22 de janeiro de... 1983, nunca mais me esqueço! No dia 2 de fevereiro mudamo-nos para aqui para casa. Quando vim ver a o bairro, vi esta mesma casa. Senti logo que “era a tal”. Quando me mudei, fui pedir água à ***** que ainda não tinha água em casa.

RO: Gosta de viver aqui?

A1/B1: Gosto muito. Não saia daqui por nada.

RO: E se tivesse muito dinheiro? Se ganhasse o Euro milhões?

A1/B1: Dava uma cada a cada filho, mas não saia daqui. Comprava a casa, arranjava umas coisinhas: o chão e pintar. Eu gosto de estar aqui. É o meu cantinho. Estou aqui sossegada, não me meto com ninguém e ninguém se mete comigo.

RO: Isso quer dizer que tem uma boa relação com os vizinhos...

A1/B1: Isto não é um bairro problemático. Já houve mais problemas, quando havia mais jovens, havia mais conflitos.

RO: E o trabalho... Gosta do que faz? Sente-se realizada profissionalmente?

A1/B1: Sim, estou feliz com o meu emprego. Sou cozinheira no Centro Social há 20 anos. É um trabalho duro, fisicamente, estou muito tempo de pé, mas eu gosto do que faço, não me imagino agora a fazer outra coisa. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

—— x ——

RO: Sendo que não é moradora do bairro, porquê abrir aqui o minimercado?

AB: Olhe, foi o que se arranjou na altura. Era para o que dava.

RO: E o negócio corre bem? Não há confusões?

AB: Não tenho problemas em ter aqui o mercado. Todos me respeitam, porque eu também respeito toda a gente. De 290 famílias que vivem no bairro, se calhar conheço apenas 100. Mas eles não são os meus únicos clientes. Tenho médicos, advogados e professores a virem aqui. Tenho clientes de chinelo e de salto alto.

RO: Sente que as pessoas “de fora” evitam vir aqui?

AB: Não. Como disse, não tenho só clientes do bairro. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

—— x ——

RO: Como se conheceram? Foi aqui no bairro?

A2: Ui! Já nos conhecemos há muitos anos! Já nos conhecíamos antes de vir para aqui, mas foi aqui que nos tornamos amigas.

RO: Gosta de estar/viver aqui?

A2: Eu sei que esta não vai ser a resposta que quer ouvir.

RO: Eu só quero é ouvir a SUA resposta, o que tem para me dizer é o que eu quero saber. E se for diferente de todas as outras, olhe, ainda melhor! Mas diga-me lá então o que sente em relação ao bairro e à vida no bairro. *(Penso que estas palavras deixaram a A2 mais à vontade uma vez que ela começou a falar mais espontaneamente, sem ser necessário eu fazer muitas perguntas.)*

A2: Se pudesse sair do bairro, saia neste exato momento. Não gosto de viver aqui. Não gosto da minha casa, é velha e parece que está sempre suja e desarrumada por ser pequena.

RO: Mas o que mudava na sua casa?

A2: Já fiz algumas obras, tudo por minha conta, só não faço mais porque a casa é alugada. Mas já mudei o chão, já coloquei armário novos na cozinha, e até já estou a pensar fazê-lo novamente.

RO: E os vizinhos?

A2: Gosto das pessoas do bairro, gosto do sítio, o problema é mesmo a casa. Gostava de ter uma casa que pudesse ter sempre limpa e arrumada. Esta não consigo. É demasiado pequena. Todos os dias tenho aqui os meus filhos e os netos a almoçar e não há muito espaço para todos. Por exemplo, o meu neto vem cá e nunca quer ficar muito tempo. Ele tem uma casa com piscina e gosta mais, claro.

RO: Mas ele não gosta de brincar aqui no parque do bairro?

A2: Ele nunca gostou muito de ir lá para fora brincar. Prefere ir para casa dele que tem mais e melhores condições. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

— x —

(Após a introdução da pessoa antecedente A2.)

RO: Posso falar um bocadinho consigo?

A3: Ai! Só se for rápido que não tenho muito tempo. *

RO: Então eu vou tentar ser rápida. O que sente em relação aqui ao bairro?

A3: Eu gosto de viver no bairro. Esta é a minha casa e só hei-de sair daqui quando morrer. Os meus filhos não querem que eu venda a casa. Eles gostam disto, apesar de cada um ter a sua casa fora do bairro.

RO: Viveu sempre aqui? Desde que existe o bairro?

A3: Sim, desde o início, como a A1/B1 e a A2. Viemos todas ao mesmo tempo. Mudei-me de Boticas para aqui.

RO: Veio de longe... E onde preferia viver? Aqui no bairro ou lá em Boticas?

A3: “Já não me imagino a viver fora daqui. Em Boticas era demasiado sossegado para mim, eu gosto desta agitação e de estar perto de tudo. Estou no centro da cidade, posso ir onde quero a pé ou de autocarro.” [Diário de campo, 20 de julho de 2019]

RO: Já vi que gosta de passear... O que costuma fazer nos tempos livre?

A3: Vou a workshops de inglês e informática com uma amiga às quintas à tarde.

RO: E essa amiga mora aqui?

A3: Não, não mora, mas ela vem-me buscar e vamos juntas de carro. Também é aqui perto.

RO: Olhe, A2, podia aproveitar e ir aqui com a sua amiga às aulas!

A2: Ah não tenho tempo...!

RO: Mas tem tempos livres... O que faz quando não está a trabalhar?

A2: Nos tempos livres (que são poucos), faço as coisas de casa: limpar, arrumar, cozinhar... e parece que nunca tenho tempo para tudo! Também gostava de viajar, mas não tenho tempo e dinheiro. Principalmente pelo dinheiro. Mas já disse ao meu filho que um dia vou a Lisboa naqueles voos baratos!

RO: Acho que sim, que devia aproveitar para fazer mais coisas que gosta, nos tempos livres, não é só trabalhar!

A2: Faz-me bem trabalhar. Eu já me podia ter reformado, mas tenho medo de deixar de trabalhar. Como vou ocupar o meu tempo depois? Tenho medo do que me possa acontecer... E eu gosto do que faço, gosto de cozinhar, é algo com que também ocupo os meus tempos livres.

A3: Eu sinto o mesmo. Também era cozinheira, mas continua a gostar muito de cozinhar e passo muito tempo na cozinha. Tenho muitos livros de culinária, mas a maior parte das coisas que agora aprendo é na televisão, naqueles programas de culinária. Só que eles lá sabem realmente cozinhar! Com aqueles temperos todos e os pratos todos bonitinhos. Eu cá uso sempre os mesmos temperos, os tradicionais. Mas a comida que fazemos em casa é, sem dúvida, mas gostosa do que a que comemos lá fora. Trabalhei muitos anos num restaurante, até conceituado, e sei bem como as coisas funcionam lá.

RO: E se houvesse um workshop de culinária aqui no bairro, o que achavam?

A2: Era uma boa ideia!

A3: Também acho, era mais um para eu ir!

RO: Mas gostavam só de ir ou até poderiam ser vocês a dar... Já que são cozinheiras...

A3: Para mim tanto faz, gostava de aprender mais, mas não me fazia diferença ensinar.

A2: Sim, eu digo o mesmo. Era uma maneira de passar o tempo.

RO: Sim... E estar com as pessoas daqui do bairro... tem boa relação com os seus vizinhos (A3)?

A3: Tenho, quer dizer, há uma que não gosto, mas eu ignoro e levo a minha vidinha. Os meus pais sempre me ensinaram a não nos meter na vida dos outros, nomeadamente quando os vizinhos estavam a discutir. Quando isso acontecia, ficávamos fechados em casa até acabar. E é isso que faço agora.

RO: Tenho aqui um mapa do bairro, conseguem localizar-se?

A2: Sim.

A3: Sim, aqui é a central de camionagem.

RO: Exatamente. Agora queria que me indicassem aqui no mapa, o local que mais gostam.

A2: É-me indiferente, não gosto de estar aqui.

A3: Gosto de todos.

RO: E agora A3, eu precisava que me indicasse alguém, quem quisesse, para eu falar com essa pessoa. É possível? Pode ir lá comigo?

(Após um pequeno debate entre A2 e A3 para escolher a melhor pessoa, lá chegaram a um consenso.)

A3: Claro que vou! Não sei se está em casa, a esta hora costuma sair, mas vamos lá ver. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

Observação: Quando estava a fazer a entrevista à pessoa A3, na companhia da antecedente A2, vimos um senhor acamado a ser transportado para a sua casa. Contudo, este homem estava preso à cama e quem o transportava, levantava a cama (por vezes verticalmente), para contornar os obstáculos. Será este um meio seguro e eficaz para o transporte de doentes?" [Diário de campo, 20 de julho de 2019]

**No final desta conversa tinha passado mais de meia hora e a pessoa B3, ainda me acompanhou até à sua conexão B4 e ficou lá durante toda a entrevista.*

—— x ——

(Quando nos recebeu disse que estava com um bocado de pressa porque estava à espera da filha, mas mostrou-se disponível para conversar até comigo até a filha chegar.)

RO: Gosta de viver aqui no bairro?

A4: Gosto, gosto dos vizinhos, gosto do ambiente. Só saio daqui para o cemitério.

RO: E como é o seu dia? Um dia normal... O que costuma fazer?

A4: Olhe, levanto-me e vou ao café tomar o pequeno-almoço e ‘dar duas de treta’, depois venho para casa fazer o almoço, mas se não me apetecer também não faço. Depois durante a tarde, fico aqui por casa a fazer croché e a ver televisão.

A3: E vais à natação.

A4: Sim, mas agora não tenho ido porque me magoei no pé...

RO: Pois, então tem de descansar. (Abri mapa do bairro) E qual é o seu sítio preferido aqui no bairro?

A4: (rapidamente respondeu) A minha casa!

A3: (após a resposta da A4) Ai o meu é a minha casa também! (depois de anteriormente ter referido que gostava de todos)

RO: Claro que isto é uma questão pessoal, cada um tem o seu sítio preferido.

A4: Claro, se perguntar aos meus netos, eles diziam logo que era o parque!

RO: Os vossos netos costumam vir para aqui brincar?

A4: Sim, eles gostam muito de brincar ali no parque.

A3: Os meus também. Já cheguei até a ir aqui para o parque com eles jogar à bola, apesar de me custar muito. Mas pronto, é a maneira que tenho para estar com eles.

A4: Para estarmos com eles, às vezes temos de fazer as coisas que eles gostam.

RO: Ou seja, sentem que “não sabem” o que fazer com eles.

A3: Sim, é isso. Porque nós já não temos energia para andar aí a correr como eles.

A4: Olhem, tenho de ir que a minha filha está a chegar. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

4.2. Conclusões da primeira fase de entrevistas

Foi nas primeiras entrevistas que se começou a perceber o que era realmente valorizado pelas pessoas do bairro, tanto positiva, como negativamente. Neste primeiro contacto verificou-se que a casa e as condições de habitação foi um dos temas mais abordados, bem como a relação com os vizinhos. Percebeu-se que as principais razões para os moradores gostarem de viver no bairro é a sua localização, as pessoas que lá vivem e a relação que os une. Todavia, estas relações também são o motivo para algumas pessoas não gostarem de viver no bairro, referindo alguns conflitos (essencialmente causados pelas pessoas de etnia cigana), “com uma agravante: algumas vezes, um pequeno problema, torna-se num grande problema, porque é comentado por cerca dum milhar de residentes, sempre numa perspetiva multiplicadora” (COSTA e LOBO, 2011, p.14).

Ainda que três pessoas invocassem a sua casa como local de eleição do bairro, uma das pessoas referiu que a razão para não gostar de viver no bairro era precisamente a sua casa.

A2: Esta menina está a fazer uns inquéritos para um trabalho na universidade. Aliás, não é bem um inquérito, porque ela até nem faz muitas perguntas, só quer conversar connosco sobre o bairro. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

Pela importância desta abordagem inicial para a criação de um vínculo de confiança entre a investigadora e os entrevistados, esta estratégia será mantida na fase seguinte e complementada com uma recolha de dados quantitativos.

Capítulo 5 – Fase Principal com a Comunidade

A fase exploratória permitiu ainda perceber alguns desafios de comunicação para a investigadora, como a proposta do uso do mapa do bairro que não surtiu os objetivos desejados uma vez que houve uma grande desvalorização deste momento. Ao apresentar um mapa do CHL aos entrevistados, solicitou-se que indicassem o seu local preferido, o que trazia melhores recordações e o oposto. As respostas obtidas foram vagas e inconclusivas, nomeadamente “gosto de todos os sítios”, ou “não gosto de viver aqui, portanto não gosto de nenhum”, sendo que, com alguma insistência acabam por dizer “pronto, então o meu local preferido *pode ser* a minha casa!” [diário de bordo, 20 de julho de 2019]

Posto isto, foi delineada uma outra estratégia como complemento à recolha de dados qualitativa, que permitia uma maior interação com os participantes e uma recolha de informações focada nos elementos essenciais da sua vida, dando seguimento às entrevistas informais.

Como limites para esta recolha de dados, foi estabelecido que seria adequado abranger 10% das casas existentes no bairro, ou seja, 29 casas. Todavia, por duas vezes, foram entrevistadas duas pessoas por casa, o que resultou num universo de 31 participantes.

5.1. Imanes da Quali-felici-dade

Os Imanes da Quali-felici-dade foram projetados com o objetivo de criar uma ferramenta prática, portátil e interativa que permitisse recolher informações, tanto sobre os gostos da pessoa, como do bairro (ainda que indiretamente) e, com base na pirâmide das necessidades de Maslow (MASLOW, 1943) e Allardt (ALLARDT, 1995 *apud* HERCULANO, 2000, p.7-9) (figuras 7 e 8, respetivamente), perceber o que é realmente essencial para a realização pessoal de cada um.

Maslow (1943, p.3730-392) organiza a sua pirâmide desde as necessidades básicas, como comer, beber, dormir, até a necessidades secundárias, podendo ser entendidas como “não essenciais à sobrevivência”. Deste modo, o próprio autor acaba por atribuir uma determinada importância a cada uma das necessidades, hierarquizando-as na pirâmide apresentada, subdividida em cinco categorias.

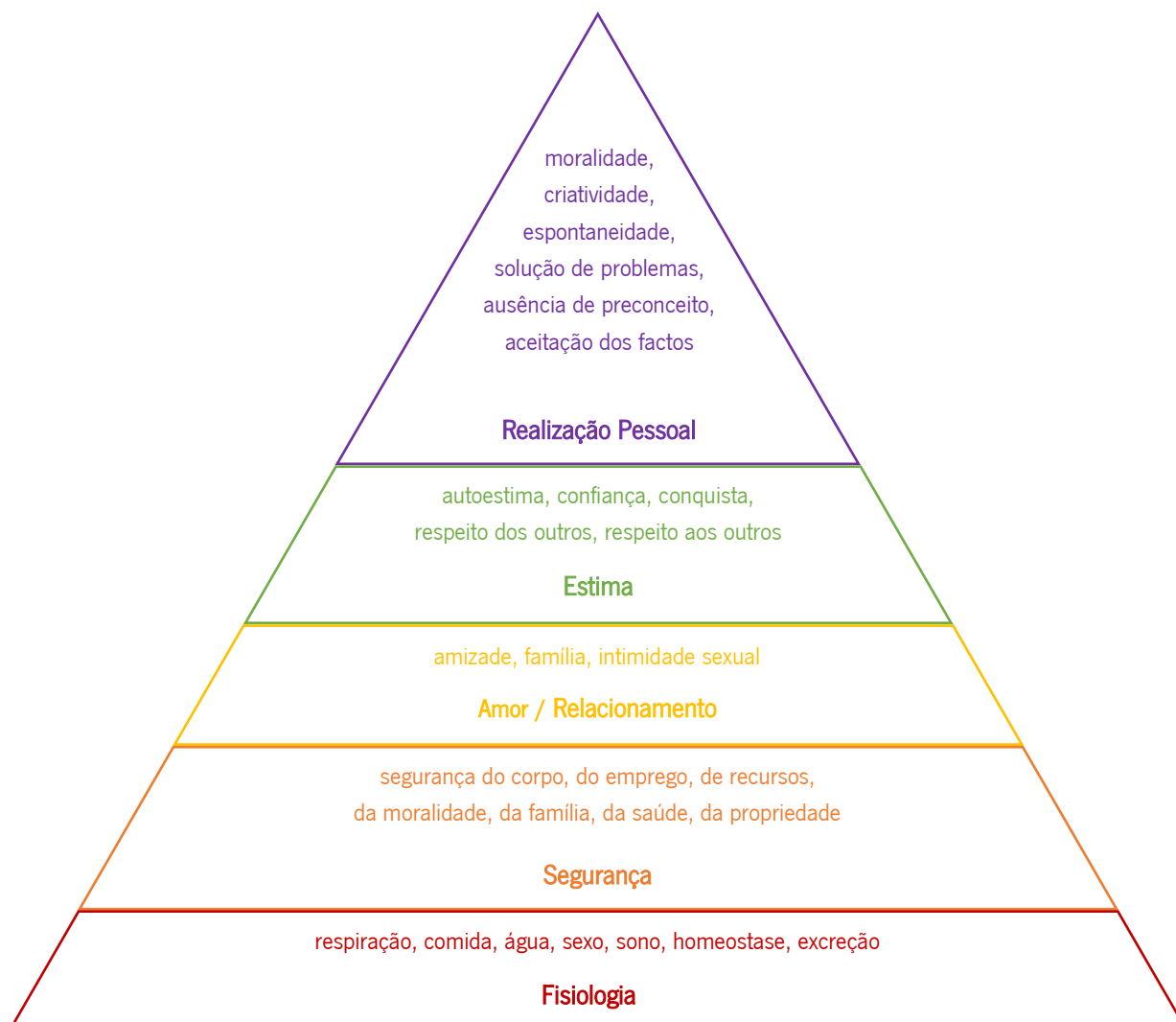


Figura 7 – Pirâmide das necessidades de Maslow (1943).

Por outro lado, Allardt (1995) não atribui prioridades, mas distribui as necessidades humanas em três categorias: *ter*, *amar* e *ser*. Ao TER refere-se às condições necessárias de sobrevivência, como recursos económicos, habitação, saúde, emprego, educação; ao AMAR está a assumir uma vertente afetiva, tanto na relação com a família, como com os amigos, vizinhos e colegas de trabalho; e o SER associa as condições de integração na sociedade como a participação nas decisões (com influência na nossa vida), atividade associativa, tempo de lazer e as oportunidades de evolução profissional.

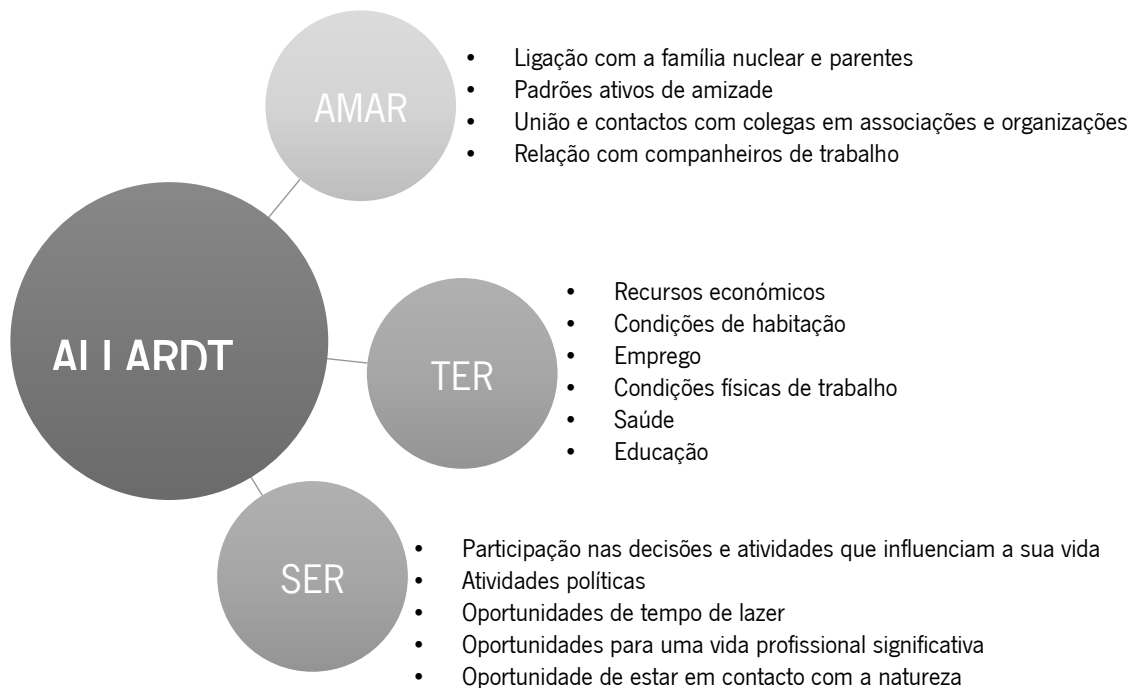


Figura 8 – Esquema baseado nos conceitos que, segundo Allardt (1995), vão ao encontro do que se entende por qualidade de vida, adaptado do artigo de Selene Herculano (2000).

Esta ferramenta, apesar de não ser considerada um *Design Game* (por não ser um jogo de grupo), obedece a algumas das suas características principais. Em ambos devem ser estabelecidos os limites e a estrutura do jogo, cujo objetivo é a interação com o utilizador, bem como o seu “compromisso ao tomar decisões”²¹ (BRANDT e MESSETER, 2004, p.122). Todavia, contrariamente aos jogos tradicionais, este “...não é sobre ganhar ou perder, mas sobre experimentar e explorar vários aspetos do design”²² (BRANDT e MESSETER, 2004, p.123). Deste modo, a sua manualidade foi outro dos aspetos considerados na construção do jogo, sendo que as peças foram feitas uma a uma, com os materiais que se podem ver na figura 9. As letras das peças estão num tamanho grande para que possam ser lidas sem dificuldade pelos participantes. O tamanho das peças e a sua volumetria também foi pensado para que todos conseguissem fazer este exercício facilmente, nomeadamente os mais idosos, com maior dificuldade para manusear objetos pequenos.

²¹ “... compromises when making decisions.”

²² “...are not about winning or losing, but about trying out and exploring various aspects of design.”



Figura 9 – Materiais utilizados na concepção dos **Imanes da Quali-felici-dade**.

Ao ser utilizado o quadro branco magnético sem qualquer delimitação permite aos participantes dispor as peças em qualquer lugar. Esta “liberdade de movimentos” irá originar resultados diferentes, em função do entendimento de cada pessoa sobre a organização de cada categoria e a respetiva classificação, proporcionando que os “...diferentes participantes leiam e interpretem o material de maneira diferente”²³ (BRANDT e MESSETER, 2004, p.129).

O nome **Imanes da Quali-felici-dade** derivou da contração das palavras *Qualidade* (de vida) e *Felicidade*, aliada à palavra “*Imanes*” que o material diferenciador deste método de recolha de dados.

²³ “...different participants to read and interpret the material differently.”

Os **Imanes da Quali-felici-dade** foram criados para estabelecer uma interação, focando os pontos essenciais a ser analisados e tendo em consideração as entrevistas informais realizadas na fase de investigação anterior. Foi dividido em duas partes: a hierarquização dos conceitos e a sua classificação. Aqui foram definidos 15 conceitos, através de um processo construtivo sob o acompanhamento da orientadora, sem quaisquer restrições quanto ao número de conceitos. Deste modo, obtiveram-se um total de 15 peças brancas que correspondem aos conceitos (figura 10) e a sua classificação em três níveis: *bom*, *médio* e *mau*, que correspondia tanto a uma expressão fácil como a uma cor (figura 11).

A3: Olha *smiles*!

RO: Vê como é uma mulher moderna?

A3: Oh, não é nada disso! Acho que todos sabem o que são *smiles*. [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

Figura 10 e 11 – Peças brancas com os conceitos e peças coloridas com a classificação dos conceitos,



imagem da esquerda e da direita, respetivamente.

Em suma, os **Imanes da Quali-felici-dade** são constituídos por (figura 12):

- ➔ Quadro branco magnético.
- ➔ 15 peças brancas com os conceitos.
- ➔ 15 peças verdes.
- ➔ 15 peças amarelas.
- ➔ 15 peças vermelhas.

Como eram 15 peças com os conceitos, o número de peças verdes, amarelas e vermelhas teve de ser o mesmo, porque, caso o participante pretendesse, poderia colocar a mesma classificação, em todos os conceitos.

As peças com a classificação, são constituídas por três níveis de resposta: verde, amarelo e vermelho. Apesar de terem carinhas com as expressões indicadas, têm cores distintas para facilitar a procura pelo participante (por serem muitas). Para além disso, esta escolha também para facilitar a leitura do quadro, uma vez que, as cores atribuídas a cada peça de classificação estão associadas a fatores positivos (verde), positivos e/ou negativos (amarelo) e negativos (vermelho). Contudo, ser indiferente também seria uma resposta válida, pelo que o participante, se pretendesse esta classificação, não deveria colocar qualquer peça à frente de cada conceito.

Numa primeira fase era fornecido o quadro magnético ao participante com as palavras dispostas por uma ordem aleatória, do lado direito do quadro. Posto isto, era explicado que as palavras deveriam ser ordenadas desde a mais importante (em cima) até à menos importante (mais abaixo), podendo (ou não) incluir todas as palavras. A pergunta que permitia aos participantes iniciar esta tarefa era: *do que precisa ou valoriza mais para ser feliz e ter qualidade de vida?*

Os **Imanes da Quali-felici-dade** adaptaram-se a dois tipos de pessoas: as que têm facilidade em falar sobre assuntos da sua vida pessoal, e as que não têm. Para quem se sentia à vontade para o fazer, este método despoletava quase que uma necessidade de comentar cada peça à medida que é colocada pela ordem correta. Pode-se dizer que, inconscientemente, cada pequena etapa é justificada pela pessoa, tanto na escolha em si, como numa explicação que motiva essa decisão. Por outro lado, quem prefere não revelar detalhes da sua vida íntima, acaba por ordenar e classificar cada tópico sem tecer muitos comentários, exceto se for realmente preciso para perceber a dinâmica pretendida e “não falhar” nas respostas. Curiosamente, a questão “acertar/falhar” ou a resposta “certa/errada” foi algo referido por vários participantes.

Esta ferramenta permitiu que fossem analisadas duas vertentes em simultâneo: a hierarquia das prioridades de cada pessoa para ser feliz e com qualidade de vida e a sua classificação tendo em consideração a sua situação atual. Deste modo, não só foi importante para a análise a classificação de cada categoria, mas também o seu posicionamento.

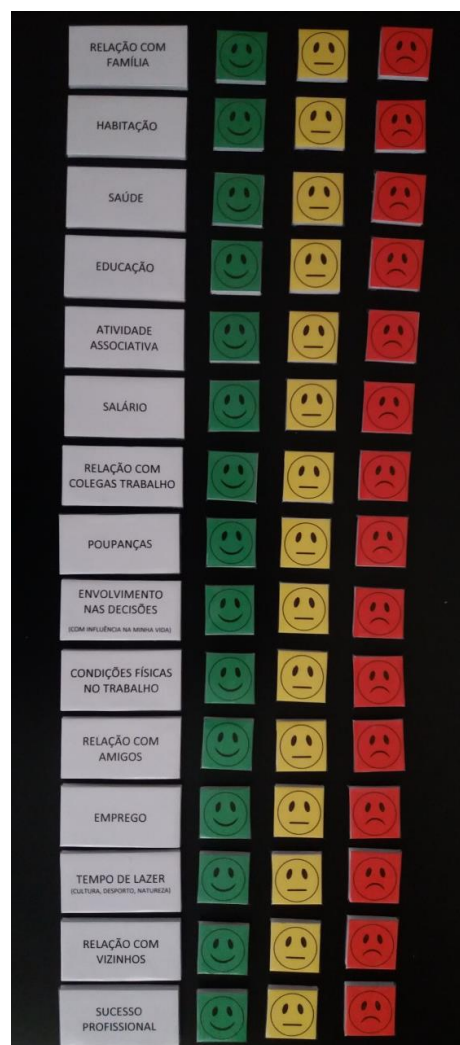


Figura 12 – Conjunto das peças que constituem os **Imanes da Quali-felici-dade**.

5.1.1. Reações aos Imanes da Quali-felici-dade

A2: O que lhe parece? Parece-lhe bem assim? [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

D2: Vê se ganhei! [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

Devido ao facto de não haver limites definidos para a colocação das peças, os participantes podiam movimentá-las livremente pelo quadro, “arrastando-as” quando se apercebiam que uma peça que ainda não tinha sido colocada, deveria ser colocada entre duas que já estavam definidas.

A1/B1: Gostei de podermos mudar a ordem das peças, assim se me enganar ou quiser trocar, basta puxá-las para baixo. Foi uma maneira fácil e divertida de perguntar as coisas que queria saber. [diário de campo, 4 de agosto de 2019]

A3: Eu sou do Benfica, mas o meu quadro está muito verde!

RO: Realmente está! Acho que é o quadro mais verde que tenho até agora. Vamos tirar uma fotografia de recordação?

A3: Tirar uma fotografia? Estou toda despenteada, nem lavei o cabelo... Mas vamos lá! [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

A5: Há coisas que não consigo ordenar, isto é difícil de fazer, faz-nos pensar. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D3: Gostei deste inquérito, se é que se pode chamar assim. Olhe, ainda hoje estiveram aqui umas moças a fazer uns inquéritos de supermercados, mas era daqueles com cruzinhas e coisas para preencher. Este foi melhor. [diário de campo, 07 de setembro de 2019]

D7: Isto não é fácil de se fazer, mas estou a gostar. Acho que nos faz pensar nas coisas da vida e ver que afinal a nossa vida pode não ser assim tao má. [diário de campo, 08 de setembro de 2019]

B2 (filho): Ei, isto é muito fixe! [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

D15: Se a menina viesse sozinha, eu se calhar nem falava consigo, porque não a conhecia. É o que faço sempre que vêm fazer inquéritos. Mas como veio com a ***** já não me importei, porque é uma pessoa que eu conheço. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

5.2. Tratamento de dados

Com esta recolha de dados pretendeu-se perceber tanto as coisas que as pessoas mais valorizam para uma vida feliz, como também a classificação desses itens com o objetivo de verificar se o são, ou não. Ou seja, se uma pessoa classifica os cinco primeiros conceitos com a carinha verde, é mais provável que os seus índices de felicidade sejam maiores do que uma pessoa que os assinalou com a carinha vermelha. Assim se verifica que não é só a classificação que é analisada na recolha destes dados, mas também a hierarquização. Deste modo, os dados, serão tratados em dois momentos principais: a relação entre a classificação e a hierarquização e a análise individual da classificação atribuída a cada item.

Numa primeira fase, os dados recolhidos através dos quadros (Apêndice 3) detêm a informação relativa à hierarquia e à respetiva classificação de cada um dos itens (bom, médio e mau). Numa primeira etapa, apenas a classificação foi considerada e os dados recolhidos foram organizados em gráficos circulares, com as respetivas cores, para se verificar as percentagens.

Todavia, ainda era necessária estabelecer uma correlação de dados, ou seja, perceber se as coisas mais valorizadas pelas pessoas eram positivas/negativas na sua vida. Ou seja, se a pessoa 1 classificasse os 5 primeiros itens com verde (bom) e os restantes com vermelho, queria dizer que aquilo que essa pessoa mais valorizava na sua vida era bom, apesar da maioria das categorias – as que menos valorizava – serem menos boas.

Para isso, recorreu-se a um único gráfico e os dados recolhidos foram organizados com base num diagrama circular com 16 argolas que definiam as prioridades eleitas (figura 13). Paralelamente foi desenvolvida uma tabela, com gráficos de barras nos respetivos quadrados e a numeração das quantidades de cada categoria. Devido à possibilidade de visualizar simultaneamente todos os dados e definir numericamente as quantidades de cada classificação, nesta fase de organização e posterior análise dos dados recolhidos, optou-se pela utilização da tabela 3. Para além disso, o facto de as categorias em análise estarem dispostas verticalmente (por ordem decrescente de prioridades) permite uma visualização mais fácil e rápida da sua hierarquia.

5.3. Análise e interpretação de dados

5.3.1. Qualitativa – entrevistas informais

Na segunda fase da investigação, as entrevistas continuaram a ser parte integrante da recolha de dados, mas aqui existe uma estrutura – ainda que mental – que funciona como guião para a entrevista.

Após uma breve apresentação, a pergunta desbloqueadora de conversa era: Gosta de viver no bairro? O que sente em relação ao bairro? Como é viver no bairro? A partir daqui, da resposta dada pelo morador, a entrevista desenrolava-se e, quase sem necessidade de muitas questões diretas, ele próprio respondia às que *eu* pretendia que *e/e* respondesse. Estas questões refletiram-se nas ocupações dos tempos livres, na participação da vida no bairro, nas relações interpessoais e nas rotinas de cada morador.

Contudo, nem sempre houve uma predisposição para esta partilha e, nos momentos em que o assunto desvanecia, avançava-se diretamente para os imanes que, viriam a complementar o que não tinha sido referido na recolha de dados preliminar.

Em contrapartida, há quem tenha uma maior abertura e necessidade de partilhar, de recordar, de reviver momentos passados. Uns bons, outros maus, geralmente uma chegada difícil, mas depois o orgulho de criar os filhos no bairro e agora estar ali com os seus vizinhos, que se tornaram amigos, alguns deles mais importantes do que a família (B6) “porque estão sempre lá”.

Foram muitas horas na companhia dos moradores, a escutar o que era realmente importante para cada um, sem colocar limites, apenas conduzindo as entrevistas pelo objetivo, ao mesmo tempo que era dada liberdade ao contador da história. Várias pessoas “não tinham tempo” e acabaram por ficar horas a partilhar, não a contar, a partilhar o que é a sua vida e como é a vida naquele bairro, com aquelas pessoas. É necessária uma especial sensibilidade para saber o que se pode perguntar a quem acabamos de conhecer, sem invadir o espaço pessoal, mas também ser arrojado e procurar que seja o próprio entrevistado a tomar a iniciativa, ainda que influenciado pelas linhas condutoras do investigador.

Dos dados qualitativos aos quantitativos

Na tabela 2 pode verificar-se as respostas a uma das questões centrais: Gosta de viver no bairro? As respostas obtidas foram agrupadas em três grupos principais e estes, consequentemente divididos nas justificações dos participantes para a escolha da resposta.

Tendo em consideração os dados recolhidos, constatou-se que 17 das 31 pessoas gostam de viver no bairro, ou seja, cerca de 55%. As razões que levam a esta resposta focam-se na sua localização espacial (no centro da cidade), na casa e no ambiente e relações com os vizinhos. Neste parâmetro, os entrevistados, demonstravam tanto orgulho do local onde vivem que acabavam por enumerar mais do que uma razão para gostarem de viver ali, quase que justificando que ali não se vivia tão mal como algumas pessoas pensam. Por outro lado, 32% afirmam não gostar do sítio onde vivem, referindo os conflitos com os vizinhos e as condições habitacionais como principais fatores. Contudo, 13% dos moradores tinham a sua opinião dividida, apontando a localização, a renda baixa e o ambiente comunitário como positivos e a casa e os conflitos com os vizinhos como negativos.

Curiosamente, o ambiente no bairro foi referido por uns como fator positivo e, por outros como fator negativo. No primeiro caso deve-se às amizades que se criaram aqui e pelo espírito de interajuda e, no segundo, aos conflitos com os vizinhos e às “coscuvilhices”. Para além disso, foram as subcategorias mais apontadas, tanto como negativa como positivamente.

GOSTA*	Localização		++++	17
	Ambiente / vizinhos		++++ +++++	
	Casa		++++	
MAIS OU MENOS	+	Localização		4
		Renda baixa		
		Agitação e ambiente		
	-	Vizinhos e conflitos		
		Casa		
NÃO GOSTA	Vizinhos e conflitos		++++	10
	Casa			
* Nesta categoria, várias pessoas referenciaram mais do que um motivo para gostarem de viver no bairro, por isso o número de classificações é superior ao número de pessoas.				31

Tabela 2 – Organização dos dados recolhidos nas entrevistas informais à questão: Gosta de viver no bairro?

Excertos do diário de campo:

C1/D1: Este é o melhor sítio para viver. Espero criar aqui os meus filhos para eles terem uma infância como eu tive a brincar muito na rua. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

C2: Eu gosto de estar aqui. Sinto-me bem aqui. [diário de campo, 11 de agosto de 2019]

C3: Eu não gosto de estar aqui, não sinto que esta é a minha casa. [diário de campo, 11 de agosto de 2019]

D2: Gosto de estar no meu cantinho. Gosto do ambiente. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A5: Então diga lá o que quer saber.

RO: Primeiro de tudo, se gosta de viver aqui no bairro. Se pudesse mudar de casa, mudava?

A5: Não, não gosto de estar aqui. Sim, mudava.

RO: Mas do que é que não gosta, é da casa em si ou do bairro?

A5: Olhe, a casa, para ser num bairro social é muito boa. Não tem humidade nem nada. Para o que se vê noutros sítios é muito boa, eu gosto. O problema são os ciganos. Mas os ciganos novos que são uns mal-educados agora. Os de antigamente não eram assim. A localização também é muito boa. Estamos aqui perto de tudo, supermercados, escolas, serviços e aqui da estação de camionagem. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

A6: Não, se pudesse ia já embora.

RO: Mas do que é que não gosta?

A6: É do sítio e da casa. Gostava de ter uma casa maior e fora daqui. Isto já não é o que antes. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

C4: Gosto. Aqui estamos no centro, estamos perto de tudo. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

C5: Não. (Contudo, quando perguntei o porquê, nada respondeu... perguntei se era por causa da casa. Disse que não, que gostava da casa. Então perguntei se era pelas pessoas, pelo ambiente. E novamente não respondeu, desviando a cara, dando sinal que era por causa disso). [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D3: Gosto.

RO: E porquê?

D3: Gosto da minha casa, das pessoas e aqui estou perto de tudo. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D4: Não, não gosto, mas tem de ser. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D5: Gosto, mas claro que se pudesse ia para uma casa maior, uma vivenda com jardim! [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D6: Gosto, estou aqui à pouco tempo, mas gosto.

RO: Há quanto tempo está aqui?

D6: Há um ano, mais ou menos.

RO: Então é nova aqui! Posso saber porque é que veio para cá?

D6: Vim viver com o meu neto. Ele estava sozinho, eu também... e pronto, vim para aqui. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D7: Nem gosto nem desgosto.

RO: Se pudesse sair, saia?

D7: Claro! Ia para uma casa maior, com quintal...!

RO: Então o problema é a casa...

D7: Sim. E os vizinhos. Mas olhe, se calhar se fosse embora daqui até ia sentir falta disto. Desta agitação, das pessoas. Afinal acho que preferia ficar aqui! (risos)

RO: Mesmo se tivesse muito dinheiro?

D7: Mesmo assim se calhar preferia estar aqui do que ir para uma casa grande e depois estar lá sozinha e longe de tudo.

RO: E você (para a mãe)?

Mãe: Eu gosto de estar aqui, não quero sair. Estou aqui sossegada, sem ninguém me chatear... [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D8: Sim, gosto! – diz prontamente. “Gosto do bairro, gosto das pessoas. Também me meto na minha vida, casa-trabalho, trabalho-casa.” [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D9: Gosto, gosto muito. Gosto da minha casa e das pessoas, mas também é “bom dia, boa tarde” e assim está tudo bem. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D10: São as pessoas. Já estou habituada a estar aqui, cresci aqui. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D11: Huum... depende...

RO: Então porquê? O que a faz gostar e o que a faz não gostar de viver aqui...

D11: Porque gosto da casa, do sítio, o bairro está muito bem localizado, está perto de tudo. E não gosto por causa de algumas pessoas, de algumas situações... [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

D12: Eu gosto muito deste bairro, gosto muito de viver aqui.

RO: E o que é que a faz gostar tanto de viver aqui?

D12: São as pessoas. [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

B2: Gosto, gosto muito. Eu cresci aqui, depois quando casei é que fui embora. Entretanto divorciei-me e voltei para aqui com os meus filhos. Agora já tenho outro namorado que também está aqui e gosta bastante de aqui estar. Estamos aqui no centro da cidade, temos tudo aqui perto. Olhe, eu nem tenho carro, não preciso. Trabalho ali no centro social, vou a pé.

(Uma das filhas veio cá fora ver o que se estava a passar)

B2: E tu filha, diz à menina, tu gostas de viver aqui?

Filha: Eu gosto muito. Tenho aqui os meus amigos, damo-nos todos bem.

B2: Sim, isto aqui é muito seguro, toda a gente se dá bem e, se houver algum problema com alguém “lá de fora” nós ajudamo-nos uns aos outros. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B3: Gosto, gosto muito. Isto tem um ambiente muito bom. Dou-me melhor com uns do que com outros, mas meto-me na minha vidinha e está tudo bem. Se estivesse noutro lado também tinha de ser assim, isto não é diferente de um condomínio. Só que se calhar aqui somos mais. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B4: Gosto. Tem as suas coisas boas e más.

RO: Ai sim? E quais são as boas e as más.

B4: Eu gosto de estar aqui, gosto do sítio, de tudo em geral. Mas às vezes há confusões com alguns vizinhos. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B5: Nem por isso, mas que remédio tenho. Com o que ganho, não dá para mais. [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

B6: Não. Ainda não perdi a esperança de sair daqui... Mas agora com a minha idade é cada vez mais difícil... [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

B7: Gosto muito!

RO: E do que é que mais gosta aqui?

B7: O que mais gosto é de estar no centro da cidade. Estou perto de tudo. Tenho ali o autocarro, aqui em cima tenho a farmácia, correios, café... temos tudo perto. Já não saio daqui... [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

D13: Nem por isso.

RO: E porquê?

D13: Porque há sempre muito barulho e eu gosto de estar sossegada e de descansar que bem preciso por causa da minha saúde. Eu tenho muitos problemas de saúde. (mas não vou pôr vermelho, porque há quem esteja pior). Eu estou numa idade que preciso de estar sossegada e aqui não consigo. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

D14: Agora não. Mas já gostei, quando vim para cá.

RO: E a que se deve essa mudança?

D14: Às pessoas. Antigamente havia respeito pelas pessoas, agora não. Havia maior sentido de comunidade. E agora está sempre tudo sujo. As pessoas até limpam os patamares e as escadas, mas passado um bocado está tudo sujo outra vez. Não percebo, não há civismo. Ainda na passagem de ano, os ciganos vieram todos para aqui para fora com uma coluna daquelas grandes até às tantas da manhã a pôr música para o bairro todo ouvir. Não acho bem. Até é um dia de festa, tudo bem, mas cada um na sua casa. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

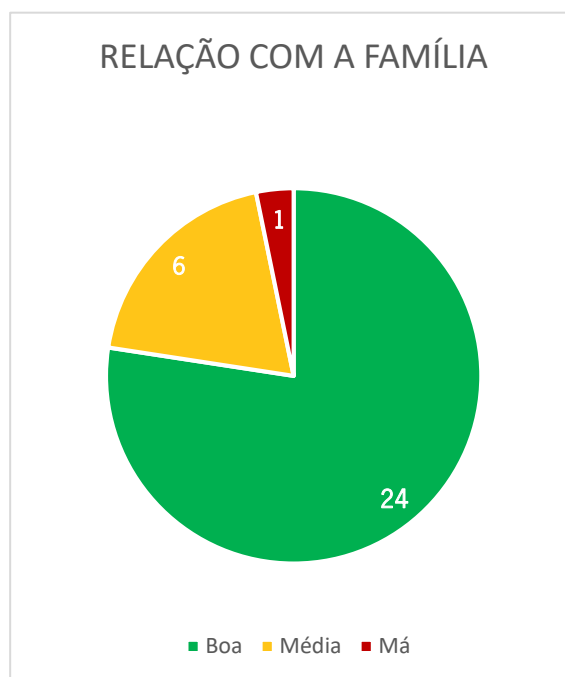
D15: Pois que remédio tenho...

RO: Isso quer dizer que não gosta?

D15: É o que tem de ser, as rendas aqui são muito baratas. Há aqui gente a pagar trezentos euros, mas é em casas alugadas a pessoas que compraram as casas, não são as casas da Câmara. Eu quando vim para aqui pagava quatro contos e duzentos. Antigamente ainda era algum dinheiro, mas agora não é nada. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

5.3.2. Quantitativa – Imanes da Quali-felici-dade

O gráfico ao lado revela que 24 pessoas têm uma boa relação com a família e apenas uma, sem justificar, classificou esta relação como má. O participante C3 atribuiu o nível intermédio uma vez que mantém uma boa relação com toda a família à exceção do seu pai, devido a divergências relativas ao seu relacionamento com uma pessoa de etnia cigana.



Excertos do diário de campo:

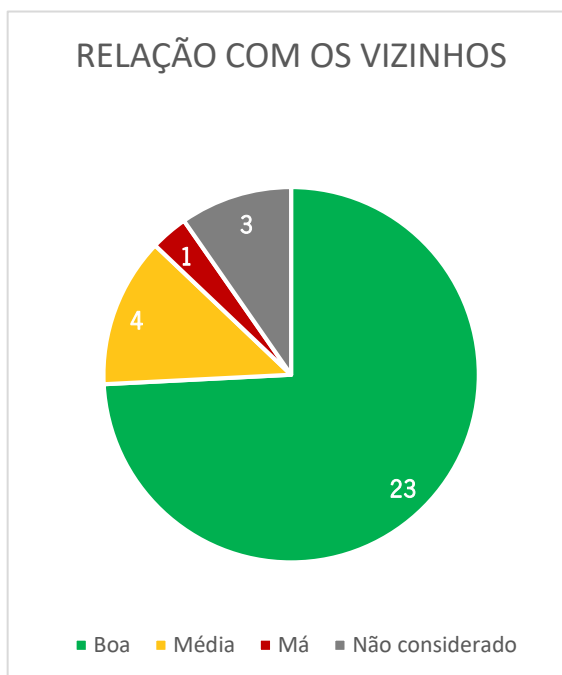
C3: A relação com a família é boa! Quer dizer, é mais ou menos. Eu não falo com o meu pai... [diário de campo, 11 de agosto de 2019]

A3: Gosto de passar tempo com os meus netos e fazer coisas com eles. Já cheguei até a ir aqui para o parque com eles jogar à bola, apesar de me custar muito. Mas pronto, é a maneira que tenho para estar com eles. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

A5: A relação com a família, olhe, uns dias melhores, outros piores. Como em todas as famílias, não é? Só que na minha somos só mulheres, é pior! (risos) [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

Podemos verificar que a grande maioria classificou esta categoria positivamente. Contudo, este gráfico poderá ser enganador visto que os dados recolhidos através dele não correspondem aos que foram obtidos na sequência das entrevistas informais. Esta divergência poderá estar no registo da informação (nos Imanes) e na ausência dela (nas entrevistas), apesar deste ser feito posteriormente.

Deste modo, foi necessária uma análise que combina os dois métodos de recolha de dados utilizados, sendo que, das 23 pessoas que atribuíram uma classificação positiva a esta categoria, 8 delas (A3, C3, A5, A6, D4, B4, D13, D14), durante a entrevista informal, revelaram não ter uma boa relação com alguns dos vizinhos e conflitos.



Excertos do diário de campo:

A1/B1: Estou aqui sossegada, não me meto com ninguém e ninguém se mete comigo. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

A2: Ui! Já nos conhecemos há muitos anos! Já nos conhecíamos antes de vir para aqui, mas foi aqui que nos tornamos amigas (...) Gosto das pessoas do bairro, gosto do sítio... [diário de campo, 13 de julho de 2019]

C3: O problema é o sítio. É viver aqui. Não há privacidade nenhuma, não me sinto à vontade, as pessoas sabem todas da nossa vida. (...) Olha bem, no outro dia estávamos a chegar a casa e a nossa vizinha do lado quase não nos deixava entrar em casa que queria ver o bebé. [diário de campo, 11 de agosto de 2019]

D2: Não tenho que dizer dos vizinhos. A relação é boa. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A3: Vou colocar verde na relação com os vizinhos, apesar de ter uma com quem não me dou bem, nem merece um amarelo, faço de conta que não existe. [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

Observação: Num dos dias em que estava no bairro a fazer trabalho de campo, começaram a ouvir-se gritos de mulheres. Estavam a discutir (sobre o quê, não consegui perceber). Rapidamente, saíram das suas casas várias pessoas para “ver o que se estava a passar”. No momento em que as coisas acalmaram, os mirones regressaram às suas respetivas casas, incluindo uma das mulheres envolvidas na discussão e a outra ficou cá fora a comentar com a vizinha do lado, o que se tinha passado. Mas em poucos minutos tudo voltar à normalidade. [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

A situação descrita anteriormente, vai ao encontro da perspetiva de José Maria Costa (2011, p.14) ao referir que “isto não quer dizer que nas Lameiras não existam problemas. Eles estão lá, como em todos os outros centros de habitação, com uma agravante: algumas vezes, um pequeno problema, torna-se num grande problema, porque é comentado por cerca dum milhar de residentes, sempre numa perspetiva multiplicadora.”

A5: O problema são os ciganos. Mas os ciganos novos que são uns mal-educados agora. Os de antigamente não eram assim. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

A6: Tenho com alguns, com os ciganos. Os novos que vieram para aqui recentemente. Com os outros não tenho problemas. (Estava cá fora, na porta de casa, brincar com os filhos.) [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

C4: De uns gosto mais, de outros menos. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D4: Vou colocar verde porque lá por não me dar bem com uma pessoa, não quer dizer que as outras todas sejam más. (Durante a visita referiu que tinha alguns problemas com uns vizinhos e contou-me toda a história, que não irei referir para proteger a identidade da pessoa em questão). [diário de campo, 07 de setembro de 2019]

D7: Não me dou lá muito bem com os vizinhos, mas não posso falar alto que eles podem ouvir. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D12: O que faz este bairro são as pessoas, o espírito de ajuda. Por exemplo, quando chove e tenho a roupa a secar, às vezes a roupa está apanhada e numa bacia aqui à porta de casa. E às vezes nem sei quem foi para poder agradecer, volto a colocar a bacia à porta e depois o dono passa para a ir buscar. É assim que as coisas funcionam aqui. Somos uns para os outros. Muitas vezes precisei de deixar os meus filhos com um vizinho para ir trabalhar ou para fazer um recado e nunca houve problema, fazemos essas coisas uns pelos outros (...) Mas agora há muitos ciganos novos a vir para aqui, para casas alugadas, a outras pessoas, ou mesmo compradas e esses ciganos novos pensam que ainda estão lá nos acampamentos deles, com as regras deles (ou sem regras) e depois chegam aqui e pensam que

podem fazer tudo. E aí nós explicamos como é que as coisas funcionam, que nós temos regras para cumprir e obrigações. E até agora não temos tido problemas. [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

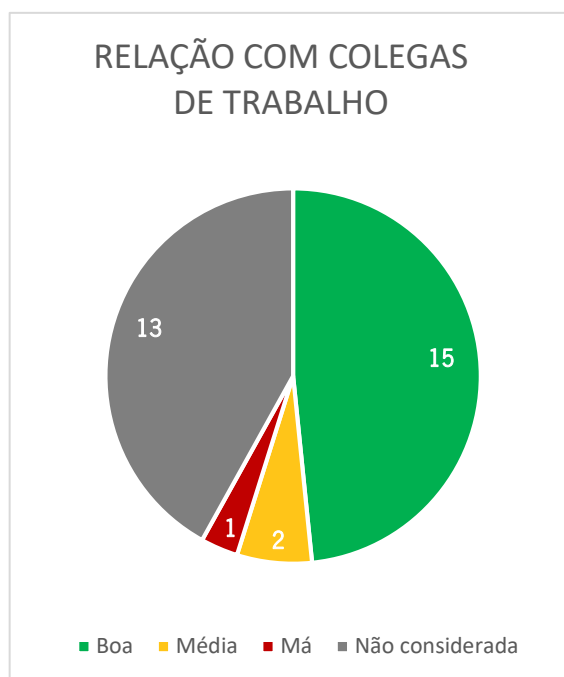
B2: Sim, isto aqui é muito seguro, toda a gente se dá bem e, se houver algum problema com alguém “lá de fora” nós ajudamo-nos uns aos outros. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B3: Nós estamos aqui e somos uma família. Eu trabalho muito e às vezes quando está a chover, chego aqui a casa e tenho a roupa toda à porta porque alguém a apanhou para não se molhar. Se calhar noutro lado não se fazia isso. Nós aqui somos assim. Somos uma verdadeira comunidade. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B5: Claro! Mas também não havia problemas... Agora é diferente... aqui deste lado há muitos ciganos e eles tomam conta disto tudo... Mas agora estes novos, com os que vieram para aqui quando nós viemos não há problemas nenhuns, agora estes novos que vêm de fora com ciganos de outros bairros é que pensam que mandam aqui... [Diário de campo, 16 de setembro de 2019]

B7: Relação com os vizinhos: a gente dá-se toda bem, mas cada um na sua casa. [Diário de campo, 16 de setembro de 2019]

Apenas uma pessoa (D7) não tem uma boa relação com os colegas de trabalho, duas referem que “há pessoas quem gostam e outras não” e 15 pessoas gostam dos seus colegas de trabalho. A abstenção nesta categoria foi a maior, sendo que 9 pessoas que integraram esta categoria, não trabalham (B7, C5), justificando a sua resposta com a boa relação que ainda mantêm mesmo após a saída do local de trabalho. Por outro lado, 3 pessoas empregadas não valoriza a relação com os colegas de trabalho e uma pessoa trabalha por conta própria e não tem colegas de trabalho.



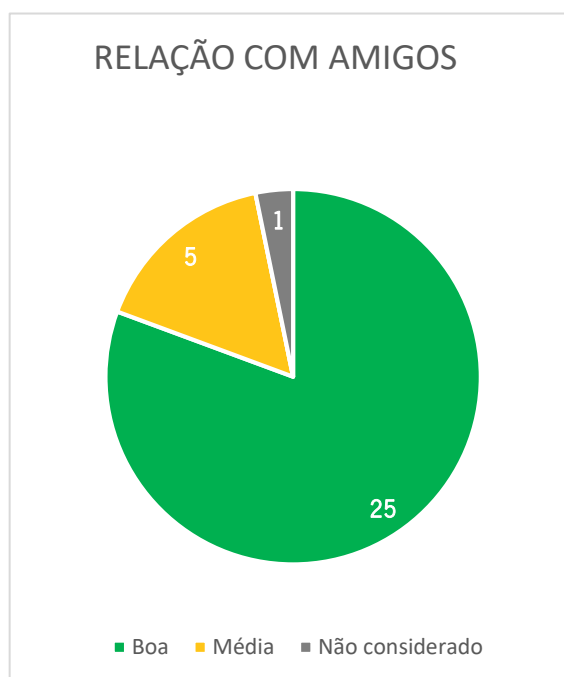
Excertos do diário de campo:

C5: Eu não estou a trabalhar, mas vou colocar aqui a relação com os colegas de trabalho, porque ainda me continuo a dar bem com elas. Aliás, até vou colocar aqui a relação com os amigos também porque as minhas antigas colegas são as minhas únicas amigas atualmente. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D7: Dou-me melhor com o meu patrão do que com as colegas de trabalho, para você ver. Elas estão sempre a implicar comigo, mesmo quando tenho razão. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

B7: Na relação com os colegas de trabalho vou considerar, apesar de já não estar a trabalhar, ainda mantenho o contacto com alguns e ficamos amigos. [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

A relação com os amigos foi a categoria onde a classificação “boa” foi maior, com 25 pessoas a avaliar positivamente a sua relação com os amigos. Ainda assim, foi também uma das duas categorias que não obteve qualquer classificação negativa. Apesar de ser uma das categorias com menor taxa de abstenção, uma pessoa (D11) não a colocou na sua hierarquia, assumindo que o seu tempo disponível é para dedicar à família e não aos amigos.



Excertos do diário de campo:

D2: Amigos tenho poucos, mas bons. (...) Aqui só tenho três amigos. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A3: Não consigo dizer que a relação com os amigos é mais ou menos importante que a relação com os vizinhos, até porque os meus vizinhos são os meus amigos. [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

A5: A relação com os amigos e com os vizinhos é boa, mas não é uma prioridade na minha vida. Se eu precisar não são eles que me vão ajudar, é a minha família. Não quer dizer que não tenha bons amigos, porque felizmente tenho, mas há coisas mais importantes. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

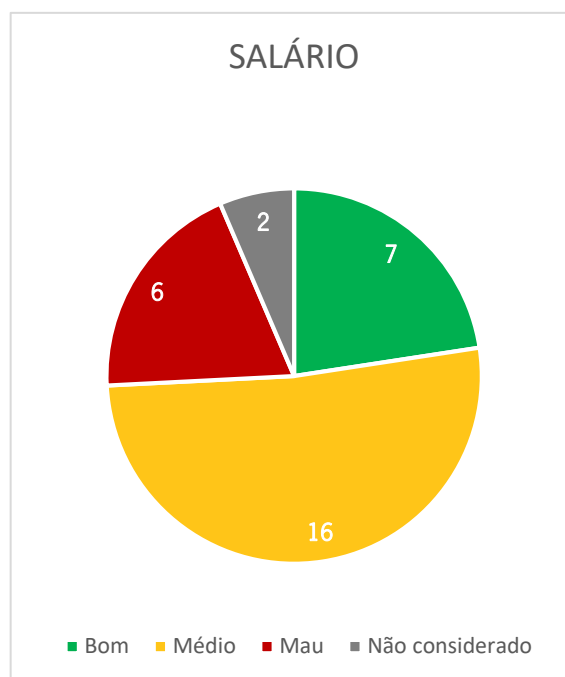
RO: Acha que me podia então indicar outra pessoa para eu conversar? Uma amiga ou amigo seu aqui do bairro...

C5: Não sei, não tenho amigos aqui no bairro. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D7: Não tenho tido muita sorte com os amigos, mas isso também não é muito importante para mim. Até vou pôr isso em último lugar! [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D11: Não tenho muitos amigos. Não tenho muito tempo, trabalho muito e o tempo que me resta é para a minha família. [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

A resposta predominante foi a intermédia, justificada frequentemente como “o salário podia ser maior, mas o importante é ter”. Duas pessoas não privilegiaram esta categoria, sendo que uma delas está empregada (C1/D1) e a outra desempregada (A3). O número de participantes que classificou positivamente o seu salário é praticamente o mesmo daqueles que o classificaram negativamente.



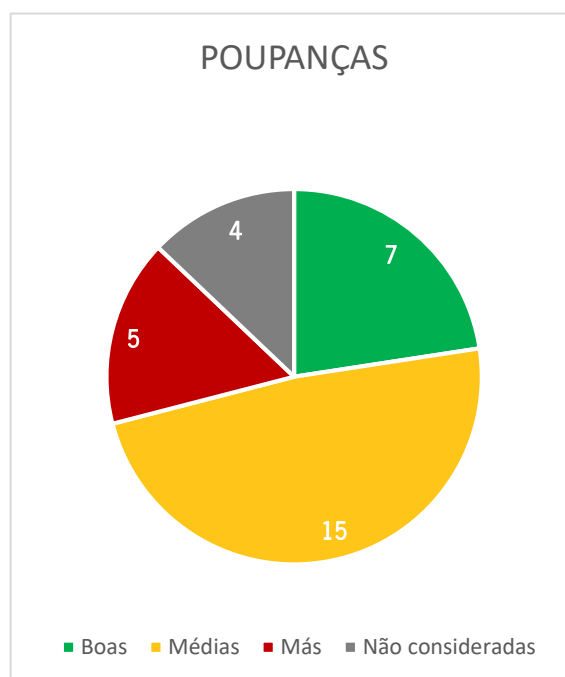
Excertos do diário de campo:

A5: O meu salário é bom, não me posso queixar nem dizer que não é. E o sucesso profissional também. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D5: (...) Só é pena o que se recebe... recebo o ordenado mínimo... As pessoas pensam que os funcionários da Câmara recebem bons ordenados, mas não é bem assim. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

O presente gráfico tem uma linguagem visual muito semelhante ao anterior: salário. Dezassete pessoas colocaram a mesma classificação nestas duas categorias, o que nos leva a concluir que existe aqui uma correlação entre as poupanças e o salário recebido. Ou seja, quanto maior é o salário, maior é a poupança ou pelo menos a intenção de poupar.

Todavia, há exceções: onde o salário é considerado bom e as poupanças são más (D9) e vice-versa (A2, D5 e D12); sendo que o primeiro caso remete para uma má gestão do orçamento familiar (ou uma opção de vida) e o segundo um exemplo de poupança.



Excertos do diário de campo:

D2: Poupanças gostava de ter mais, mas com a minha reforma é o que dá. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A1/B1: Uma altura encontrei 50 contos no chão. E como não sabia de quem eram, acabei por ficar com eles, que me davam muito jeito, claro. Olha, fui logo comprar uma coisas aqui para casa!

RO: E porque é que não guardou o dinheirinho como pé de meia?

A1/B1: Ó Rita, eu sou pobre! Quando tenho dinheiro tenho de aproveitar para comprar coisas que me fazem falta. [diário de campo, 20 de agosto de 2019]

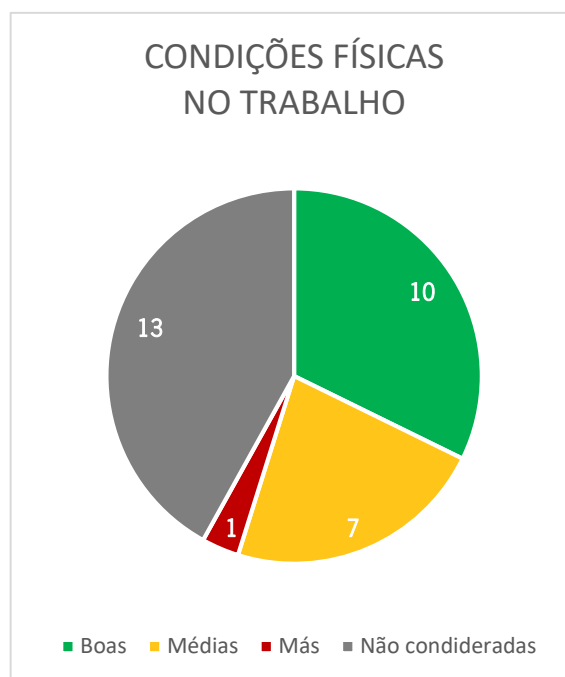
A5: As poupanças são mais ou menos. Claro que poupo, tenho de poupar, mas também tenho de viver a vida! Não é só poupar, poupar... claro que antes não pensava nisso, com 20 anos pensava lá em poupar... Agora penso, mas também tenho de aproveitar vida. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D4: Recebo uma pensão de 400€. É pouco porque tenho muitos problemas de saúde, tenho de comprar os medicamentos. Mas mesmo assim tenho de poupar. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D9: Poupar? Nada. Tudo o que recebemos, gastamos. Talvez em coisas que não devíamos, mas pronto. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D13: Agora como não trabalho, recebo pouquinho e para além disso gasto muito na minha saúde, não dá para poupar grande coisa. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

À semelhança da relação com os colegas de trabalho, as condições físicas de trabalho foi a categoria com maior taxa de abstenção. Contudo, se contabilizar apenas as classificações consideradas, a maioria considerou boas as suas condições físicas de trabalho. A pessoa que classificou negativamente esta categoria, trabalha muitas horas de pé e, como já tem uma certa idade, é difícil permanecer assim durante todo o horário de expediente.



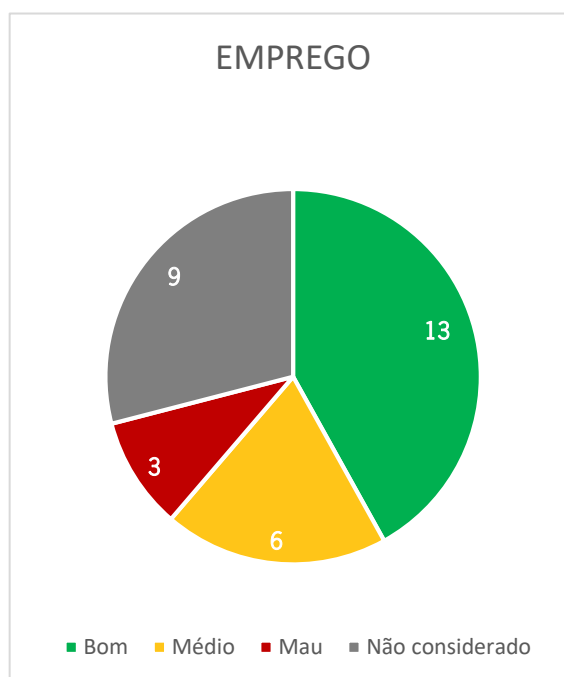
Excertos do diário de campo:

A5: Depois é o emprego, condições e a relação com os colegas. É um sítio que passamos muito tempo, estas coisas são importantes, é importante sentirmo-nos bem fisicamente. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

B7: Nas condições físicas de trabalho vou-me referir às condições que tenho aqui em casa para fazer as minhas coisas, porque isto é quase um trabalho. Tenho de fazer jantar para a minha filha, genro e netas e depois ainda tenho de fazer as marmitas para eles levarem para o trabalho. Parece que continuo a trabalhar numa cozinha (risos). [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

Das 9 pessoas que não consideraram esta categoria, 6 já estão reformadas, uma nunca trabalhou (D2) uma está desempregada (D14) e outra está empregada (C1/D1), mas não considera o emprego importante.

Apenas 3 pessoas classificaram com vermelho o seu emprego, sendo que 2 delas (C5, A6) não estão empregadas, mas, como consideram ser algo fundamental, é um fator negativo na sua vida. Uma pessoa considerou esta categoria como uma das importantes para ter qualidade de vida, mas a sua saúde impede-a de trabalhar e, por esse motivo, atribuiu a classificação negativa (D13).



Excertos do diário de campo:

A1/B1: Sim, estou feliz com o meu emprego. Eu gosto do que faço. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

D2: Eu nunca trabalhei porque tenho um problema cardíaco muito grave que sempre me impossibilitou de trabalhar. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

C5: Agora não estou a trabalhar.

RO: E antes o que fazia?

C5: Era costureira, mas tive de deixar para tomar conta do meu pai. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D5: Sou jardineiro na Câmara...

RO: E gosta do que faz?

D5: Gosto muito. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D6: Aqui vou considerar o meu emprego a senhora onde vou passar a ferro às terças-feiras. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D8: Sou empregada de limpeza. E gosto do que faço! [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

B3: Gosto muito de estar ali e do que faço. Só quero ficar ali até me reformar. Também está quase. Já trabalho há 39 anos, tenho 60, por isso falta pouco. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

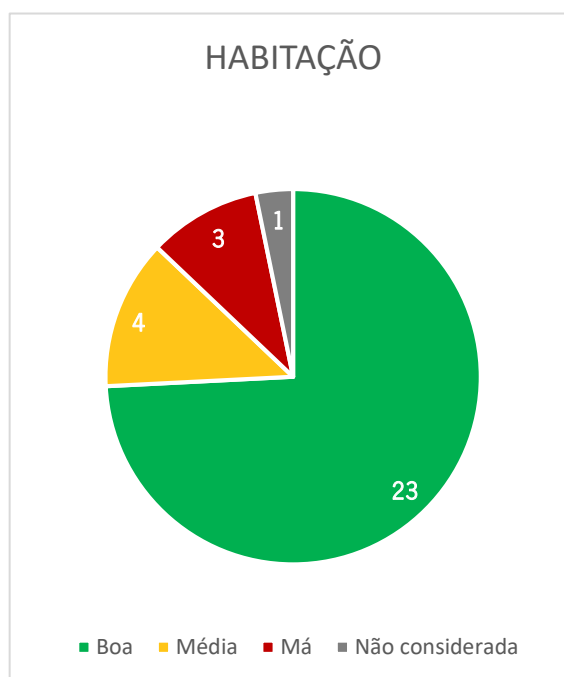
D13: Deixei de trabalhar porque tive – e tenho – muitos problemas de saúde.

RO: E deixa-a triste não ter um emprego por causa da sua saúde?

D13: Sim, e por isso vou colocar vermelho. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

Apesar do estudo de caso ser num bairro social, o verde foi a cor predominante na classificação das habitações. As três pessoas que consideram estas condições fora das suas expectativas justificam a escolha devido ao tamanho pequeno das casas (A2), ao facto de serem antigas (B5) e o último vermelho foi colocado na habitação (e verde nos vizinhos) quando o motivo apontado para não gostar de viver no bairro eram os conflitos com os vizinhos e não propriamente a casa em si.

No nível intermédio, foi justificado positivamente como sendo uma construção resistente (A1/B1) e com alguma qualidade, especialmente quando comparada a outros bairros sociais (A5).



Excertos do diário de campo:

A1/B1: As casas até são boas, são resistentes. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

A2: ... o problema é mesmo a casa. (...) Gostava de ter uma casa que pudesse ter sempre limpa e arrumada. Esta não consigo. É demasiado pequena. (...) Já fiz algumas obras, tudo por minha conta, porque a casa é alugada. Já mudei o chão, já coloquei armários novos na cozinha, e até já estou a pensar fazê-lo novamente. [diário de campo, 13 de julho de 2019]

D2: Gosto da minha casa. E ainda gosto mais porque fui eu que a estreei. Mas também já gastei aqui umas boas “lecas”. (...) Ter uma habitação, vou colocar logo em primeiro (na hierarquia). Haver um teto para nos cobrir e saber que dali ninguém nos tira. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A5: Olhe, a casa, para ser num bairro social é muito boa. Não tem humidade nem nada. Para o que se vê noutros sítios é muito boa, eu gosto (...) A localização também é muito boa. Estamos aqui perto de tudo, supermercados, escolas, serviços e aqui da estação de camionagem. (...) A casa é mais ou menos, claro que gostava de ter uma casa maior, com jardim, mas não posso dizer que é má. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D5: (...) claro que se pudesse ia para uma casa maior, uma vivenda com jardim! [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D12: Eu acho que são boas... então comparativamente a outros bairros que conheço são muito boas. [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

B2: Habitação: Gosto da minha casa. É o que posso ter. Mas sabe que apesar de isto ser um bairro social, há aqui casas muito boas por dentro. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

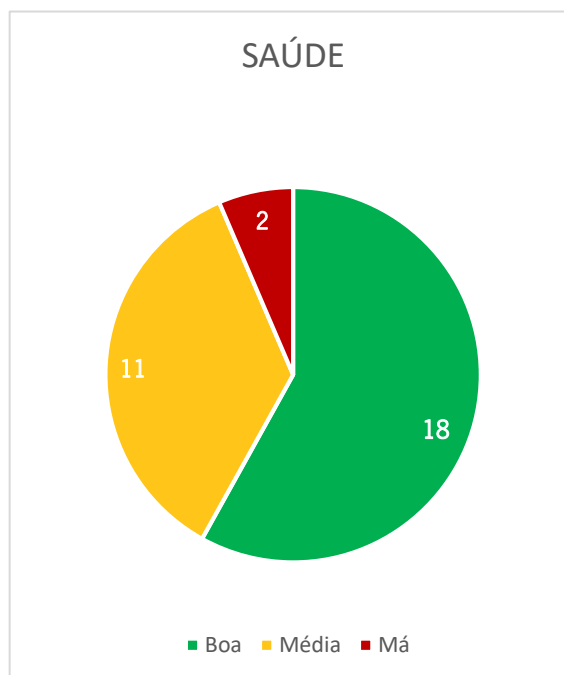
B5: Não vou dizer que não gosto da minha casa. Porque gosto, é a minha casa. Mas não vou dizer que é a minha casa de sonho, porque não é! Gostava de ter uma casa grande, com aquela mobília toda moderna como se vê nas novelas... [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

B7: Se não tivermos uma habitação, não temos saúde nem emprego. [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

Todos os participantes incluíram a saúde como uma das prioridades para ser feliz e com qualidade de vida.

Mais uma vez, o gráfico apresentado poderá ser enganador, uma vez que existem discrepâncias entre a informação recolhida nas entrevistas informais e o resultado obtido nos quadros. Duas pessoas revelaram ter muitos problemas de saúde, mas classificaram esta categoria com verde (D4) e com amarelo (D13).

A maioria das pessoas afirma ter saúde e apenas duas pessoas classificam a sua saúde com vermelho (D2 e B4).



Excertos do diário de campo:

D2: Saúde... “Ando de pé.” Os médicos diziam que eu não ia chegar a adulta e muito menos casar e ter filhos. E olha, como podes ver, estou aqui... [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

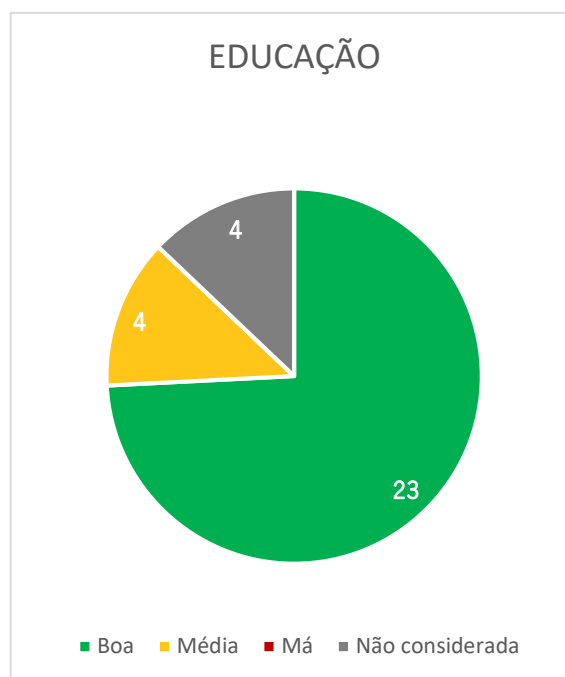
A5: A minha saúde é boa. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D4: Tenho muitos problemas de saúde. Tenho muitas depressões e problemas cardíacos. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D13: Eu tenho muitos problemas de saúde, mas não vou pôr vermelho, porque há quem esteja pior. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

D14: A saúde é mais ou menos porque eu trabalhava muito e já estive com depressões. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

A educação foi das categorias com maior percentagem de respostas positivas, sem qualquer resposta negativa. Contudo, ainda houve quatro pessoas que não colocaram esta categoria nas suas prioridades.



Excertos do diário de campo:

D2: Tenho a educação que preciso para a minha vida. [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

A3: Acho que sou uma pessoa educada, não acha? Eu só gostava de ter mais estudos, ir para a universidade, quem me dera! Mas não é possível, só tenho a 4^a classe. [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

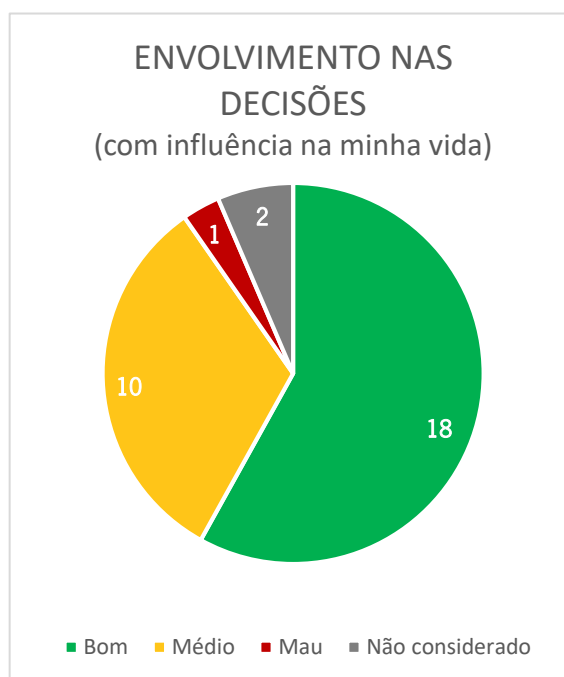
A5: A minha educação é boa, fui para a universidade, tenho um curso superior. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D6: A minha educação é boa. Tenho a 3^a classe.

RO: E gostava de ter mais?

D6: Não, não me faz falta. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

Apenas duas pessoas não integraram esta categoria nas suas prioridades, sendo que a 18 sentem que estão envolvidas em todas as decisões que afetam a sua vida. Uma pessoa (D7) classificou negativamente o seu envolvimento nas decisões por opção, uma vez que não gosta de tomar decisões e prefere ter quem as tome por ela.



Excertos do diário de campo:

A4: Envolvimento nas decisões da minha vida? Sim! Quem decide as coisas aqui em casa sou eu!
[diário de campo, 31 de agosto de 2019]

A5: O envolvimento nas decisões está ao mesmo nível da relação com a família. É uma coisa muito importante para mim. Ter a rédea da minha vida e ter opinião sobre as decisões que me afetam. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

D3: Envolvimento nas decisões?

RO: Sim, quem decide sobre os temas importantes da sua vida, sobre as coisas do dia-a-dia...

D3: Eu gosto de ter algo a dizer.

RO: E quem decide as coisas aqui em casa?

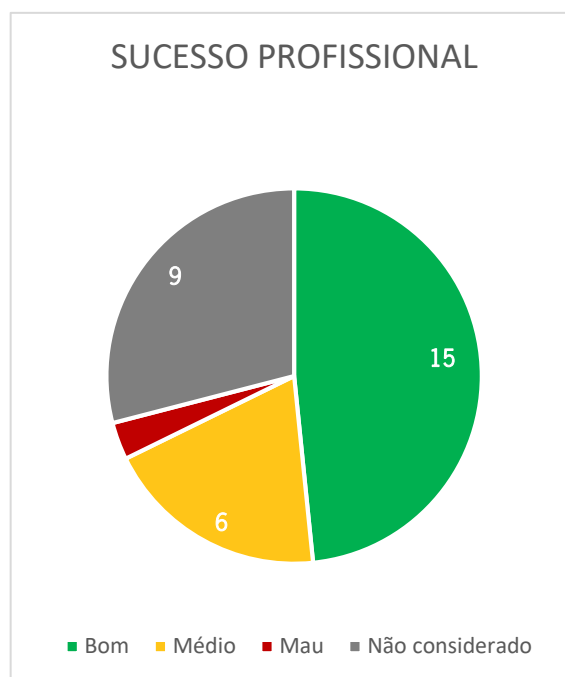
D3: Somos os dois, tem de ser, não é? (risos) [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D7: Se tiver quem decida as coisas por mim, melhor. Não gosto de ter de decidir nada. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

B7: O envolvimento nas decisões é muito importante. [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

Relativamente ao sucesso profissional, a maior fatia é positiva, com 15 participantes a fazê-lo positivamente e apenas 1 a classificá-lo com o nível mais baixo.

Das 9 pessoas que não incluíram esta categoria na sua hierarquia, 7 delas não estão empregadas, sendo que 6 estão reformadas e 1 desempregada.



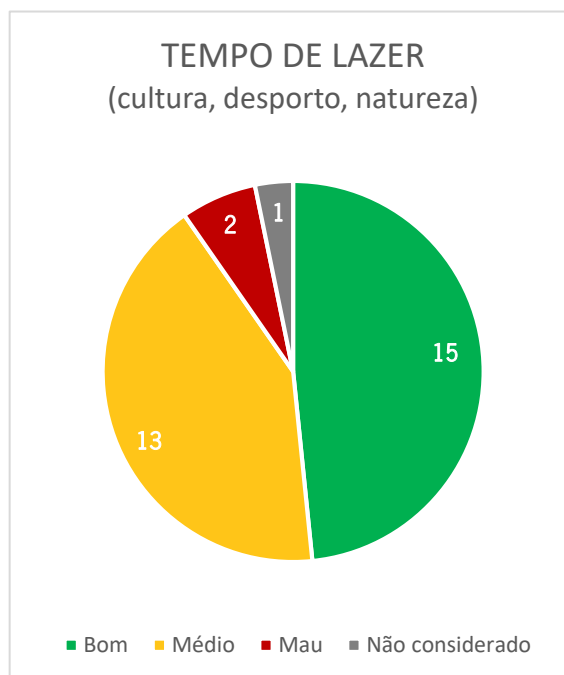
Excertos do diário de campo:

D2: Eu nunca trabalhei por causa do meu problema de saúde, mas considero o meu croché o meu trabalho, o que eu gosto de fazer e aí sim, sou muito bem-sucedida! [diário de campo, 17 de agosto de 2019]

D7: É bom, mas gostava que o meu patrão valorizasse mais o meu trabalho. Era importante de vez em quando ouvir um “isso está bem feito” ou algum elogio. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D14: O sucesso profissional é bom. Acabei agora a minha licenciatura em psicologia e vou começar o mestrado. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

As duas pessoas que classificaram negativamente esta categoria atribuem-no ao excesso de trabalho (C1/D1) e de estudo (D14). Apenas uma pessoa não incluiu o tempo de lazer nas suas prioridades para ser feliz, justificando que, apesar de não trabalhar, cuida dos filhos e da casa e é assim que ocupa o seu tempo e sente que não precisa de tempo de lazer. Todas as pessoas desempregadas ou reformadas assumiram que o seu tempo de lazer era positivo, à exceção de um participante com uma criança que admite ter pouco tempo disponível para si e outro que necessita de cuidar do pai. Por outro lado, duas pessoas reformadas referem que, apesar de terem tempo livre, gostavam de o aproveitar melhor. Os restantes 11 participantes que assinalaram o nível intermédio estão empregados e referem o cansaço e as tarefas domésticas como justificação desta escolha. Contudo, houve 4 pessoas empregadas a referir que tinham tempo suficiente para fazer o que gostam para além do trabalho porque “quando se quer, arranja-se sempre tempo” (B2).



Foi a única categoria, em todos os quadros, de todas as pessoas, que uma pessoa fez questão de colocar dois *emojis* verdes (A4). Contudo, para efeitos estatísticos foi considerado apenas um.

Excertos do diário de campo:

A2: Nos tempos livres - que são poucos - faço as coisas de casa: limpar, arrumar, cozinhar... e parece que nunca tenho tempo para tudo! (...) Também gostava de viajar, mas não tenho tempo e dinheiro. Principalmente pelo dinheiro. Mas já disse ao meu filho que um dia vou a Lisboa naqueles voos baratos! (...) Tenho medo de deixar de trabalhar. Como vou ocupar o meu tempo depois? Tenho medo do que me possa acontecer... [diário de campo, 13 de julho de 2019]

A3: Vou para a cozinha na mesma, porque é uma coisa que eu gosto e também é uma maneira de passar o tempo. (...) Tempo de lazer? É verde! Muito verde! O que não me falta é tempo para fazer as minhas coisas e o que gosto! Vou a aulas de inglês e informática. Dá sempre para aprender e para ocupar o tempo. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

A4: O que não me falta é tempo livre! É muito verde!

RO: Então um *emoji* só é pouco? (risos)

A4: Sim! Posso colocar dois? (risos)

RO: O que costuma fazer no seu dia-a-dia? Como é um dia seu, normalmente?

A4: Olhe, levanto-me e vou ao café tomar o pequeno-almoço e “dar duas de treta”, depois venho para casa fazer o almoço, mas se não me apetecer também não faço. Depois durante a tarde, fico aqui por casa a fazer croché e a ver televisão. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

A5: Nos tempos livres gosto de passear, muito...! De viajar! (...) O que não me falta é tempo. Não tenho filhos, o tenho muito tempo para as coisas que gosto. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

C5: Estou aqui por casa a arrumar e a cuidar do meu pai. Não posso sair. Durante o dia ele está aqui no centro de dia, mas à noite e aos fins de semana está aqui em casa e eu é que tenho de tomar conta dele. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D3: Fico aqui por casa a ver televisão.

RO: E não costuma ir passear? Não gosta?

D3: Até gosto, mas já não consigo andar muito. A minha sorte é que aqui estou pertinho de tudo. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D4: Nos tempos livres eu não gosto muito de sair, prefiro ficar aqui por casa. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D5: Eu não tenho muitos tempos livres, trabalho muito. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D6: Às segundas e quartas vou à natacão, por mim ia mais vezes, gosto muito daquilo, mas não tem mais horas. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D7: Dormir! Mas não ponha isto no seu trabalho! - diz a rir-se.

RO: Não quer que coloque mesmo?

D7: Não, pode colocar, mas não deve ser uma coisa interessante para se colocar num trabalho. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D8: Eu tenho pouco tempo livre, mas o que tenho é para fazer as coisas de casa.

RO: Então podemos dizer que traz o trabalho para casa!

D8: Sim (risos). [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D9: Não faço grande coisa. Vou passear e fico por aqui por casa. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

B2: Eu estou aqui por casa, mas às vezes também vou lá para baixo.

Filha: Vamos para ali para baixo para o parque e ficamos a falar e a jogar volei ou futebol.

B2: Mas quando vão para o parque (e na hora das refeições) os telemóveis ficam aqui em casa, eles têm é de conviver e estar com as pessoas!

(Chega o filho mais velho e a filha mais nova.)

Filho: Sim, nós aqui vamos muitas vezes para o parque.

RO: E vocês assim grandes vão para o parque?

Filho: Sim, vamos. Até o nosso padrasto vem connosco “brincar” no parque.

(O padrasto deve ter ouvido e veio também cá fora. Quando me apercebi já estava toda a família cá fora a conversar.)

Padrasto: Sim, até eu gosto de estar aqui e ir lá para baixo com eles.

B2: Isto para criar os miúdos é do melhor que há. Há sempre alguém a deitar-lhes um olhinho e mesmo que a gente não esteja em casa aparece sempre alguém que lhes dá um suminho ou um pão. Olhe ali para baixo!

(Estava um grupinho de crianças a jogar à bola.)

B2: Está a ver? Até podia tirar uma fotografia. Isto é que é viver no bairro.

RO: Só não vou tirar porque não tenho autorização, mas vou reter na memória.

B2: É este o ambiente em que vivemos aqui. Claro que às vezes há confusões, é como em todo o lado.

Filho: É verdade. É só pegar no balde de pipocas e pôr-me aqui no patamar a comer e a assistir. Geralmente as confusões são daquele lado. Mas é mais uns berros e assim, nada de grave. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B3: Vou ali para a minha hortinha, faço as compras e depois é para fazer as coisas em casa. Não me sobra muito mais tempo. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B5: Vejo televisão!

RO: Só? E passear?

B5: Não costumo passear muito... só aos sábados à tarde que costumo ir ao café com a minha irmã...

RO: E não gostava de fazer outras coisas nos tempos livres?

B5: Olhe, por acaso até gostava de fazer alguma coisa ... útil...

RO: Dança?

B5: Não!

RO: Inglês?

B5: Ui, não!

RO: Você é difícil... informática?

B5: Não, não...

RO: Natação?

B5: Sim, natação até gostava...

RO: E culinária?

B5: Não... detesto cozinhar...

RO: E costura? Ou trabalhos manuais?

B5: Costura não. Mas trabalhos manuais até gostava! Eu antigamente fazia umas coisinhas com os miúdos, ganchos para o cabelo, carteiras e essas coisas... Agora que falou nisso até gostava...! [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

D13: Estou aqui por casa. Não posso fazer grande coisa por causa da minha saúde. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

D14: O tempo de lazer é muito mau. Não tenho tempo para nada com as aulas e o estudo... [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

D15: Costumo ficar em casa a fazer as coisas de casa...

RO: O dia todo? Não sai para dar uma voltinha?

D15: Sim, saio todos os dias de manhã e faço as coisas todas que preciso na rua. Depois volto e de tarde fico sempre aqui por casa. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

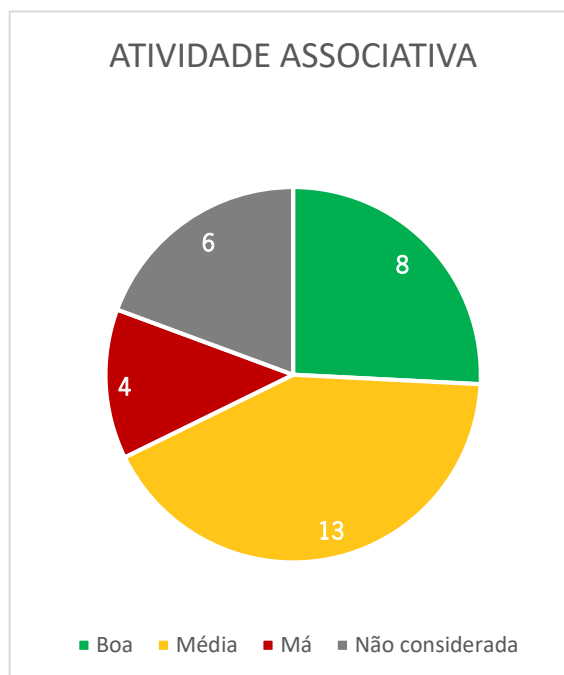
Ao observar o gráfico da Atividade Associativa, podemos verificar uma distribuição equitativa dos resultados obtidos, apesar de não ser uma das categorias com maior taxa de abstenção.

As 4 pessoas que classificaram como “má” a atividade associativa, fizeram-no por não terem qualquer participação, bem como as 6 pessoas que não colocaram esta categoria numa das prioridades para ser feliz.

Das 8 pessoas que consideram ter uma boa atividade associativa, 4 delas são sócias da AML (D9, D12, B2, B3), uma da Associação das Gerações (A4), uma considera a natação o seu associativismo (D6), uma de um grupo cultural de organização de festas religiosas (D5) e outra (C5) não faz parte de nenhuma associação, mas considera aqui a ajuda da AML.

Dos 13 participantes que classificaram com o nível intermédio, nenhuma tem participação em qualquer atividade associativa, mas como isso não tem influência nos seus índices de felicidade, optaram por não colocar vermelho. Duas delas já foram sócias da AML (A3 e B7), mas atualmente não são.

Tendo em conta o supracitado, apenas os que classificaram a atividade associativa com o verde, participam efetivamente nestas atividades, ao contrário dos 23 restantes que não estão integrados em nenhum grupo ou associação.



Excertos do diário de campo:

C3: Agora já nem é nenhuma. Já nem tenho tempo sequer para andar nos escuteiros. [diário de campo, 11 de agosto de 2019]

A3: Já fiz parte da AML quando as minha filhas precisavam. Agora já não faço. Já não preciso, por isso já não “tenho opinião” sobre o que se passa aqui no bairro. Mas em minha casa mando eu! (Estabelece uma relação entre a atividade associativa e o envolvimento nas decisões) [diário de campo, 21 de agosto de 2019]

A4: Sim, faço parte dali da Associação das Gerações - diz com orgulho ao mesmo tempo que coloca o verde. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

A5: A atividade associativa não é que seja má, vou colocar vermelho porque não tenho. [diário de campo, 31 de agosto de 2019]

C5: A AML ajuda-me muito, especialmente com a situação do meu pai... Sempre que preciso de alguma coisa, eles estão lá para ajudar.

RO: Então faz parte da AML, é sócia.

C5: Não. Eu sei que devia, mas não. [diário de campo, 7 de setembro de 2019]

D5: Não tenho nenhuma, não pertenço a nenhuma associação.

RO: Nem a nenhum grupo desportivo, cultural, político...

D5: Faço parte de um grupo de organização de festas, não sei se isso conta.

RO: Claro que sim! E o que faz?

D5: Organizamos muitas coisas, atividades... Ainda no ano passado fui eu que levei os andores todos da procissão. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D6: Posso considerar a natação? Eu gosto de lá ir, de estar com as minhas amigas e é o mais próximo que tenho de um grupo. Por acaso gostava de pertencer a alguma associação, mas não conheço nenhuma aqui perto.

RO: Existe aqui perto a Associação das Gerações... (Que já me tinha sido referida pela A4)

D6: Olhe que vou ver isso então! [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D7: Não tenho nenhuma, nem me faz falta. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D9: Pertenço à AML.

RO: Mas costuma ir às reuniões, dar a sua opinião?

D9: Não, eles que resolvam. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D10: Eu não faço parte de nenhuma associação não tenho tempo e sinceramente também não me faz falta. A minha filha, por exemplo, faz parte daqueles da distribuição de comida, tem um nome estranho.

RO: A REFOOD?

D10: Sim, exatamente. Ela gosta muito de ir para lá e acho que lhe faz muito bem. Acho que torna as pessoas melhores. [diário de campo, 8 de setembro de 2019]

D12: Aqui não se pode fazer tudo o que se quer. Há regras que têm de ser cumpridas e a AML teve e tem um papel fundamental nisso. Acho que eles fazem um ótimo trabalho por todos nós, estão sempre

do nosso lado e se tivermos algum problema basta irmos lá falar com as assistentes sociais que elas falam com quem de direito para tentar resolver. Antigamente, no início, vinham pessoas “de fora” ver como funcionavam as coisas aqui porque funcionavam – e funcionam - bem. [diário de campo, 9 de setembro de 2019]

B2: Faço parte da AML, sou sócia! - diz com orgulho.

RO: E costuma ir às reuniões?

B2: Nem sempre vou, mas sempre que tenho tempo, vou. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B3: Sim. E fui uma das fundadoras aqui da AML, apesar de não aparecer nas fotografias eu fui lá ao cartório quando se constituiu a associação. Depois deixei de fazer parte e agora já faço outra vez. [diário de campo, 14 de setembro de 2019]

B7: Sempre estive muito ligada aqui ao bairro, à AML e ao centro social. Trabalhei aqui no centro social antigo muitos anos, depois quando abriu o novo fui para lá. Fui eu que abri o centro social” – diz com orgulho. Fui eu que escolhi os eletrodomésticos, as panelas e tudo o que era preciso para a cozinha do Centro Social Novo. Ainda me lembro da primeira ementa que fiz lá: arroz de feijão vermelho com bolinhos de bacalhau.

RO: Que maravilha!

B7: Mas também já me disseram que agora as comidas não eram tão boas como a minha e as ementas... era eu que fazia tudo, sabe? Agora há nutricionistas e às vezes também há chatices, mas agora acho que as coisas estão melhores lá em cima (no Centro), aqui (no bairro) é que nem por isso... Eu sempre disse que quando o Centro comesse a funcionar, a AML ia deixar de querer de saber de nós, dos moradores daqui do bairro, e assim foi. Agora estamos aqui quase ao abandono. Eles fizeram coisas muito boas, não há dúvida, principalmente no início, mas agora...

RO: O que pensa que deveria ser feito?

B7: Ouvirem-nos mais e verem os problemas que existem realmente aqui no bairro. As assistentes sociais estão sempre enfiadas nos gabinetes. Não digo que não seja preciso, mas acho que nos podiam ouvir mais e perceber como vivemos. Basta sair e olhar para as coisas para ver que é preciso fazer reparações, ver como são as nossas condições, fazer inquéritos para saber das coisas... assim como você está a fazer. No início era tudo diferente. Agora estamos sozinhos. Eu às vezes vou lá e faço barulho, mas muitas vezes também não adianta de nada. [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

D13: Vou colocar amarelo porque não tenho nenhuma. Mas também não me faz falta, por isso não é algo que me deixe triste. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

D14: Vou colocar amarelo porque não tenho. [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

5.3.3. A relação entre a hierarquia e a classificação

Apesar da classificação ser importante por permitir perceber o sentimento pessoal relativamente a cada categoria, a sua hierarquia também deverá ser tida em consideração. Ou seja, ser privilegiada como uma vertente da análise dos dados.

Esta tabela reúne todos os dados obtidos, tanto a hierarquização como a classificação de elementos, observando todos os dados simultaneamente. Ainda assim, optou-se por gráficos horizontais para que, visualmente se perceba mais facilmente a quantidade, como se delineássemos uma linha vertical imaginária, dos três níveis possíveis de resposta a cada categoria. Para além disso, a quantidade é colocada à frente de cada nível para que seja imediatamente visível.

Ao observar a tabela 3, a cor predominante é o verde (244), seguindo-se o amarelo (122), o “não classificado” (68) e o vermelho (31), num total de 465 classificações.

Apenas duas categorias foram sempre consideradas por todos os participantes: a saúde e a relação com a família, ocupando sempre as sete primeiras posições na hierarquia. Relativamente à relação com os amigos, tempo de lazer e habitação, seguem-se às anteriores, com apenas uma pessoa a não considerar esta categoria, sendo que esta última se concentra nas primeiras posições.

Em contrapartida, as categorias menos consideradas foram as condições físicas de trabalho e a relação com os colegas de trabalho.

Às duas categorias supracitadas, segue-se o emprego e o sucesso profissional onde a taxa de abstenção foi menor uma vez que se considerava que ter um emprego era importante, bem como o sucesso profissional que tiveram outrora ou de atividades de lazer que ainda têm e considerem bem-sucedidas. Contudo, o emprego originou uma dualidade de respostas, sendo que 13 pessoas colocaram entre as cinco primeiras opções, contrastando com as 9 que não incluíram esta categoria.

A **saúde** é a categoria com maior volume de respostas nas duas posições de topo, com 28 dos 31 participantes, com maior incidência na primeira, num total de 18 respostas, sendo que 11 foram verdes e 7 amarelas. Esta categoria não só contou com o maior número de pessoas a colocá-la como primeira opção, mas também o maior número de classificações positivas num único nível, concluindo assim que é algo essencial para a felicidade e para a qualidade de vida.

A **habitação** e a **relação com a família** foram as categorias que se seguiram à saúde no que diz respeito à incidência das respostas nas primeiras opções. Contudo, há três fatores que diferenciam estas categorias: apenas uma pessoa colocou a relação com a família abaixo da quinta opção, nenhuma a excluiu das suas preferências e o número de pessoas que definiram a relação com a família como principal prioridade para ser feliz também foi superior. Um facto curioso foi o de uma pessoa (B6) ter

colocado a **relação com os vizinhos** antes da relação com a família, justificando com a proximidade dos vizinhos e o espírito de ajuda que existe na comunidade. Como se pode verificar, a relação com os vizinhos incide particularmente na quinta opção e nos níveis intermédios. O topo desta categoria foi a terceira opção conferindo, por isso, grande importância a estas ligações, onde uma das pessoas que atribuiu esta ordem, a classificou negativamente (por coincidência a única), fazendo o contraste do que se valoriza com a situação atual da pessoa.

O **emprego** foi uma das categorias onde os níveis hierárquicos estavam mais dispersos, variando desde a primeira opção até à décima quarta, com maior incidência na terceira e quarta posições, respetivamente. Aqui a abstenção destacou-se. Paralelamente, e com o mesmo número de abstenção, o **sucesso profissional** relaciona-se com a opção anterior, mas só 5 das 9 pessoas é que não consideraram ambas as categorias. Deste modo, para algumas pessoas é importante ter emprego (seja ele qual for) e outras que só se sentem realizadas se também tiverem sucesso na profissão que escolheram. Ainda no setor profissional, as **condições físicas no trabalho** foi uma das categorias com maior taxa de abstenção, sendo que, 4 das 13 pessoas que excluíram estes elementos encontravam-se reformadas e, por isso, não consideraram estas categorias. A concentração de respostas foca-se nas cinco últimas opções e nas intermédias, para cada categoria, respetivamente.

A par da categoria supracitada e com o mesmo número de abstenção (bem como o de reformados), destaca-se também a **relação com os colegas de trabalho** onde a maior afluência de resposta se centra a partir do nível cinco. Porém, há exceções. A pessoa (A5) que colocou a relação com os colegas de trabalho na terceira opção, justificou com o facto de grande parte do seu tempo ser passado com eles e ter um bom ambiente de trabalho é fundamental para o seu bem-estar. Esta opção também foi colocada em segundo lugar por um participante (B6) que a conecta à relação com os amigos, ao referir que os seus colegas de trabalho são também os seus amigos.

Aliado às categorias anteriores, o **salário** também foi uma das categorias com os resultados mais dispersos, variando entre a segunda e a décima quarta opção, sem nunca ultrapassar 5 pessoas por nível.

A **educação** não obteve qualquer classificação negativa e a incidência na hierarquia predomina no nível médio, ou seja, entre a sexta e a décima posição, resultando de uma elevada taxa de respostas positivas.

O **tempo de lazer** revelou-se uma das categorias com menor abstenção, mas as respostas distribuem-se maioritariamente entre o verde e o amarelo, estando também dispersas na hierarquia. Porém, nos níveis iniciais, verifica-se um aglomerado de respostas amarelas, o que significa haver pessoas que valorizam muito o tempo livre, mas não têm tanto quanto gostariam ou não o aproveitam da melhor maneira.

O **envolvimento nas decisões** obteve uma classificação maioritariamente positiva, demonstrando que os participantes têm controlo e opinião sobre o que influencia a sua vida, mas desvalorizando a participação na vida associativa. Porém, houve um participante que aliou estas categorias (**A3**), criando uma relação entre elas uma vez que não era associativamente ativo, não tinha total poder de decisão no que diz respeito à sua vida, especialmente à vida comunitária.

As **poupanças** e a **atividade associativa** nunca foram consideradas antes da quarta e da sexta opção, respetivamente, e predomina a classificação intermédia em ambas as categorias. Contudo, nos níveis de resposta, as poupanças ocupam posições com maior destaque, ao contrário da atividade associativa onde a maior incidência de respostas nos cinco últimos patamares, para além das 7 pessoas que nem consideram esta categoria como algo importante na sua vida.

Por fim, a **relação com os amigos** destacou-se na quarta opção e entre a sexta e a décima, sendo que apenas uma pessoa (**D11**) não incluiu esta categoria nas suas prioridades e não obteve nenhuma classificação negativa.

[illegible]

Tabela 3 – Relação entre a hierarquia das escolhas dos participantes e a sua respetiva classificação.

Capítulo 6 – Conclusões

O início da presente dissertação revelou-se atribulado, sem rumo durante demasiadas semanas. Muito tempo passou sem um tema definido, o que resultou no encurtar do percurso que seria expectável para a investigação. Contudo, a partir do momento em que foi definido o cronograma com as datas previstas para a conclusão de cada etapa, começou-se a perceber que o tempo disponível era cada vez menos e era necessário agir rapidamente. Foi definida uma área de intervenção: um contexto social desfavorecido. Após aclarado o contexto de estudo, iniciou-se a pesquisa sobre intervenções em contextos de exclusão, da qual surgiram diversos problemas associados. Contudo, será que em todos os bairros sociais existem os mesmos problemas? As mesmas necessidades?

A questão que se pretendia respondida no início desta investigação, funcionando assim como objetivo é: como pode o design contribuir para a compreensão e exposição dos problemas reais, com vista a futuras(s) intervenção(ões) na melhoria da qualidade de vida no bairro social das Lameiras?

Deste modo, o objetivo principal que se centrava no diagnóstico do problema foi cumprido através de uma recolha de dados qualitativos e quantitativos, em colaboração com os moradores, através dos princípios do co-design ou co-criação permitindo aos moradores intervir na fase inicial da investigação com o intuito de auxiliar o investigador a definir estratégias. “Se por um lado o carácter autoral da prática sofre uma perda, por outro lado, a participação das populações nos projetos, ganha uma nova riqueza e eficiência” (MACEDO, 2011, p.3, citando BIGGS e BUCHLER, 2011, p.61).

Este diagnóstico realizado em colaboração com a comunidade, possibilitou uma oportunidade de se expressarem, não caindo no erro de presumir as condições de vida de cada pessoa e qual a sua perspetiva pessoal relativamente à sua felicidade e qualidade de vida.

A presença de uma pessoa conhecida no primeiro contacto foi fundamental uma vez que “se viesse sozinha se calhar nem lhe abria a porta, agora com veio com a ***** que é uma pessoa que conheço bem, acabei por aceitar a conversa” [diário de campo, 22 de setembro de 2019]. Foi surpreendente que nenhuma pessoa se recusasse a participar e também por não encararem a minha presença como alguém a quem se podiam queixar dos problemas do bairro, mas sim a uma pessoa com quem podiam partilhar histórias da vida no bairro.

Foi fundamental existir uma sensibilidade por parte da investigadora durante as entrevistas compreensivas, para prosseguir com os objetivos traçados no início da investigação, sem ofender nem se sobrepor às pessoas, uma vez que se trata de um projeto participativo.

Os **Imanes da Quali-felici-dade** verificaram-se fortes aliados uma vez que permitia uma uniformidade de dados, abordando todas as categorias pretendidas, para todos os participantes.

Ao desenvolver esta investigação num contexto social desfavorecido, presumiu-se que as condições habitacionais iam ser um fator negativo uma vez que algumas estão visivelmente degradadas, tanto no exterior como no interior. Surpreendentemente, a maioria dos participantes classificou as suas casas positivamente, tanto devido às condições, especialmente por estarem inseridas num bairro social, dizendo até “eles (pessoas que habitam fora do bairro) falam mal disto, mas o que querem é vir para cá morar!” [diário de campo, 22 de setembro de 2019]

O tempo livre foi um dos temas mais abordados, particularmente pelas pessoas idosas que passam muito tempo sozinhas, em casa. A falta de alternativas e a dificuldade de se deslocarem foram os principais aspetos referenciados para não frequentarem atividades, apesar de terem interesse em fazê-lo para se manterem ocupadas e aproveitar o tempo de forma produtiva.

Apesar da atividade associativa ser essencial e, em particular numa comunidade, o desinteresse por este tema está fortemente instalado e, para reverter esta situação seria necessário muito trabalho de motivação, informação e acompanhamento. Contudo, uma maior participação e envolvimento na vida associativa, não motiva os moradores do bairro que, na sua maioria, rejeitam esta possibilidade de participarem nas decisões da comunidade, preferindo que “os outros” tomem as decisões por eles.

Uma das sugestões de intervenção com maior potencial de adesão aparenta ser a das oficinas participativas que, durante as entrevistas informais, foram recebidas pelos moradores, com maior interesse. Numa fase posterior, poderia ser realizada uma sondagem focada exclusivamente na intenção de frequentar estas oficinas e quais poderiam ser as áreas de interesse, adequando-as às suas preferências. Esta recolha de informações e divulgação das oficinas poderia ser realizada em parceria com a AML, dando continuidade ao seu atual trabalho no que diz respeito à participação dos moradores nas atividades da comunidade.

A nível pessoal, esta investigação foi enriquecedora para desmitificar ideias pré-concebidas, do que é viver num bairro social, onde as casas não têm as condições adequadas para se viver com qualidade de vida. Contudo, praticamente todos os que participaram neste processo, classificaram a sua casa positivamente, contrariando o que pensam “os de fora”.

Em suma, a definição do problema – que consistia no objetivo principal desta investigação – realizou-se com colaboração dos moradores do bairro social e resultou na identificação de um conjunto de problemas. Assim, ambiciona-se que haja a continuidade deste projeto com foco na resolução dos mesmos, segundo dinâmicas participativas, promovendo o sentimento de pertença daquela comunidade.

6.1. Apresentação de resultados

Um dos objetivos iniciais era a divulgação dos resultados obtidos, através de uma estratégia de apresentação acessível a todos.

Foi desenvolvido na sequência do tratamento de dados, o diagrama circular apresentado na figura 13, que é constituído por 16 anéis circulares: cada anel representa um patamar da hierarquia estabelecida pelos participantes. Ou seja, quanto mais próximo do centro, menor é a importância do elemento, sendo que, o décimo sexto anel (o mais próximo do centro) representa as categorias não consideradas.

Este diagrama, apesar de ter a mesma informação que a tabela 3, não inclui numericamente as quantidades das classificações. Apesar de, na tabela, ser possível visualizar todos os dados simultaneamente, existindo uma sólida hierarquização vertical das classificações resultantes da recolha de dados, considera-se que o diagrama presente na figura 13 cumpre o seu propósito de forma mais intuitiva, através dos aglomerados – ou dispersões – das bolas, despertando a atenção do recetor, devido à sua forma pouco convencional e à irregularidade das posições dos elementos.

Ainda assim, também existirá uma interatividade através de um mecanismo que permite a rotação do círculo em 360°, tornando possível a visualização de todos os dados, estabelecendo uma interação entre este esquema informativo e o recetor através de um contacto físico como meio de transmissão de informação.

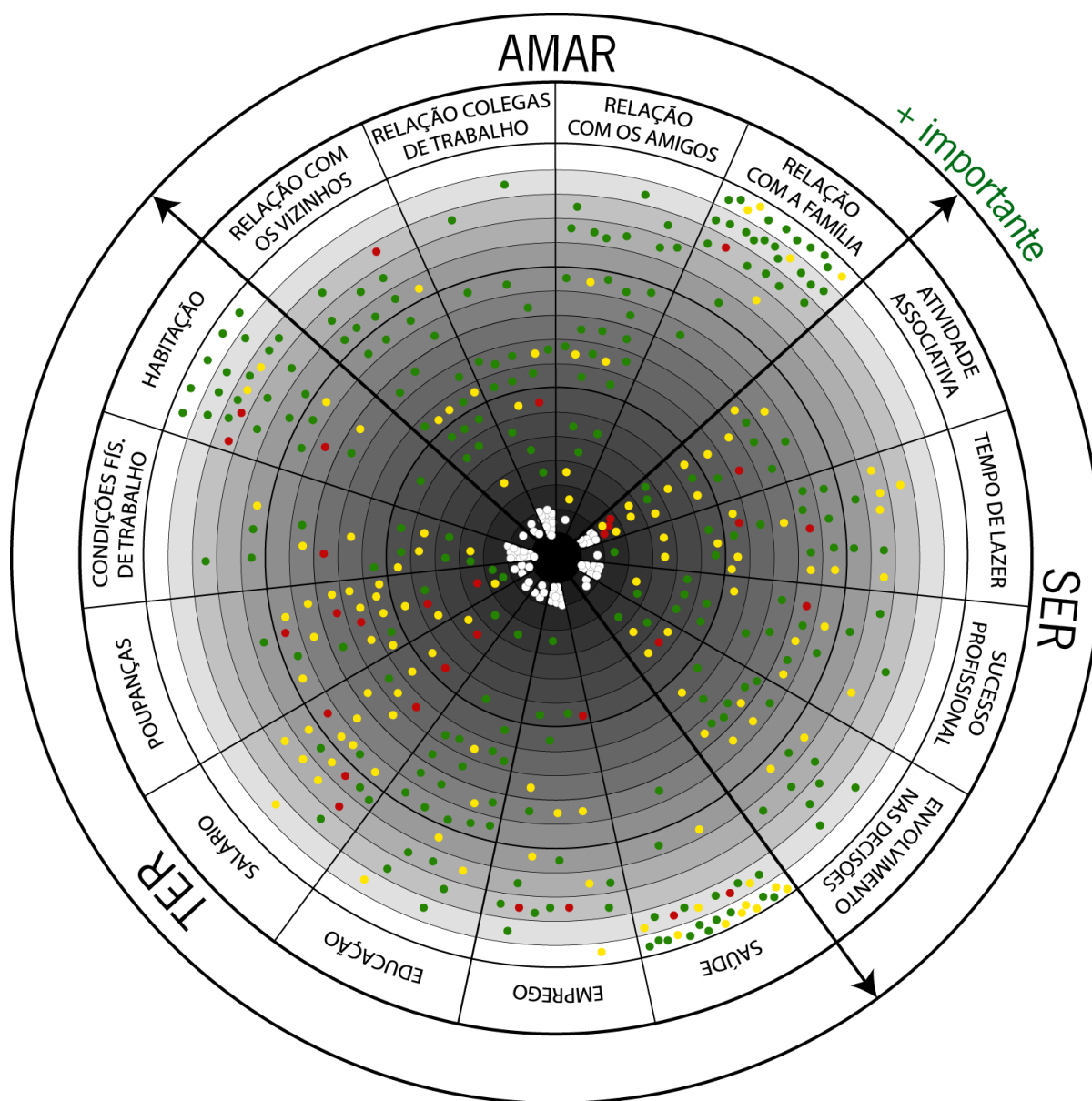


Figura 13 – Mapa circular com o conteúdo dos resultados obtidos nos **Imanes da Quali-felici-dade**, baseado no modelo de visualização de dados de Cecília P. Carvalho (2018, p.54-70), na sua tese de doutoramento.

Como reconhecimento aos moradores que participaram e contribuíram para esta investigação, foi oferecido a cada um deles um íman com o seu próprio quadro baseado dos **Imanes da Quali-felicidade** (figura 14), como objetivo eternizar um momento, através de uma memória.

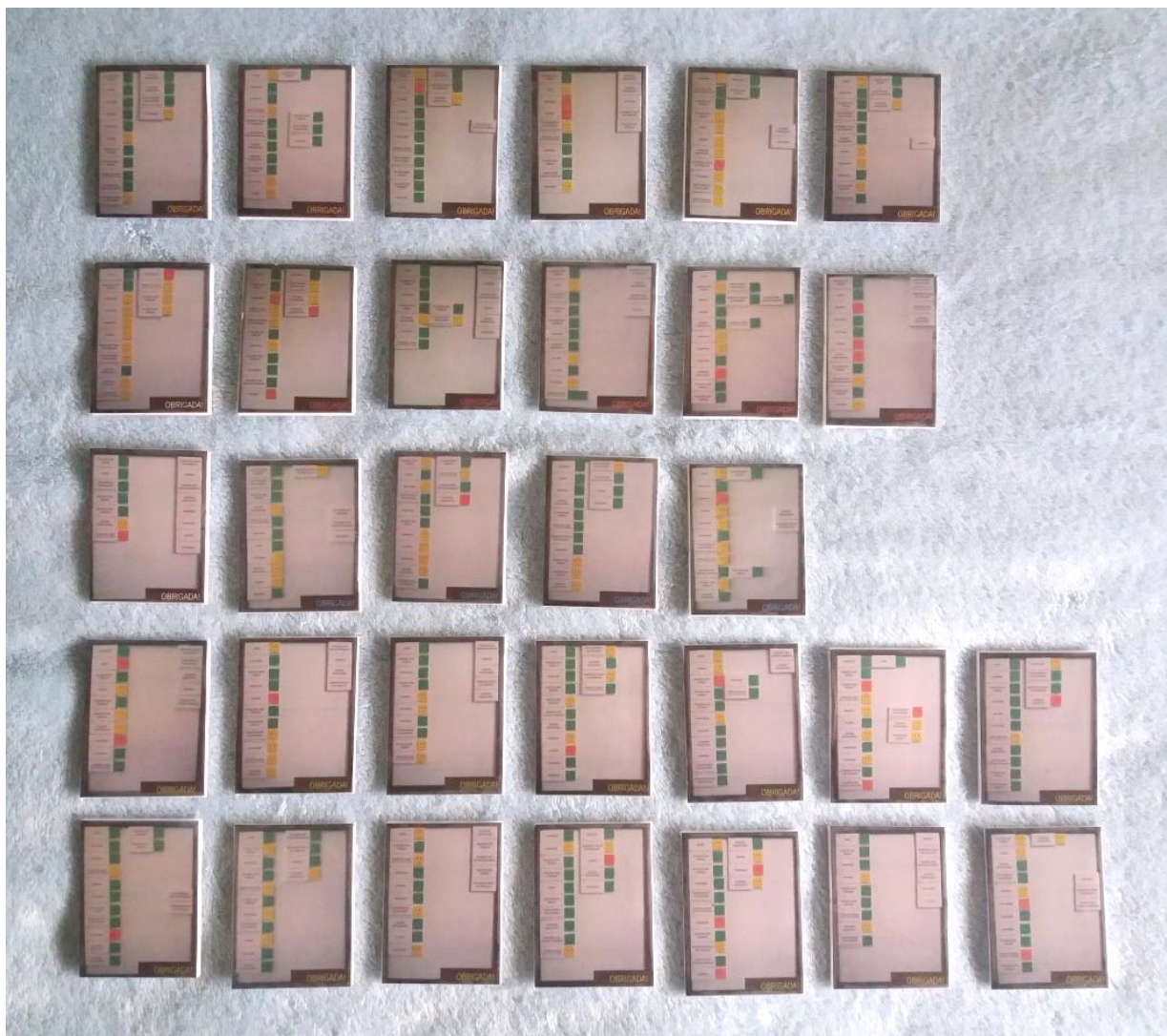


Figura 14 – Imanes para oferecer aos moradores que participaram nesta investigação, utilizando a mesma técnica para a execução dos **Imanes da Quali-felicidade**.

6.2. Áreas de intervenção

Após a recolha, análise e interpretação dos dados recolhidos, o objetivo será, tal como na fase inicial, a participação dos moradores. Deste modo, após a identificação de problemas, a questão que se coloca é: como é que o design - com foco na participação – poderia contribuir para a abordagem dos problemas identificados?

Já José Maria Costa (2011, p.176) coloca uma questão semelhante no seu livro ao questionar:

“Como tornar a pessoa mais participativa na resolução do problema que apresentou? Muitas vezes a solução está na própria descrição da questão, que a pessoa tem dificuldades em discernir, porque julga que só outros é que podem resolver o seu problema, quando na verdade, parte dessa resolução, é da competência da pessoa que procura ajuda.”

O que se pretende com esta participação da população não é só a efetiva resolução dos problemas, mas também a sua inclusão, valorizando e tornando seu. “Neste caso, para que exista uma satisfação plena, é necessária uma participação ativa de ambas as partes e uma confiança mútua, tanto de quem fornece serviços como de quem os recebe” (COSTA e LOBO, 2011, p.171).

As sugestões de intervenção refletem-se em ideias participativas que poderiam vir a ser implementadas no futuro uma vez que, tal como foi referido no capítulo introdutório, o objetivo principal seria a identificação dos problemas. Assim, estas sugestões veem de alguma forma complementar o processo, baseando-se na análise dos dados recolhidos, focando-se em três temas principais: a participação na vida associativa, o fortalecimento das relações entre membros da comunidade e a ocupação dos tempos livres dos moradores, aliados à participação e à partilha intergeracional.

Grande parte dos moradores entrevistados, referem que o seu tempo livre é passado em casa por falta de alternativas ou pela dificuldade para se deslocarem. Contudo, alguns mostraram interesse em frequentar aulas ou oficinas desde que o tema lhes interessasse, disponibilizando-se também para serem eles mesmos a conduzir as oficinas, desde que tivessem conhecimento dos temas, como a culinária, os bordados, croché...

Por fim, pretende-se que o objetivo seja a partilha de conhecimentos entre os moradores do bairro, evidenciando as suas valências e ensinamentos através de uma estrutura organizada e responsável.

6.2.1. Fortalecer relações da comunidade

A relação com os vizinhos foi um dos temas mais abordados durante as entrevistas, tanto negativa como positivamente, revelando assim a sua importância para os membros desta comunidade. Apesar da maioria dos participantes classificar esta categoria com verde, foram vários os comentários negativos tecidos durante a primeira abordagem na entrevista informal, evidenciando até algum receio de falar sobre o assunto devido a receio de represálias.

Deste modo, o objetivo seria delinear uma estratégia de intervenção que culminasse na aproximação das pessoas do bairro através.

O filme “*Favores em Cadeia*” (2000) dirigido por Mimi Leder, baseado no livro de Catherine Ryan Hyde, conta a história de um jovem que, impulsionado por um trabalho escolar, decide mudar o mundo para melhor. Este jovem idealizou um sistema – uma espécie de jogo – que consistia na retribuição de favores. Ou seja, sempre que alguém fazia um favor a uma determinada pessoa, essa pessoa teria de retribuir o favor a três outras pessoas e assim sucessivamente, desencadeando uma enorme teia de “boas-ações”. Este sistema tinha como objetivo tornar o mundo um lugar melhor, através de ligações interpessoais e de solidariedade.

A criação destes laços na comunidade também poderia ser concebida em oficinas participativas no bairro, atividades de entretenimento onde todos contribuíssem de forma organizada para proporcionar a todos os moradores, momentos de diversão e felicidade, “partilhando os seus conhecimentos, ajudando os outros e ocupando os tempos livres de uma forma alegre e sadia” (COSTA e LOBO, 2011, p. 118).

6.2.2. Participação nas atividades associativas

“Às vezes criamos determinadas defesas em redor que levam ao isolamento, ao egoísmo e à falta de empenhamento em tarefas que dizem respeito a toda a comunidade. Quando isto acontece, a tolerância não passa. Tolerância implica «sujar as mãos» por uma causa nobre. Implica «arregaçar as mangas» e dedicar-se à construção de um mundo mais fraterno, justo, a começar pelo meio onde residimos” (COSTA e LOBO, 2011, p.111).

Apenas 26% dos participantes classificaram positivamente a sua atividade associativa, desvalorizando até esta prática e o seu envolvimento nas decisões da comunidade. De que forma se poderia incentivar as pessoas a participar ativamente nas decisões do seu bairro – e subsequentemente suas?

6.2.3. Criar e promover estratégias de poupança familiar

Uma das categorias onde os participantes se mostraram mais insatisfeitos foi na sua relação – ou falta dela – com as poupanças. Para isso, palestras sobre este tema poderiam estimular esta prática, através de dinâmicas divertidas e, preferencialmente, que abrangessem toda a família, desde as crianças aos adultos. Deste modo, iria motivar a partilha familiar através do envolvimento de todos os membros, despertando o gosto para as poupanças, a gestão do orçamento familiar e o planeamento das finanças.

6.3. Sugestões de intervenções

6.3.1. Oficinas participativas

“O tempo livre é uma necessidade sentida por todas as pessoas que enfrentam longos horários de trabalho. Mas tempo livre para quê? – Se nem sempre é ocupado da melhor forma. Passa-se demasiado tempo no café, no jogo a dinheiro e noutros divertimentos que pouco contribuem para o desenvolvimento cultural e moral dos cidadãos” (COSTA e LOBO, 2011, p.92).

Grande parte dos moradores entrevistados, referem que o seu tempo livre é passado em casa, não só por falta de alternativas, como por desinteresse. Porém, apenas uma moradora referiu que frequenta aulas de inglês e de informática para ocupar os seus tempos livre e mostrou-se muito disponível para participar em oficinas no próprio bairro. Questionada se também estaria interessada em dirigir estas oficinas, respondeu afirmativamente, desde que fossem de temas que lhe interessassem, como a culinária e até o inglês que ainda está a aprender.

No decorrer das entrevistas informais, os participantes foram sendo questionados relativamente aos seus tempos livres e ao possível interesse em frequentar oficinas no próprio bairro, como trabalhos manuais, croché, culinária, inglês, informática... O facto de não terem de se deslocar para poderem participar nestas oficinas foi algo que atraiu os moradores.

- Entre avós e netos

Na sequência de uma parceria com a Casa da Memória de Guimarães, Rita Pinto delineou um mecanismo de partilha de vivências entre avós e netos. Este projeto consistia numa oficina onde os netos construíam os seus brinquedos, com base nos brinquedos que os seus avós também construíram na sua infância. Para além disso, existiria um portefólio onde era registado o processo para a execução do brinquedo, com o intuito de outros avós e netos poderem construir aquele brinquedo. Aqui a exploração de materiais e técnicas é fundamental, uma vez que, de acordo com Papert (1980) “ter objetos à mão para brincar é importante, pois acelera o processo e ajuda os participantes a concentrarem-se. Como

peças e adereços de material de design criam um terreno comum que todos podem se relacionar e ao mesmo tempo eles agem como «coisas para pensar»²⁴ (BRANDT e MESSETER, 2004, p.129). Este projeto iria motivar e estimular não só as crianças, como também proporcionar aos idosos a possibilidade de continuarem ativos, com a vantagem de estarem na companhia dos seus netos, proporcionando que estes se divirtam com os mesmos brinquedos com que os avós – noutros tempos - se divertiam.

RO: Os seus netos vêm para aqui? Brincam no parque?

B6: Sim, eles vêm para aqui todos os dias, no fim do dia, mas não brincam no parque, só veem televisão.

RO: E o que faz com eles quando estão aqui em sua casa?

B6: Eles, é como lhe disse, só veem televisão e eu vou fazendo as minhas coisas aqui em casa... [diário de campo, 16 de setembro de 2019]

A3: Gosto de passar tempo com os meus netos e fazer coisas com eles. Já cheguei até a ir aqui para o parque com eles jogar à bola, apesar de me custar muito. Mas pronto, é a maneira que tenho para estar com eles, fazer o que eles gostam. [diário de campo, 20 de julho de 2019]

Os objetivos principais desta atividade serão proporcionar tempo de qualidade entre as duas gerações, explorando a manualidade e o conhecimento de materiais e técnicas, criando memórias tão importantes para a identidade de cada um (CANDAU, 2008).

- Eu sou uma pessoa tecnológica

No bairro existem muitos idosos, alguns que vivem sozinhos e, por isso, estarem contactáveis é fundamental para a sua segurança e bem-estar. Os telemóveis são um meio de comunicação eficaz, mas por vezes complexo quando nos referimos a pessoas que, durante praticamente toda a sua vida, não tiveram contacto com qualquer tecnologia. Deste modo, a interação com estes dispositivos é difícil, devido a interfaces complexos e pouco acessíveis. O que acontece com frequência é os avós pedirem aos filhos e aos netos ajuda para conseguirem pelo menos fazer e receber chamadas, acabando este momento numa tensão devido à impaciência dos mais novos para explicar algo que para eles é tão simples e à dificuldade dos mais velhos para compreender algo que para eles é tão complicado.

Para promover não só a aprendizagem, mas também a partilha, esta oficina poderia ser lecionada pelos próprios netos ou filhos dos participantes, ou em parceria com uma escola. Desta forma, estariam a ser criados laços afetivos e a partilha intergeracional, tal como no exemplo anterior, sendo que a presente oficina seria destinada a crianças mais velhas.

²⁴ “Having objects at hand to play with is important as it speeds up the process and help participants to focus. As design material game pieces and props create a common ground that everybody can relate to and at the same time they act as 'things-to-think-with'.” Baseado em Seymour Papert (1980).

- Manualidades

Várias senhoras referiram que o seu passatempo era o croché ou os bordados, mas faziam-no sozinhas em casa. Quando questionadas se preferiam ter companhia neste *hobbie*, respondiam afirmativamente porque sempre podiam ter alguém para conversar e para trocar ideias.

Cada vez mais estas técnicas estão a ser esquecidas, especialmente pela população mais jovem. Será que não podemos reavivar estas tradições, tal como o projeto TASA o fez? Uma vez mais, a partilha de conhecimentos estaria presente nesta oficina, sendo que os que dominam esta técnica se disponibilizariam a ensiná-la (geralmente aos mais novos) e estes, com o seu entendimento atual do que é um produto moderno e apelativo, transformá-lo num produto de valor acrescentado.

“Assim, os atores se motivarão a trabalhar de forma conjunta, produzindo valor e qualidade (e não apenas comercializando bens físicos)” uma vez que o objetivo é a inovação através de técnicas com um longa história, baseado num “produto ampliado” (LEVITT, 1990, em KRUCKEN, 2009, p.46), onde são adicionadas aos produtos características que vão para além da sua função básica, com o objetivo de exceder “as expectativas normais dos compradores” (KRUCKEN, 2009, p.46). Neste caso, o fator diferenciador seria a identificação com o objeto construído, criando aqui uma relação inegável entre a memória e a identidade (CANDAU, 2008).

Estes novos produtos iriam remeter-nos para um sentimento de pertença e de comunidade, resgatando técnicas de fabrico, mas também memórias.

“O senso de comunidade é um sentimento que os membros têm de pertencer, um sentimento de que os membros são importantes uns para os outros e para o grupo, e uma fé compartilhada de que as necessidades dos membros serão atendidas através do compromisso de estarem juntos”²⁵ (MCMILLAN, 1976 em MCMILLAN e CHAVIS, 1986, p.9).

²⁵ “... sense of community is a feeling that members have of belonging, a feeling that members matter to one another and to the group, and a shared faith that members' needs will be met through their commitment to be together.”

- Vamos (re)construir a nossa casa

Apesar da maior parte das pessoas estarem satisfeitas relativamente à sua casa, ao percorrer o bairro para as entrevistas, observou-se – em várias entradas – materiais de construção bem como móveis antigos a ser restaurados e concertados pelos próprios moradores mesmo à porta das suas casas. A questão que se coloca é: será que os moradores estariam disponíveis para construir para todos?

Sugestão: Através da doação de materiais de construção provenientes de empresas da área, estes seriam destinados à construção de mobiliário pelos moradores, convertendo este projeto num projeto de design participativo e de caráter inclusivo. Tal como sucede nas Oficinas Cucula, o objetivo seria criar uma dinâmica em que os moradores fossem os principais intervenientes e, no final de algum tempo, toda a estrutura delineada funcionasse de forma independente. Ou seja, o mecanismo de recolha de materiais, de seleção dos mesmos, do transporte até ao bairro, do armazenamento em locais adequados e, finalmente, a autonomia dos habitantes, tendo em consideração as indicações previamente facultadas durante o processo, seguindo um modelo DIY ou, preferencialmente, DIWO onde se refletiriam as valências de cada um. Como refere Papanek (1971, p.2), “...projetei uma mesa de café com base em conceitos inteiramente novos de estrutura e montagem. Entreguei uma fotografia e desenhos da mesa à revista *Sunset*, que a imprimiu como um projeto *faça você mesmo* na edição de fevereiro de 1953. Quase imediatamente, uma empresa de móveis do sul da Califórnia, a Modern Color, Inc., arrancou o design e entrou em produção. É certo que eles venderam cerca de 8 mil mesas em 1953. Mas agora é 1970. A Modern Color já faliu há muito tempo, mas a *Sunset* reimprimiu recentemente o design em seu livro *Móveis que você pode construir*, para que as pessoas ainda estejam construindo a mesa para si.”²⁶

Para isso, teriam de existir empresas parceiras em diferentes setores que promovessem o funcionamento desta “máquina” através da doação de materiais ou de serviços (como o transporte) que se disponibilizassem, junto com os moradores, a manter este sistema a funcionar.

Este mecanismo sustenta-se em dois problemas principais, sendo que, a “resolução” de um contribuirá para a solução do outro. Deste modo, destacam-se os desperdícios de empresas de construção que, de certa forma, poderão contribuir para a melhoria das condições habitacionais, não só o mobiliário, como reparações que necessitem de ser realizadas nas casas. Estas reparações poderiam ser serviços prestados pelos próprios moradores, como refere José Maria Costa (2011, p.97) no seu livro.

²⁶ “Shortly after leaving school nearly two decades ago, I designed a coffee table based on entirely new concepts of structure and assembly. I gave a photograph and drawings of the table to the magazine *Sunset*, which printed it as a do-it-yourself project in the February 1953 issue. Almost at once a Southern California furniture firm, Modern Colour, Inc., ‘ripped-off’ the design and went into production. Admittedly they sold about eight thousand tables in 1953. But now it is 1970. Modern Colour has long since gone bankrupt, but *Sunset* recently reprinted the design in their book *Furniture You can Build*, so people are still building the table for themselves.”

Referências Bibliográficas

- A CIDADE PRECISA (2014) *A Cidade Precisa de Você*. Recuperado de <https://www.acidadeprecisa.org/>
- ÁGUAS, S. (2012) *Do design ao co-design: Uma oportunidade de design participativo na transformação do espaço público*. V22, pp.57-70. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- ATELIER DO SUL (2015) *Projeto TASA – Técnicas Ancestrais Soluções Atuais*. Recuperado de <http://projectotasa.com/>
- BANDEIRINHA, J. A. (2011) *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Publidisa.
- BECKER, H. S. (1999) *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec.
- BERNARD, H. R. (2006) *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. Lanham, MD: AltaMira Press,
- BIERNACKI, P., WALDORF, D. (1981) *Sociological Methods & Research. Problems Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling*. Volume 10, n 2 (pp. 141-162). Sage Publications.
- BLEASDALE, M., MCNAMARA, N., ZMUDZKI, F. e BRIDGE, C. (2014) *DIY Home Modifications: Point-of-Sale Support for People with Disability and their Carers*. Austrália: Universidade de Nova Gales do Sul (UNSW).
- BUCHANAN, R. (1992) *Wicked Problems in Design Thinking*. In Design Issues, v.8, n2, p. 5-21.
- BUXTON, W. (2005) *Innovation vs. Invention*. pp.52-53. Rotman Magazine Fall.
- BRANDT, E. e MESSETER, J. (2004). *Facilitating collaboration through design games*. Space Studio, pp. 121-131. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/221631290>
- CANDAU, J. (2008) *Memoria e Identidad*. Traducción de Eduardo Rinesi. Buenos Aires: Ediciones del sol.
- CARVALHO, C. P. (2018) *Utopia nas margens: o papel do design na cocriação de alternativas num contexto de exclusão social*. Universidade do Porto.
- COSTA, J. e LOBO, F. (2011). *Lameiras – Linhas do tempo*. Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.
- CUCULA (2014) *Refugees Company for Crafts and Design*. Recuperado de <https://www.cucula.org/en/>
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (15/08/2018) *Projeto de arte urbana transforma edifício das Lameiras em Famalicão*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.dn.pt/lusa/interior/projeto-de-arte-urbana-transforma-edificio-das-lameiras-em-famalicao-9721441.html>

- DIAS, J. (Realizador), CHAVES, A. (Produtor). (2007) *As Operações SAAL*. Portugal: Midas.
- ELVAS, S., MONIZ, M. (2010) *Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida*. In *Análise Psicológica*. V. 28(3), pp. 451-464.
- FELÍCIO, A. (jornalista), GOMES, P. (imagem), MAGALHÃES, R. (edição). (2018) *Mural em Famalicão – As quatro torres do Complexo Habitacional das Lameiras ganham nova imagem*. Vila Nova de Famalicão: Reportagem RTP. Consultado em junho 11, 2019 <https://www.youtube.com/watch?v=Q6cf2e9LNGU>
- FERNANDES, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. In *O Sítio das Drogas*. 2ª edição, pp. 23-40. Portugal: Editorial Notícias.
- FERREIRA, V. S. (2014) *Artes e manhas da entrevista compreensiva*. V. 23, n.3, p. 979-992. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- FLECK, M., LEAL, O., LOUZADA, S., XAVIER, M., CHACHAMOVICH, E., VIEIRA, G. PINZON, V. (1999) *Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100)*, pp. 19-28. Rev Bras Psiquiatr.
- GALINHA, I. (2008) *Bem-estar Subjectivo: Fatores cognitivos, afetivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto.
- GRAY, D. E. (2013). *Doing Research in the Real World*. Londres: Sage
- GRAY, D. E. (2017). *Doing Research in the Business World*. Londres: Sage.
- HERCULANO, S. (2000) A Qualidade de Vida e os seus Indicadores. In HERCULANO, S. *et al* *Qualidade de Vida e Riscos Ambientais*. Niterói: Eduff.
- JORNAL DE NOTÍCIAS (18/08/2018) *Jovens pintam personalidades nas torres de um bairro de Famalicão*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.jn.pt/local/videos/interior/jovens-pintam-personalidades-nas-torres-de-um-bairro-de-famalicao-9733421.html>
- JORNAL DO AVE (17/08/2018) *Jovens de Famalicão convertem torres do Edifício das Lameiras no maior projeto de arte urbana do Minho*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.jornaldoave.pt/jovens-de-famalicao-convertem-torres-do-edificio-das-lameiras-no-maior-projeto-de-arte-urbana-do-minho/>
- KRUCKEN, L. (2009) *Design e Território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo, Brasil: Studio Nobel.
- LALANDA, P. (1998) Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. In *Análise Social*, volume xxxiii, (871-883). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- LEDER, M. (Diretora), HYDE, C. (Autora do livro), (2000) *Pay It Forward*. Warner Bros.
- MACEDO, F. (2011) *A Arquitetura participativa de Filipe Balestra na Rocinha*. Lisboa: FAUTL:
- MASLOW, A. (1943). *A theory of human motivation*. (pp. 370-396) Psychological review.
- MCMILLAN, D. e CHAVIS, D. (1986) *Sense of Community: A Definition and Theory*. In Journal of Community Psychology, v.14, p. 6-23. George Peabody College of Vanderbilt University.
- MELLO, C., PICHLER, R., MULLER, C., ROMANO, F., BATTISTELLA, L. (2012) *Projeto de Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato*. V.5, n.1, p. 106-113. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

- OCEAN LAB (2019) *Re-food – Organização de Apoio Social*. Recuperado de <https://www.re-food.org/pt>
- OLIVEIRA, L. F. (2015) Paixão, criação ética e cientificidade nas pesquisas compreensivas. In *Cadernos de pesquisa*. V45 n158 p.990-995. Centro Universitário de Lavras – Unilavras.
- OLIVEIRA, I., MARQUES, A. e GUEDES, M. (2016) *Design Social para Valorização de uma Identidade local – Design de Sistemas Sociais*. Universidade do Minho.
- PAPANEK, V. (1971) *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change*. Bantam Books.
- PAPERT, S. (1980) *Mindstorms – Children, Computers and Powerful Ideas*. New York: Basic Book, Inc., Publishers.
- PEREIRA, D. e FERREIRA, F. (2018) *TRANSCREVER: Ações Participativas nos Bairros de Braga*. Editorial.
- PEREIRA, P. et al (1995) *GRANDES TEMAS DA NOSSA HISTÓRIA: História da Arte Portuguesa*. Terceiro Volume: Do Barroco À Contemporaneidade. (pp. 560-565) Círculo de Leitores.
- POLLAK, M. (1992) *Memória e identidade*. In *Estudos Históricos*, v.5 n.10, p.200-212. Tradução por Monique Augras e edição por Dora Rocha. Rio de Janeiro.
- PORTAS, N., DOMINGUES, A., CABRAL, J. (2003) *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*. (pp. 125-127). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PÚBLICO (16/08/2019) *Famalicão recebe o “maior projecto de arte urbana” do Minho*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.publico.pt/2018/08/16/p3/noticia/famalicao-recebe-maior-projecto-arte-urbana-minho-1841172>
- RAMOS, T. B. (2012) *Bairros Planeados e Novos Modos de Vida - Olivais e Telheiras: que contribuições para o desenho do habitar sustentável?* Casal de Cambra: Calendoscópio.
- RAMOS, T. B. (2014) *Arquitetura – Urbanismo – Design: Metodologias e métodos de investigação*. Casal de Cambra: Calendoscópio.
- RUBIO, M. I. J. (2005/2006) *La imposición de los puntos de vista durante la entrevista etnográfica*, pp.9-40. Antropologia Portuguesa, Coimbra.
- SANDERS, E. e STAPPERS, P. (2008) *Co-creation and the new landscapes of design*. V4, n1, pp.5-18. Taylor & Francis.
- SANTOS, S. (2009) *A Natureza do Vínculo na vida humana*. In *Revista de Ciências Humanas*, v. 43, n.1, p. 181-199. Universidade de Campinas.
- SARDO, D., BANDEIRINHA, J., COSTA, A., GADANHO, P., GREGOTTI, V. PORTAS, N., ... CORTES, J. (2014). *O Processo SAAL: arquitetura participação 1974-1976*. Porto: Fundação de Serralves.
- SEIDL, E. e ZANNON, C. (2004) Qualidade de vida e saúde: aspetos conceituais e metodológicos. In *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.20, n2, p580-588. Brasília: Universidade de Brasília, instituto de psicologia.

STAPPERS, P. e VISSER, F. (2007) *Bringing participatory techniques to industrial design engineers. In international Conference on Engineering and Product Design Education*. NewCastle: Northumbria University

Texto coletivo para a revista Architecture (1977) *Intervenção Participada na Cidade: Experiência S.A.A.L.* Escola Superior de Belas Artes do Porto – Curso de Arquitetura. Recuperado de <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/SAALnorteDivIntJul77.pdf>

The Landfillharmonic (2015). *The Landfill Harmonic*. Recuperado de <http://www.landfillharmonicmovie.com/>

TINO, ANÓNIMO, LUDDISTA (2005) *Urban Repairs*. Toronto: Blogger. Retirado de <http://urbanrepairs.blogspot.com/>

VINUTO, J. (2014) *A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate em aberto*. pp. 203-220. Campinas: Temáticas.

WHOQOL Group (1994). Development of the WHOQOL: Rationale and current status. International Journal of Mental Health. Recuperado de: <https://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/>

Apêndice 1 – Casos de estudo

SAAL - 1974/1976

“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene, conforto e que preserve a intimidade pessoal e privacidade familiar.”

Artigo 65º da Constituição da República Portuguesa – Habitação e urbanismo

É praticamente impensável falar de projetos participativos em Portugal e não incluir o SAAL. O Projeto SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local – foi um serviço público criado depois do 25 de abril de 1974, sendo um projeto pioneiro na Europa na parceria de arquitetos e população.

O direito à habitação é um direito de todos e foi por isso, que, logo após o 25 de abril de 1974, nasceu o SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), onde as pessoas eram “... motivadas pela esperança de obterem condições dignas de vida... (SARDO *et al*, 2014, p.6).” A participação dos moradores no processo, desde o seu planeamento, foi um dos pontos chave do SAAL, mantendo a ideia de “... projetar *com* os moradores e não *para* eles (SARDO *et al*, 2014, p.3).” Este conceito surgiu com a “... necessidade desta análise incorporar a compreensão das dinâmicas sociais, sob pena de se continuarem a produzir modelos desfasados e inadequados face à realidade” (PORTAS, DOMINGUES e CABRAL, 2003, p.126).

Ao aferir uma opinião pessoal relativamente ao que é incluído nas suas casas, os moradores sentem que fazem, efetivamente, parte do projeto. Ainda mais, se for possível que sejam eles próprios a construir (OLIVEIRA *et al*, 2016).

Este programa consistia na construção e reconstrução de habitações: citando Nuno Portas, “com o programa SAAL, o inquilino chega antes de qualquer decisão ser tomada” (SARDO *et al*, 2014, p.2), permitindo a “participação dos próprios interessados no decorrer do processo de concretização das realizações planeadas” (BANDEIRINHA, 2011, 76). Porém, esta possibilidade, por vezes refletia-se em comportamentos menos adequados, referindo até que “negavam qualquer consciência dos problemas por parte do arquiteto e impunham a sua maneira de ver e pensar. O diálogo era muito polémico”²⁷ (GOMES, 1995, p.563).

²⁷ GOMES, P. V. (1995) A Revolução com um Grão de SAAL (1974-1976/1979) in PEREIRA, P. *GRANDES TEMAS DA NOSSA HISTÓRIA: História da Arte Portuguesa*. Terceiro Volume: Do Barroco À Contemporaneidade (p.563). Circulo de Leitores.

“Consciente de que esta participação acarreta uma complexidade no processo de planeamento e que a satisfação não é inteiramente alcançada, criam-se condições para que a abordagem aos problemas urbanos seja facilitada e talvez, ultrapassada.” (RAMOS, 2012)

Os moradores também rejeitaram o sistema de autoconstrução (BANDEIRINHA, 2011, p. 122) – defendido pelo arquiteto inglês Turner – alegando que todos tinham os mesmos direitos à habitação, ou seja, se “os ricos” tinham direito às suas casas prontas a habitar, eles também tinham. Segundo o ideologista deste conceito – Nuno Portas – este sistema de construção pelos próprios moradores foi adotado uma vez que os moradores deveriam pagar 60% das suas casas e, já que não tinham possibilidades económicas para o fazer, a solução era através da mão-de-obra. O que acabou por não se verificar, porque o Estado financiou 100% das empreitadas, sendo que, forneceu a maioria dos materiais para a construção, mas outros derivaram de desperdícios, nomeadamente provenientes da demolição das casas (BANDEIRINHA, 2011).

Contudo, nem tudo foi pacífico, apesar das intenções das brigadas serem as melhores “a gente não acreditou neles e ainda os mandamos embora. Não lhes batemos porque não calhou (DIAS, 2007)” refere uma moradora, no documentário produzido por João Dias. A cooperação entre as brigadas multidisciplinares do SAAL e os moradores geraram conflitos, chegando mesmo a haver desacatos nas instalações do SAAL/Norte devido às tensões entre os populares e os dirigentes das operações.

Este projeto viu o seu fim em outubro de 1976, com “o pretexto de não dar resposta às necessidades expressas das populações nele englobadas, de contribuir para o caos e anarquia urbanístico, de iludir os problemas reais com que este tipo de processo se deve debater (DIAS, 2007).”

Muitos outros arquitetos – nacionais e estrangeiros – partilham desse pensamento. O arquiteto italiano Giancarlo de Carlo (1970, p.275) defende que “os bairros e edifícios planeados para os utilizadores degradam-se porque os utilizadores, não tendo participado no seu planeamento, não conseguem apropriar-se deles e, por conseguinte, não têm motivos para defendê-los²⁸.”

O término deste projeto revolucionário acabou por ser falado na Europa, pelas melhores razões.

²⁸ De Carlo, G. (1970) O público da arquitetura, 1970. In *O Processo SAAL: arquitetura participação 1974-1976*. Porto: Fundação de Serralves.

Urban Repair Squad – 2005/atualidade

Decorria o ano de 2005 quando, em Toronto, os *Urban Repair Squad*, decidiram retaliar sobre o estado em que se encontravam as estradas destinadas a bicicletas: “eles dizem que a cidade está falida. Nós concertamos. Sem custos ²⁹ (URBANREPAIRS).” Após verificar a existência de um problema ou de uma melhoria, é reunida a equipa e a intervenção é feita num curto período de tempo, com a ajuda de quem quiser participar. Esta iniciativa procura, não só resolver algumas adversidades na prática segura do ciclismo através da recuperação do património, mas também a aproximação e consciencialização da população para os problemas existentes, contribuindo para a sua resolução. Para além das reparações realizadas para a segurança dos ciclistas, também são transmitidas mensagens e alertas para um percurso seguro, tanto dos ciclistas como dos automobilistas e peões. Atualmente, este projeto é replicado por todo o mundo com intervenções semelhantes.

Landfill Harmonic – 2009/atualidade

A Landfill Harmonic é um grupo de músicos cujos instrumentos foram construídos por eles mesmos a partir do lixo do aterro de Cateura, em Assunção, Paraguai. Este projeto ganhou vida pelas mãos do músico paraguaio Fávio Chávez, em abril de 2009, após verificar que as crianças desta comunidade brincavam no aterro. Assim, pensou em ensinar-lhes música, mas não tinham instrumentos, até que um habilidoso apanhador de lixo começou a construir os instrumentos destes músicos a partir de latas, garfos, tampas e tudo mais que encontrasse. O facto de os instrumentos serem reciclados também foi uma vantagem uma vez que, mesmo que eventualmente tivessem dinheiro para comprar um instrumento convencional, havia o risco de ser roubado.

Em março de 2015 estreou um filme baseado neste projeto que é “um testemunho do poder transformador da música e da resiliência do espírito humano³⁰ (LANDFILLHARMONIC, 2015).”

Este projeto participativo teve um grande contributo no desenvolvimento, na formação e na educação das crianças daquela comunidade. Iniciou-se como um passatempo para desviar as crianças dos problemas em casa, das drogas, e do contexto em que viviam, e transformou-se numa orquestra onde algumas dessas crianças percorrem o mundo integrando orquestras profissionais.

²⁹ “They say city is brke. We fix. No charge.”

³⁰ “... is a testimony to the transformative power of music and the resilience of the human spirit.”

Projeto Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato – 2010/2011

Carolina Iuva de Mello, Rosimeri Pichler, Caroline Muller, Fabiane Romano e Luciana Battistella foram cinco mulheres que deram vida a um projeto de design social que consistia não só na geração de receitas, mas também do resgate cultural de uma comunidade, através do artesanato. Este projeto foi desenvolvido no Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil entre março de 2010 e dezembro de 2011.

No projeto “Vila Jardim Artesanato” foram doados tecidos para a confecção de carteiras utilizando a mão-de-obra local. Porém, costurar não era uma aptidão da maioria das mulheres do bairro e, por isso, foram ensinadas a fazê-lo, através de técnicas mais simples e de fácil aprendizagem. Deste modo, 14 mulheres desta comunidade, com idades compreendidas entre os 17 e os 61 anos, aprenderam a costurar e iniciaram assim a produção de peças de artesanato que seriam vendidas, promovendo assim a economia e a integração na comunidade através do *design* social.

“Assim o profissional de design passa a ser um agente de transformação social, pois é capaz de modificar e melhorar o meio em que vive e a vida dos participantes das ações” (MELLO *et al*, 2012, p.112).

Em suma, o projeto de resgate cultural através do artesanato foi enriquecedor, visto que teve uma componente prática, como era previsto, e cumpriu os seus objetivos através da inclusão e participação, contribuindo para o desenvolvimento económico daquela comunidade.

TASA – Técnicas Ancestrais, Soluções Atuais - 2010/atualidade

O Projeto TASA, tal como o próprio nome diz, consiste em “dar uma nova vida” às técnicas ancestrais de artesanato. Este projeto nasceu, pelas mãos de Álbio Nascimento e Kathi Stertzig, em 2010, no Algarve e o objetivo é dinamizar as técnicas e as peças de artesanato já existentes, adaptando-as a novas funções para uma maior valorização. António Luz, marceneiro que colabora com o projeto, refere que apesar de não gostar que “deem palpites” sobre o seu trabalho – especialmente quem o faz sem conhecimento da arte – gosta de ouvir novas ideias e está disposto a aceitá-las (TASA, 2015).

O processo metodológico teve como inspiração as técnicas da região e, a partir de conversas com os próprios artesãos, foram desenvolvidos novos produtos, “um toque de modernidade sem nunca perder a sua genuinidade” (PROJETO TASA, 2015), como refere Júlio Faustino, produtor de ladrilhos.

Deste modo, conclui-se que o objetivo é, através do design, promover a transmissão de saberes, pelas mãos de artesãos, mantendo vivo o artesanato português.

REFOOD – 2011/atualidade

O Refood nasceu no início de 2011, em Portugal, como resposta aos desperdícios de comida que se verificam diariamente. Este sistema contempla, não só a recolha dos bens alimentares, como também a sua entrega aos que mais necessitam, através de voluntários, espalhados por todo o país. A comida é doada por entidades parceiras, e deriva dos seus desperdícios alimentares em estado adequado para consumo. Após a recolha desses alimentos pelas equipas de voluntários da REFOOD, estes são embalados e distribuídos por quem precisa através de pontos de distribuição, entregas ao domicílio ou levantamento na sede.

Este movimento tem três objetivos principais: eliminar o desperdício de alimentos, acabar com a fome e a solidariedade. Deste modo promove-se a inclusão, tanto através da doação de bens alimentares, como também pelos voluntários que, diariamente, tornam possível esta dinâmica. Para além disso, a sustentabilidade e a consciencialização dos desperdícios procura reverter esta realidade, criando uma alternativa viável para o desperdício alimentar.

A Cidade Precisa de Você - 2013/atualidade

A Cidade Precisa de Você é uma organização sem fins lucrativos que constrói “cidades mais justas, inovadoras, democráticas, seguras, saudáveis e vibrantes (...) através da ativação e melhoria de espaços públicos (A CIDADE PRECISA, 2014).”

A sua metodologia de trabalho, começa na aplicação dos conhecimentos já adquiridos, seguindo-se para a identificação de possíveis locais de intervenção. Ao interagir com a população local, escutando as suas necessidades e sugestões para melhorar os espaços públicos das cidades, conseguem compreender as relações interpessoais e os espaços em causa.

Como não têm soluções pré-definidas, as suas intervenções resultam sempre de experiências, seguindo o conceito *DIWO* para o desenvolvimento de mobiliário urbano, tanto temporário como permanente, com especial atenção à sustentabilidade. Aqui é incentivada a participação de todos, mas é necessário que exista um plano de trabalho que contemple a organização das equipas para a futura co-criação dos protótipos.

Cucula – 2013/atualidade

A Cucula surgiu na Alemanha, no final de 2013, com o objetivo de proporcionar aos refugiados um futuro profissional. Este programa educacional foca-se em prepará-los não só para o emprego, mas também para o desenvolvimento da sua autoconfiança, reestruturando as suas vidas e (re)integrando-os na sociedade.

Deste modo, é oferecido não só apoio educacional, como também financeiro, social e judicial, procurando motivar os refugiados para a integração no mercado de trabalho.

É nas oficinas Cucula que tudo ganha vida pelas mãos dos refugiados, designers e artistas, resultando em peças de mobiliário de grande qualidade. Apesar de alguns objetos serem criados pelos próprios trabalhadores, a sua maioria são reproduções dos modelos do designer italiano Enzo Mari. 40 anos após o lançamento do seu livro “Autoprogettazione”, em 1974, é cedida à Cucula a possibilidade de replicar estes produtos. Todos eles são feitos manualmente, com a respetiva assinatura, utilizando a madeira de pinho tratada com óleo natural.

As receitas das vendas revertem para o aluguer do espaço, o alojamento, a educação, os salários dos funcionários refugiados e para os restantes trabalhadores e administrativos. Contudo, e apesar da intenção em ter um modelo de negócio sustentável e independente, esta instituição ainda está dependente de doações.

DIY Home Modifications - 2014

No livro “*DIY HOME MODIFICATIONS*” (BLEASDALE, 2014) são retratadas as modificações e as adaptações realizadas pelas próprias pessoas, face às suas próprias necessidades, com particular incidência para a acessibilidade e ergonomia.

A identificação do problema é feita pela pessoa que está diariamente em contacto com aquele produto/objeto/local e, perante a sua utilização (ou não utilização) determina que ali existe algo que deveria sofrer uma alteração. Assim, procedem a “modificações caseiras” realizadas por elas mesmas – ou por outros, mas tendo em consideração as suas indicações - com o objetivo de as adaptar às suas necessidades. Todavia, deverá ser considerado que estas transformações sem análise de um especialista, podem não ser adequadas quer a nível de segurança quer a nível de utilização comum.

Porém, estes trabalhos, na sua maioria resultam da interação, opinião e participação de várias pessoas, com diferentes valências, que procuram resolver um problema seu, ou da comunidade.

Utopia nas margens: o papel do design na cocriação de alternativas num contexto de exclusão social – 2015/2018

Este projeto foi desenvolvido em consequência da tese de doutoramento de Cecília P. Carvalho, no bairro do Lagarteiro, no Porto durante cerca de dois anos.

Seguindo a lógica da investigação-ação participativa, foram desenvolvidas estratégias de investigação através de workshops, sondas culturais, *design games*...

O processo iniciou-se com a observação participante nas sessões de atendimento cujo objetivo era perceber quais as verdadeiras necessidades dos moradores. O diário de bordo registou estes momentos através do desenho das pessoas que se deslocaram ao gabinete, bem como o seu posicionamento e comportamento na sala, no decorrer da sessão.

Foi na sequência de um exercício apelidado por Arena das Necessidades, que se verificou que a alimentação e os seus hábitos seriam objeto de estudo pela investigadora. O “livrete-sonda” foi idealizado como forma de registo de informações em cada agregado familiar e deveria ser preenchido de acordo com as normas facultadas. Para além disso, foram ainda desenvolvidos *design games* com o objetivo de criar uma dinâmica apelativa para a investigação, provocando o contacto com as pessoas, como é exemplo o estudo dos produtos existentes no frigorífico e na dispensa de cada família. Para esta avaliação, apenas os alimentos existentes eram recortados e colados no quadro com as imagens associadas, percebendo assim, tanto as quantidades como a variedade de produtos em cada casa.

Na sequência dos dados obtidos anteriormente, procedeu-se a conversas informais que visavam perceber o porquê da escolha dos produtos referidos e também os hábitos alimentares e a rotina das compras. Aqui foram mapeados os locais habituais na compra e aquisição de alimentos dos agregados familiares e os seus respetivos trajetos desde casa.

Como conclusão, refere-se que o orçamento das famílias está intrinsecamente relacionado com os seus hábitos alimentares, para a maioria dos inquiridos neste processo. Deste modo, estabeleceu-se uma relação entre as rotinas alimentares e a predisposição – ou não – de quem elabora as ementas. A falta de interesse pela culinária ou o tempo para a execução das refeições, são as razões apontadas para justificar os hábitos alimentares das famílias do bairro do Lagarteiro. Contudo, como oportunidade para o desenvolvimento, foram ainda propostas sessões com especialistas da área para que eles possam intervir e procurar uma alternativa para esta realidade.

Space Transcribers – 2018/atualidade

Os Space Transcribers relatam uma realidade "onde os protagonistas se confundem com os autores das suas histórias", entrando em contacto com comunidades de bairros sociais de Braga, através das histórias e de intervenções dos próprios autores do livro que procuram estabelecer uma relação de proximidade entre "os bairros" e "as cidades", contando as suas histórias e criando memórias.

“Um bairro social é um sítio para o qual nunca ninguém quer ir porque é uma «causa perdida» (...) não são edifícios muito interessantes arquitetonicamente”.³¹

Conhecer as pessoas, os seus hábitos e as tradições foi um dos objetivos deste grupo, mas referem que é difícil fazê-lo através de inquéritos, e por isso, optaram por uma abordagem “mais próxima”. Os primeiros contactos com os bairros foram visitas aos mesmos acompanhados por representantes da Câmara Municipal de Braga e da BragaHabit, entidade responsável pela gestão destes bairros. Contudo, sentiram o desprezo da população como forma de protesto pelas condições em que viviam, perante a presença das entidades responsáveis. Isso provocou automaticamente um afastamento das pessoas e uma consequente rejeição de uma possível abordagem dos Space Transcribers.

Tendo em consideração as adversidades encontradas, a segunda tentativa consistiu em recorrer às associações já agregadas aos bairros. Porém, também foi em vão. Os anteriores projetos falhados motivaram o desinteresse desta parceria.

Deste modo, perceberam que talvez a melhor maneira fosse a comunicação direta com os habitantes. “E isto foi o ponto de viragem para o desenvolvimento de toda a investigação (PEREIRA e FERREIRA, 2018, p.68).” Apesar das dificuldades, foi assim que conseguiram chegar à população, através de conversas onde, numa fase inicial, obtiveram respostas agressivas devido ao desconhecimento das suas intenções no bairro e da anterior associação a entidades referidas anteriormente. Foi através de um sistema fotográfico que “quebraram o gelo”. Este consistia em tirar duas fotografias numa máquina *Polaroid*, sendo que, no momento, uma das fotografias era oferecida à pessoa e a outra arquivada, o que serviu como “desbloqueador de conversa” uma vez que não é costume oferecerem-lhes algo (PEREIRA e FERREIRA, 2018, p.68).

Um dos métodos utilizados foi a cartografia, através do mapeamento dos bairros sociais, com base nos arquivos de 1969 da BragaHabit, onde estavam distribuídas as habitações (e o seu interior) e os elementos circundantes como lojas, serviços e espaços verdes. Para além disso, foram fotografadas várias entradas dos blocos, janelas, caixas de correios, tapetes, estendais, grafitis e outros elementos relativos ao bairro, permitindo uma comparação entre eles (PEREIRA e FERREIRA, 2018, p.72).

³¹ Daniel Pereira e Fernando Ferreira, 9 de janeiro de 2019, Palestra na Universidade do Minho.

Neste projeto foram realizadas cinco oficinas participativas: maquetas coletivas, fotografia, paisagens sonoras, vídeo e histórias socioespaciais de mulheres ciganas. A primeira consistiu na construção das maquetas de cada um dos bairros, pelos próprios moradores; a segunda era destinada às crianças e jovens e visava fotografarem o que eles consideravam os “monumentos do bairro”; a terceira tinha o mesmo público-alvo da anterior e o objetivo era registrar os ruídos característicos do bairro; a quarta documentava o bairro em vídeos, conhecendo a sua rotina dentro da própria casa; por último, as histórias das mulheres ciganas revelam a sua cultura, vivências e preconceitos, de forma anônima.

Porém, fica a questão: em que medida estes projetos melhoraram, de alguma forma, a qualidade de vida ou as condições de vida dos moradores do bairro?

Apêndice 2 – Cronologia das Lameiras

1978	Início da construção
Fevereiro	<p><i>“A construção deste Aglomerado Habitacional, em pleno centro urbano de Vila Nova de Famalicão, foi motivo de muita discussão pública...”</i>³²</p> <p>Para além de todos os entraves à construção, a empresa vencedora do concurso – a Opercal – faliu, atrasando ainda mais o processo.</p>
1982	Primeiras pessoas alojadas
Dezembro	Nos últimos dias de 1982, três famílias foram alojadas no bairro, ainda sem água nem luz. ³³
1983	Começou a ser habitado
Fevereiro	Foi a partir de fevereiro que o Edifício das Lameiras começou a ser habitado e, apenas dois meses depois, já estava praticamente todo ocupado. ³⁴
1983	Inauguração do Edifício das Lameiras
Abril	<p><i>“As entidades públicas envolvidas na construção estavam com a consciência tão pesada que nem inauguraram o edifício, deixando os moradores ao abandono.”</i>³⁵ Armindo Costa</p> <p>O Dia do Edifício tornou-se possível quando os moradores se organizaram e, em colaboração com a Paróquia de Antes, celebram, no bairro, uma missa campal, no Dia de Páscoa.³⁶</p>

³² COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.12). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

³³ Ib. p.9.

³⁴ Ib. p.12.

³⁵ https://www.cm-vnfamalicao.pt/_camara_investiu_um_milhao_e_535_mil_euros_nas_lameiras

³⁶ COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.12). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

1984	Fundação da Associação de Moradores das Lameiras
Maio	No dia 25 de maio de 1984 foi fundada a Associação de Moradores das Lameiras cujo Presidente foi Eduardo Saraiva. ³⁷
1985	Inauguração do Centro Social das Lameiras
Maio	No dia 25 de maio de 1985 foi inaugurado no R/C do Edifício das Lameiras, o Centro Social. ³⁸
1987	Criação do “Lameiras” – Boletim Cultural e Informativo da AML
	<i>“Em fevereiro de 1987 (...) graças à carolice de um punhado de jovens (e alguns adultos) residentes nas Lameiras e na Avenida Humberto Delgado...”³⁹</i>
1989	Reabilitação do Edifício
	<i>“Nos anos de 1989 e 1990, o Edifício foi reabilitado, passando a ostentar, na parte exterior uma outra fisionomia, mais moderna e digno da cidade que o vi nascer.”⁴⁰</i>
1993	Inauguração da escola – atualmente em atividade
Maio	<i>“Passados oito anos, em 7 de maio de 1993, foi inaugurada uma nova escola de raiz, a funcionar de forma modelar na Rua da Associação de Moradores das Lameiras. Esta escola não serve apenas o complexo habitacional, mas toda a zona nascente da cidade de Famalicão.”⁴¹</i>

³⁷ COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (pp.41/63). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

³⁸ Ib. p.64.

³⁹ Ib. p.79.

⁴⁰ Ib. p.13.

⁴¹ Ib. p.13.

1997	Parceria entre o IGAPHE e a AML
Dezembro	<i>“Em dezembro de 1997, foi assinado em Lisboa, na sede do IGAPHE, um convénio com a Associação de Moradores das Lameiras, que permitiu uma série de intervenções sincronizadas com as duas instituições que vieram dar uma nova imagem ao interior do Complexo Habitacional das Lameiras.”⁴²</i>
1999	Inauguração do Pavilhão Municipal das Lameiras
Março	No dia 13 de março de 1999 foi inaugurado o Pavilhão Municipal das Lameiras. ⁴³
2000	Lançamento da primeira pedra do Centro Social
Maio	O dia 25 de maio de 2000 ficou marcado na comunidade pelo lançamento da primeira pedra do novo Centro Social e Comunitário, pelo Presidente da República Dr. Jorge Sampaio. ⁴⁴
2003	Início do funcionamento do Centro Social das Lameiras
Março	<p>O Centro Social das Lameiras começou a funcionar em março de 2003, mas só foi inaugurado a 30 de setembro desse ano.⁴⁵</p> <p>É constituído por:⁴⁶</p> <ul style="list-style-type: none"> - Berçários e Creches para 83 crianças; - Jardim de infância com três salas para 75 crianças; - CATL - Actividades dos tempos livres com 110 crianças; - Centro de dia para 32 idosos; - Apoio Domiciliário para 44 idosos; - Lar de idosos para 35 utentes. <p>Para além disso, ainda dispõe de secções culturais, desportivas e serviços de intervenção social, com o apoio de diversas entidades parceiras.</p>

⁴² COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.13). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

⁴³ Ib. p.36.

⁴⁴ Ib. p.59.

⁴⁵ Ib. p.36.

⁴⁶ Recuperado de: <https://amlameiras.pt/centro-social-respostas-socias>

2004	Acordo de Colaboração entre o IGAPHE e a AML
Maio	<i>“Com a assinatura este acordo foi possível, nos anos seguintes, proceder a uma série de intervenções no Edifício e espaços envolventes que vieram dignificar aquele espaço habitacional e melhorar a vida de todos os residentes.”⁴⁷</i>
2005	Reabilitação do Parque de Jogos do Edifício das Lameiras
Maio	<p>No dia 10 de maio de 2005 presenciou-se a Inauguração dos melhoramentos realizados no Parques de Jogos do Edifício das Lameiras, tornando-o assim “com as condições ideais para a prática desportiva.”</p> <p>Segundo o Sr. Presidente da Câmara, Armindo Costa, “o lastimoso estado em que se encontrava o parque de jogos das Lameiras e a extrema de necessidade de o reparar” foram os fatores que moveram a autarquia famalicense a “assumir a responsabilidade de proceder a profundas obras de remodelação daquele espaço, tornando-o mais digno e apelativo à prática desportiva,...”⁴⁸</p>
2006	Reabilitação da zona envolvente do Edifício das Lameiras
Julho	No dia 09 de julho de 2006 foi inaugurada a zona envolvente do Edifício das Lameiras. ⁴⁹
2006	Melhoramento no Parque Infantil do Edifício das Lameiras
Dezembro	No dia 28 de dezembro de 2006 todos os moradores das Lameiras – especialmente as crianças – foram convidadas a comparecer na inauguração dos melhoramentos do Parque Infantil do Edifício das Lameiras. ⁵⁰

⁴⁷ COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.14). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

⁴⁸ <https://amlameiras.pt/index.php?oid=964&op=all>

⁴⁹ COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.36). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

⁵⁰ *Ib.* p.37.

2008	Inauguração da área Social, Desportiva e Cultural do Edifício das Lameiras
Março	No dia 23 de março de 2008 foi inaugurada a área Social, Desportiva e Cultural no Edifício das Lameiras, ao mesmo tempo que se celebravam os 25 anos do CHL. ⁵¹
2012	Inauguração do Parque da Devesa
Setembro	<p>Foi a 28 de setembro de 2012 que o Parque da Devesa foi Inaugurado, após um ano desde o início da obra e 50 anos de “aspirações da população.”</p> <p>Foi pela autoria do Arquiteto famalicense Noé Diniz que este projeto ganhou vida, e atualmente podemos disfrutar de um espaço verde urbano com 27 hectares. Aqui, a prática de desporto e o convívio são constantes, privilegiando o contacto com a Natureza.⁵²</p>
2018	Pintura das Torres do Edifício das Lameiras pela CASA AO LADO
Agosto	A comunidade das Lameiras foi notícia a 15 de agosto de 2018, pelos melhores motivos. A intervenção artística da CASA AO LADO ⁵³ catapultou este bairro social para os jornais regionais ⁵⁴ e nacionais, ⁵⁵ tendo até sido feita uma reportagem televisiva pela RTP ⁵⁶ . Esta ação participativa, contou com as crianças e jovens que puderam ver as suas caras pintadas nos murais do bairro, para além da representação de personalidades históricas ligadas à cidade, nas torres do CHL.

⁵¹ COSTA, J. e LOBO, F. (2011) Ser ou não ser “Bairro Social”. In *Lameiras – Linhas do tempo* (p.64). Vila Nova de Famalicão: Associação de Moradores das Lameiras.

⁵² http://www.parquedadevesa.com/_parque_apresentacao

⁵³ <https://www.acasaalado.com/>

⁵⁴ JORNAL DO AVE (17/08/2018) *Jovens de Famalicão convertem torres do Edifício das Lameiras no maior projeto de arte urbana do Minho*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.jornaldoave.pt/jovens-de-famalicao-convertem-torres-do-edificio-das-lameiras-no-maior-projeto-de-arte-urbana-do-minho/>

⁵⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS (15/08/2018) *Projeto de arte urbana transforma edifício das Lameiras em Famalicão*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.dn.pt/lusa/interior/projeto-de-arte-urbana-transforma-edificio-das-lameiras-em-famalicao-9721441.html>

JORNAL DE NOTÍCIAS (18/08/2018) *Jovens pintam personalidades nas torres de um bairro de Famalicão*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.jn.pt/local/videos/interior/jovens-pintam-personalidades-nas-torres-de-um-bairro-de-famalicao-9733421.html>

PÚBLICO (16/08/2019) *Famalicao recebe o “maior projecto de arte urbana” do Minho*. Consultado em junho 11, 2019, em <https://www.publico.pt/2018/08/16/p3/noticia/famalicao-recebe-maior-projecto-arte-urbana-minho-1841172>

⁵⁶ FELÍCIO, A. (jornalista), GOMES, P. (imagem), MAGALHÃES, R. (edição). (2018) *Mural em Famalicão – As quatro torres do Complexo Habitacional das Lameiras ganham nova imagem*. Vila Nova de Famalicão: Reportagem RTP. Consultado em junho 11, 2019 <https://www.youtube.com/watch?v=Q6cf2e9LNGU>

Apêndice 3 – Resultados dos Imanes da Quali-felici-dade

